

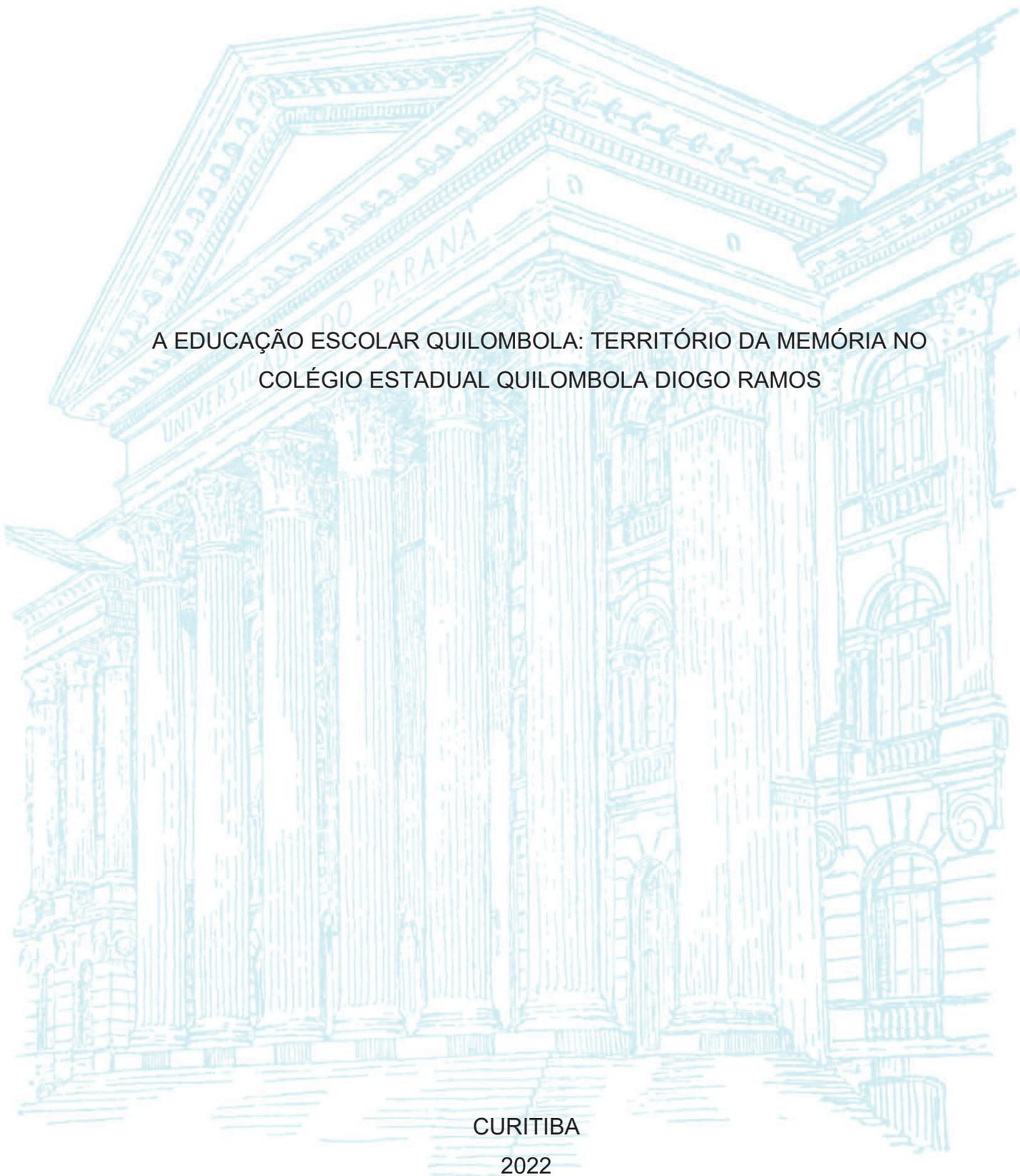
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GLAUBER COUTINHO GOMES

A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: TERRITÓRIO DA MEMÓRIA NO  
COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS

CURITIBA

2022



GLAUBER COUTINHO GOMES

A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: TERRITÓRIO DA MEMÓRIA NO  
COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS

Dissertação apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná.

Linha de Pesquisa: Ruralidades, Ambiente e Sociedade.

Orientadora: Dra. Carolina dos Anjos de Borba  
Coorientador: Dr. Roberto Gonçalves Barbosa.

CURITIBA – PR

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Gomes, Glauber Coutinho

A educação escolar quilombola: território da memória no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos / Glauber Coutinho Gomes. – Curitiba, 2022.  
1 recurso online: PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Orientadora: Dra. Carolina dos Anjos de Borba  
Coorientador: Dr. Roberto Gonçalves Barbosa

1. Quilombolas - Paraná. 2. Educação. 3. Etnografia - Brasil.  
I. Borba, Carolina dos Anjos de. II. Barbosa, Roberto Gonçalves.  
III. Universidade Federal do Paraná. Programa Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. IV. Título.

Bibliotecária: Telma Terezinha Stresser de Assis CRB-0/044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MEIO AMBIENTE E  
DESENVOLVIMENTO - 40001016029P1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de GLAUBER COUTINHO GOMES intitulada: *Educação Escolar Quilombola: Território da Memória no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos*, sob orientação da Profa. Dra. CAROLINA DOS ANJOS DE BORBA, que após lerem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Abril de 2022.

Assinatura Eletrônica  
26/04/2022 09:27:56.0

CAROLINA DOS ANJOS DE BORBA  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
27/04/2022 17:29:11.0

CASSIUS MARCELUS CRUZ  
Avaliador Externo (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
26/04/2022 09:04:15.0

CARINA CATIANA FOPPA  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
26/04/2022 13:14:36.0

PATRICIA DOS SANTOS PINHEIRO  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA)

Rua dos Funcionários 1540 - CURITIBA - Paraná - Brasil  
CEP 80035-050 - Tel: (41) 3350-5764 - E-mail: made@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.  
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte Identificação única: 178076

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prrpg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e insira o código 178076

[...]

As crianças nascerão, sem meta nos olhos  
É as suas mãos sujar-se-ão  
Com o mel do nosso olhar

As crianças serão crianças negras, loiras ou brancas  
Serão pétalas da mesma flor

Nas feridas do seu parto  
A raiz do nosso umbigo  
Beberam a seiva  
E do ventre da mamã terra  
Germinarão as sementes  
Das nossas certezas  
E nos embriagaremos  
Da carne dos seus frutos

As crianças nascerão  
Sem metas nos olhos  
E as suas mãos sujar-se-ão  
Com o mel do nosso olhar  
[...]

(Mamã Terra - Rui Mingas – 1976)

Porque mesmo que queimem a escrita,  
Não queimarão a oralidade.  
Mesmo que queimem os símbolos,  
Não queimarão os significados.  
Mesmo queimando o nosso povo,  
Não queimarão a ancestralidade  
(NÊGO BISPO)

Extraímos os frutos das árvores  
Expropriam as árvores dos frutos  
Extraímos os animais da mata  
Expropriam a mata dos animais  
Extraímos os peixes dos rios  
Expropriam os rios dos peixes  
Extraímos a brisa do vento  
Expropriam o vento da brisa  
Extraímos o fogo do calor  
Expropriam o calor do fogo  
Extraímos a vida da terra  
Expropriam a terra da vida  
Politeístas!  
Pluristas!  
Circulares!  
Monoteístas!  
Monistas!  
Lineares!  
(NÊGO BISPO)

## AGRADECIMENTOS

Nomes são mundos, são livros, histórias e fontes históricas, que corta o corpo e deixa cicatrizes da vida; nomes como:

Izabel, Débora, Jean, Ivan, Heloisa, Iuri, Ilana e Ivanise. O antes fez Vicente, Elza e Mariana...

Criou-se os nomes e criou-se a criação. João e Olinda Thomas e Marina José e Laurentina; Esmeralda, Hércules, José, João, Helena, Cecília, Etel, Paulão, Zé de Ouro alquimista, tio Paulino, Izac, Jurema, Marcinha, Marcinho...Josi, Eliana e Nalva;

O grande campo criou Cleber, Malu, João o grande, Heubert, Gabriela, Josué, Elaine, Izabel, Fernando, Paula, Carlos, Urga, Claudinei, Carlinhos, Henrique, Joy, Vila rica, Anália, Alba, Jaci, Evandro, Tapajós, Utiáriti. Cangere, Rogério Boca, Jean, Diego, Gustavo, Eduardo.

Terezinha, Lélia, Glauce, Ingrid e família.

Camapuã, Curitiba, o pensador, João de Angola, Ari, Daros, Camila, Janaina; Osni, Laura, Alexandre, Alexandre, Pedro, Pedro, Sirley, Alfredo Neto, Samuel, Flávia, vó Ana;

PUC, Lucciano, Aécio, Guilherme, Giovana, Ana, Mayara, Elton, Wagner, Wilson, Maria, Adriana, Etiane, Daniele, Ricardo, ...Walmor, Anderson; Pamela, Heloisa, Gisele, Gisele, Willen.

Douglas, Cristiane, Stelinha, Jorge, Marcinho, Ederson, Roberto, Kelly, Everton, Matheus, Raulene, Wilson, Ronaldo, Thais, Federico, Fernanda, David, Manoel, Manoel, Joice, Ana Cristina, Elias, Algacir, Etelvina, Pilar Maturana, Orione, João Turin, Davi, Dirceu, Renato, Andréia, Paulo... Gilson, Bruno e tantas outras e outros...

Os ensinamentos em nossa vida, nunca veem só, nasce sempre da coletividade e essa foi nessa fase de minha vida que encontrei meios, formas, instituições e pessoas que embasaram essa dissertação.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por viabilizar dois anos de bolsa para mais esta formação acadêmica diferenciada e de qualidade. Ao movimento negro e ao ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, por cotas e permanência nas universidades públicas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMADE) na figura das Professoras Dra. Carolina dos Anjos de Borba e Dra. Carina Catiana Foppa.

Agradeço à professora Dra. Carolina dos Anjos de Borba, minha orientadora, pela paciência, pelos ensinamentos, pelas aulas, pelas referências, meu respeito e admiração intelectual, vivi experiências incríveis; reitero as mesmas palavras e agradecimentos ao coorientador professor Dr. Roberto Gonçalves Barbosa.

Meus agradecimentos aos professores/as da banca de defesa deste mestrado, Professora Carla Pereira (Comunidade Quilombola João Surá), Professora Dra. Carina Catiana Foppa, Professor Dr. Cassius Marcelus Cruz, Professora Dra. Patrícia Pinheiro pelas análises, apontamentos pertinentes à dissertação.

Meu muito obrigado se estende ao Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade, aos meus colegas de intelectualidade: Fabiane da Silva, Sanciaray da Rosa, Helena Coutinho, Benedito Júnior, Débora Olímpio, Carla Pereira e a todos e todas que contribuíram e contribuem para pesquisas voltadas à diversidade.

Não poderia deixar de maneira nenhuma de mencionar com profunda gratidão à Comunidade Quilombola João Surá, que me recebeu com afeto e me permitiu entrar em suas casas e no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos. Aprendi, ouvi histórias, conheci pessoas que jamais esquecerei.

A toda cosmologia ancestral e aos velhos de minha vida, meus rios de memória...

“Um rio de murmúrios da memória

De meus olhos, e quando aflora

Serve, antes de tudo,

Para aliviar o peso das palavras

Que ninguém é de pedra”

(PAULINHO DA VIOLA, 1996).

## RESUMO

O Interesse pelo tema abordado nesta dissertação, se deve ao fato de que a narrativa histórica tem uma função na forma de contar o mundo e através dela, escolhe-se o que contar. Dentro dessa ideia, a educação como um todo, traz uma dimensão do mundo em que vivemos, obviamente a Educação Escolar Quilombola não é única a educar, mas é talvez o maior caminho no que entendemos como saberes curriculares para construção de territórios, municípios, estados e do país. Sob a premissa do exercício intenso da alteridade tem como base importante a fonte de alternativas e questionamentos a etnografia seguindo a metodologia científica e crítica. Etnografia como movimento circular constituindo-se no ensino, vivências e aprendizagens no território dos saberes e das experiências formativas do Quilombo, com caminhos percorridos para fazer os trajetos da memória. A perspectiva negra decolonial brasileira, busca a descolonização dos currículos hegemônicos e das estruturas vigentes no campo historiográfico e sociológico do conhecimento no Brasil. Essa escola vai além dos muros sociológicos e políticos construídos para que seja “terra arrasada”; oriundos de uma epistemologia do “vencedor”, muitas vezes ou quase sempre factual ou em estrutura hierárquica. A Educação Escolar Quilombola tem uma abrangência que engloba o processo escolar e no ambiente escolar são desenhados, os ilimitados lugares das memórias, da História e da construção desses territórios. Neste contexto, buscamos uma memória de narrativas históricas de um território quilombola a partir de uma experiência pessoal da “escola pública” e dos processos educativos da educação, busca-se também, a memória histórica do território escolar quilombola a partir de histórias dos antigos (velhos), sobretudo das experiências dos novos (jovens). Buscando uma etnografia dos saberes, da memória a partir da visão de dentro de uma Escola Quilombola, que antes de tudo gerou seus professores dentro do território, com uma educação própria.

**Palavras-chave:** Educação Quilombola. Memória. Território. Educação Escolar Quilombola.

## ABSTRACT

The Interest in the subject addressed in this dissertation is due to the fact that the historical narrative has a function in the way of telling the world and through it, one chooses what to tell. Within that idea, education as a whole, brings a dimension of the world we live in, obviously the Quilombola School Education is not unique to educate, but it is perhaps the greatest way in what we understand as curricular knowledge for building territories, municipalities, states and the country. Under the premise of the intense exercise of otherness has as important base the source of alternatives and questions to ethnography following the scientific and critical methodology. Ethnography as a circular movement consisting of teaching, experiences and learning in the territory of knowledge and formative experiences of the Quilombo, with paths taken to make the paths of memory. The Brazilian decolonial black perspective seeks the decolonization of hegemonic curricula and the structures in force in the historiographic and sociological field of knowledge in Brazil. This school goes beyond the sociological and political walls built for it to be "scorched earth"; derived from an epistemology of the "victor", often or almost always factual or in hierarchical structure. Quilombola School Education has a scope that encompasses the school process and in the school environment are designed, the unlimited places of memories, History and the construction of these territories. In this context, we seek a memory of historical narratives of a quilombola territory from a personal experience of the "public school" and the educational processes of education, The historical memory of the Quilombola school territory is also sought from the stories of the old (old), especially the experiences of the new (young). Seeking an ethnography of knowledge, of memory from the vision of a Quilombola School, which first of all generated its teachers within the territory, with its own education.

**Keywords:** Quilombola Education. Memory. Territory. Quilombola School Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Banca de doutorado de Luís Thiago de Freitas Dantas - Reitoria NEAB.	41
Figura 2 - Comunidade Quilombola João Surá .....	52
Figura 3 - Professor Benedito Júnior, Feira das Sementes - Porto Novo.....	57
Figura 4 - Professora Carolina e Professor Benedito.....	92
Figura 5 - Professora Eliziane Andrade de Matos.....	94
Figura 6 - Isac, esposo da professora Elisane - Mamonas .....	95
Figura 7 - Oficina de Foto e Bordado .....	99
Figura 8 - Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade, Seu Paulico, Dona Aparecida e Dona Alice.....	105
Figura 9 - Glauber Coutinho Gomes, casa de Seu Paulico - Comunidade João Surá .....	106
Figura 10 - Caminho para a Comunidade João Surá.....	107
Figura 11 - Pínus, caminho para a Comunidade João Surá.....	108
Figura 12 - Oficina de foto/bordado - Sanciaray Rosa, Professora Eliziane, Lili, Eva, Vera e professora Carolina .....	110
Figura 13 - Oficina de foto/bordado - Sanciaray Rosa. Imagens Dona Joana de Andrade, Gislaine e sua filha Joanelha .....	111
Figura 14 - Teatro de Santo Antônio .....	113
Figura 15 - Imagem de Santo Antônio.....	113
Figura 16 - Alunos, professor Benedito e Débora Olímpio - Oficina de facilitação gráfica .....	114
Figura 17 - Alunos, Glauber Coutinho Gomes e Débora Olímpio - Oficina de facilitação gráfica .....	115
Figura 18 - Oficina de facilitação gráfica .....	115
Figura 19 - Oficina de facilitação gráfica .....	116
Figura 20 - Oficina de facilitação gráfica .....	116
Figura 21 - Carolina dos Anjos, Fabiane Moreira, Sanciaray Rosa e a Diretora Cassiane Matos. ....	117
Figura 22 - Festa de São Gonçalo .....	118
Figura 23 - Festa de São Gonçalo .....	119
Figura 24 - Casa da Memória - Comunidade João Surá .....	121

## SUMÁRIO

<b>CONFLUÊNCIA INICIAL</b>	<b>7</b>
<b>1. ARCABOUÇO DE INÍCIO</b>	<b>7</b>
1.1 AUTOCONFLUÊNCIA.	18
1.2 PREÂMBULO - A PEDRA DE ONTEM	19
<b>2. TRAJETÓRIAS ANTERIORES: INFÂNCIA DA HISTÓRIA.</b>	<b>27</b>
2.1 FALAR, OUVIR, NARRAR...	32
2.2 MEMÓRIAS DOS BECOS	39
2.3 CONFLUÊNCIAS, FÔLEGOS E RIOS	45
<b>3. HISTÓRIA VIVA</b>	<b>47</b>
3.1 NOMOS	49
18 de agosto de 2021	50
19 de agosto de 2021	52
20 de agosto de 2021	54
3.2 O AGOSTO FEZ-SE OUTUBRO	57
3.3 O CONCEITO DE QUILOMBO	75
3.4 PATRÔNUS	82
3.5 DE FORA PARA DENTRO - PROFESSOR	86
3.6 A IGREJA	90
3.7 PROFESSOR PREGUIÇOSO (MANDRIÃO)	91
3.8 QUILOMBA DEVIR	94
22 de agosto de 2021	94
3.9 OS VELHOS	102
3.10 O ANTES E O 20 DE NOVEMBRO	106
18 de novembro de 2021	110
19 de novembro de 2021	113
3.11 DOCUMENTÁRIO E A FESTA DE SÃO GONÇALO	117
3.12 EQUIPE MULTIDISCIPLINAR - PROFESSORES	121
<b>4. A GUIA DO COMEÇO MEIO COMEÇO.</b>	<b>126</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>130</b>

## **CONFLUÊNCIA INICIAL**

O primeiro capítulo, traz por princípio a metodologia e também propõe uma confluência como de “Terras negras nos dois lados do Atlântico (BORBA, 2020), um rio ou um mar entre mundos.

Vários mundos e caminhos que denotam os aspectos metodológicos da escrita; a escrita que carrega do falar, do sair, do silêncio e que vai além do si e percorre outros olhos e ouvidos.

A etnografia, que percorre por densidade e intensidade corpos que foram objetificados e agora escrevem e falam para si e para os outros.

Outro ponto, é a dimensão da autoetnografia que bebe das fontes poéticas da vida e o texto propõe uma inversão do início, começando com a metodologia e caminhando para as trajetórias anteriores no qual é descrito os caminhos de minha infância.

A pedra do ontem, é o que compõe a sequência anterior as trajetórias e passa por cheiros e olores, em fontes e horizontes, essências de referências e da confluência que vai do método, método do existir, do ser, do que descoloniza ou contra coloniza em fluxos como rios correntes.

### **1. ARCABOUÇO DE INÍCIO**

Não nasci pesquisador, me tornei ao trilhar caminhos desconhecidos na graduação. Certa vez, ao ser questionado por um professor na entrevista para seleção de Mestrado se já havia realizado trabalho de campo, respondi sem medo de errar, “apenas na teoria”. Não ter experiência na realização de pesquisa de campo, me fez sentir e lembrar como não podemos esquecer nossa história.

Minhas memórias e lembranças sobre comunidades quilombolas são baseadas em visitas corriqueiras à comunidade Furnas do Dionísio (Jaraguari – MS) e também na comunidade São Benedito (Tia Eva, Campo Grande – MS) por onde passava todos os dias. Ambas as visitas, já na vida adulta, na universidade.

O professor que me perguntou sobre a vivência no campo, compreendeu meu nervosismo e pude responder outros detalhes do que pretendia com a pesquisa no mestrado, são essas respostas que pretendo para o trabalho em questão.

No ano de 2020, o mundo passou a enfrentar um novo vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou pandemia no mês de março. A pandemia de Covid-19, nos levou a percepção de não sair do lugar, nos paralisou de alguma forma. O ingresso ao mestrado me fez questionar o campo, enquanto pensávamos em “sobreviver”, nos nossos entes e obviamente no país como todo.

Pensar a ideia de pesquisa de campo rememorei minhas passagens pela comunidade de São Sebastião (Tia Eva), principalmente porque não compreendia bem o significado e o quão era importante. Essa importância era vista na festa de São Sebastião ou ao prosseguir por toda extensão da Rua Eva Maria de Jesus (Tia Eva), eu até sabia, ou achava que sabia algo sobre a comunidade, na época como relatado acima passava por dentro do bairro para chegar a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB – Campo Grande – MS).

Quando voltava pra casa, parava perto da igreja para conversar com alguém da cena hip hop ou do movimento negro, descia do ônibus e ficava por lá. Confesso que o orgulho da história negra não havia me tomado por completo e que a função do apagamento fazia um certo efeito ou talvez completo.

Para rememorar esses primeiros contatos com o quilombo, lembro de minha tia Heloísa perguntando se conhecia aquele local e respondi que não; ela fazia um paralelo entre a história de José Antônio Pereira dos Santos, fundador de Campo Grande, e Tia Eva, que demonstrava que a narrativa e a história oficial ressaltavam a visibilidade de Antônio Pereira, naquela época de minha infância e adolescência já se colocava a narrativa de uma mulher negra como fundadora da cidade, a Tia Eva.

Minha tia, por sua vez, contou-me com todo carinho quem foi Tia Eva e demonstrou algo muitas vezes não ensinado, não somente a mim. Refiro-me à educação na infância principalmente, pois me sentia envergonhado de nossa história, mas ao sentar com minha tia e vivenciar essas histórias pelo ouvir, o sentido do “ser negro” me tocava. O efeito chegava como algo destinado à construção de minha identidade negra.

Tia Eva, nome de batismo Eva Maria de Jesus, foi escravizada antes de chegar ao estado de Mato Grosso do Sul, tornou-se referência na comunidade onde

trabalhou como lavadeira, parteira, cozinheira, curandeira e benzedeira. Devota de São Benedito, fez uma promessa ao santo para receber uma cura na perna, registros contam que milagrosamente ela foi curada. Como pagamento pela cura, construiu a Igreja em homenagem ao padroeiro. Desde 1919, acontece a festa de São Benedito na capital do estado.

Ao ouvir tia Heloisa (tia Luiza, como costumávamos chama-la) contar achava fascinante e um orgulho já que não conhecia essas histórias, tive uma infância complicada como qualquer negro no Brasil e pretendo intercalar essas narrativas na sequência do texto.

Parto desse ponto da narrativa histórica para descrever ainda outras duas situações, a primeira que lembrando do Quilombo de Tia Eva, apesar da universidade onde estudava, possuir uma linha de pesquisa destinado a história indígena, principalmente desenvolvendo projetos de participação com as etnias dentro do estado de Mato Grosso do Sul, essa dimensão histórica muitas vezes não condizia com algumas ações individuais de reprodução do racismo.

O ano era 2005 e, apesar das pequenas lembranças orgulhosas da história negra ser descrita através da memória em contraponto na graduação, uma professora determinava como era a conduta de um bom historiador; dizia ela em suas aulas que a qualidade de um bom historiador passava por ter uma base intelectual, berço na educação...

Lembro que com ela aprendi que Machado de Assis era um "ausente de negritude", trazia textos e em suas leituras em sala de aula dizia, que o autor preferia a ironia dos livros do que a militância das ruas, procurava justificativas para embasar uma ausência negra de Assis. Na concepção dessa professora, Machado de Assis, não "protegia" o negro, pelo contrário, o autor tinha prazer em subjugar o negro em seus escritos.

Um dos textos é conhecido, falava de um quilombo também, esse quilombo era do Leblon, as camélias do Leblon, dizia ela que não tinha fonte, mas que dava pra entender alguns aspectos da história do Brasil. Outros momentos que marcaram, foram os desafios Oxford, cujo aluno estudava todos os textos e perguntava ao colega e, dependendo do que acertasse, ganhava ou perdia pontos. Ainda tinha os franceses que vieram com a família real, exaltação ao Brasil, a civilização e a arte.

Arte era primordial, o começo da civilidade e da literatura, a história que ela descrevia era tida pelos colegas como algo horrível, porém não se pode falar das "autoridades" que dedicaram uma vida de pesquisa a sociedade pela Universidade Federal e agora na aposentadoria dedicação total a Universidade Católica.

As aulas dessa "autoridade" eram permeadas de sarcasmo e histórias como a lenda do café em África, dizia ela que um padre jogou água benta num "braseiro" que pegava fogo e subiu um cheiro gostoso e resolveu experimentar da água suja; era simplesmente o café. Retumbante dizia que era lenda e que tivéssemos cuidado com as fontes.

Essa historiadora tinha um grupo de trabalho e os alunos com maiores dificuldades nas disciplinas foram orientados a participar do grupo de trabalho coordenado por ela, o que se tinha como autodeclaração de indígena e negro nessa sala éramos Ramon Terena e eu, o negro. Na visão da professora, os alunos com maiores dificuldades, éramos nós.

Outros alunos também estavam no grupo, existiam outros estudantes com dificuldades obviamente, mas a beira de reprovar somente o negro e o indígena. Em dado momento no grupo, a professora alegou que não tínhamos método e sem método não se pode fazer ciência, sendo assim não tínhamos porquê fazermos história se não a entendemos. Era um grupo de estudo paralelo na disciplina de História do Brasil, trabalhava na missão artística francesa, mais precisamente Debret.

Ela ainda foi além... disse que eu era um pouco melhor porque sabia falar e Ramon não prestava nem para falar, nós não sabíamos escrever e falar, não servíamos pois não tínhamos base educacional.

Partindo de uma fala de Conceição Evaristo dizendo que, "não nascemos com livros e sim com palavras", queremos mostrar um caminho da oralidade africana e afro-brasileira assim como o espaço da memória como campo de disputa, pensado no processo emancipatório (CLÓVIS MOURA, 2021).

São dos sentidos e sensibilidades que em certa medida ou desmedida partem a autoetnografia, as indagações sobre métodos são as maiores barreiras para corpos negros, quilombolas e indígenas.

Brazo (2021), *Roleção de preto: uma autoetnografia sobre corpos pretos*, o autor reflete a presença do corpo negro em espaços culturais e o "rolezinho" como espaço de ferramenta política e de ocupação de espaços.

Em campo teórico-metodológico, Brazo (2021) traz três concepções, a primeira a língua, como ponto fulcral de análise das estruturas de poder das classes dominantes.

A segunda concepção, o círculo hermenêutico em Paul Ricoeur, que perpassa como orientação a leitura e escrita, guia-se também em método de análise de obra poética.

E por último, o método descrito em Brazo (2021), é conjecturado e embasado em Santos (2017) no qual formula o "equilíbrio triádico da autoetnografia", que são: orientação metodológica da etnografia - de orientação cultural; a interpretativa é de orientação do conteúdo, presente na autobiografia e o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisado (SANTOS, 2017, p, 219).

Pensando a metodologia com base no relato acima, a relação dessa dissertação de mestrado sobre territórios de memória na educação escolar Quilombola constrói-se em base qualitativa, assim como para Mattos (2011), ao abordar a Etnografia como contribuição ao estudo das desigualdades sociais e dos processos de exclusão. Essa proposta metodológica tem por fundamento a construção da narrativa e os processos historiográficos, a escrita da história.

A etnografia<sup>1</sup>, é uma metodologia excelente para garantir visões não superficiais, para Kozinets (2014), pois é o que garante a análise e o entendimento complexo sobre essas novas relações e estruturas, assim como rejeita as soluções típicas e simplistas.

A adesão pelo método etnográfico, está relacionado às formas de construção de conhecimento com o campo da Antropologia, encontra, porém, não somente no campo antropológico, mas em diversas áreas do conhecimento. Composto por técnicas, de procedimentos de coletas associados a uma prática do trabalho de campo. A partir da convivência, esporadicamente prolongada do pesquisador junto ao seu ambiente social estudado (ROCHA E ECKERT, 2008).

A etnografia é o edifício da pesquisa etnográfica. A pesquisa etnográfica constitui-se no exercício do olhar (ver), do escutar (ouvir) impondo ao pesquisador um

---

<sup>1</sup> Pensar o caminho transitivo entre a etnografia e a autoetnografia “como pedra de toque, sobre a memória do autor e da sua própria experiência vivida como fonte, para descrever a vivência Quilombola” (SANTOS, 2017, p.215).

deslocamento da própria cultura, para se situar no interior do fenômeno por ela(e) observado, compreendendo a observação direta, o trabalho de conhecer, a escuta atenta. A proposta desta pesquisa encontra parâmetros nestes conceitos.

Em consonância com a perspectiva epistemológica e da perspectiva da metodologia participante no qual o caminho até João Surá foi ouvir e ver o trabalho desenvolvido por professores e professoras e a comunidade; também pensar o intercâmbio dessas ações para futuras equipes multidisciplinares, referente a minha experiência enquanto professor.

A equipe multidisciplinar denota espaço de ação e estratégia pedagógica no fortalecimento e implementação da lei 10.639/08 e da Lei nº 11.645/08, bem como das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Em comum acordo com a legislação e as deliberações da SEED, as Equipes Multidisciplinares são instâncias do trabalho escolar oficialmente legitimadas pelo Artigo 26A da LDB, Lei n.º 9394/96, pela Deliberação n.º 04/06 CEE/PR, pela Instrução n.º 017/06 Sued/Seed, pela Resolução n.º 3399/10 Sued/Seed e a Instrução n.º 010/10 Sued/Seed.

Nesta dissertação nos contornos da equipe multidisciplinar descrevo as amplitudes das leis e dos processos das trajetórias desde a infância até a possibilidade do mestrado e o encontro com os professores Benedito Florindo Júnior e a professora Eliziane de Andrade de Matos, são nos fluxos da educação negra e do negro no contexto quilombola e dos negros que confluem com o território.

Conhecer a história das professoras e professores do Colégio Quilombola Diogo Ramos demonstra um rico acervo de conhecimento e saberes, são trajetórias do conhecimento do qual Antônio Bispo<sup>2</sup> chama de “demandas da comunidade”, também são reminiscências não vagas, são memórias da construção da comunidade e conseqüentemente do colégio.

Compreender o campo da memória é abranger um acervo de histórias vivas, do ouvir e das palavras. O intento em pesquisar sobre a Educação Escolar

---

<sup>2</sup> Antônio Bispo dos Santos - Nêgo Bispo. É lavrador, formado por mestras e mestres de ofícios, morador do Quilombo Saco-Curtume, localizado no município de São João do Piauí. Ativista político e militante de grande expressão no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra, atua na Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI) e na Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

Quilombola encontra caminho na abordagem metodológica de Brandão no qual afirma:

A pesquisa participante tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica ou um momento de um trabalho popular de dimensão pedagógica e política, quase sempre mais amplo e de maior continuidade do que a própria pesquisa (BRANDÃO, 2007. p.4).

Pensar a pesquisa é um dos campos dessa organização social referida e formas do território da memória pretendido e “levar em conta a sua alusiva atualidade, principalmente das experiências que preservam vínculos entre a **pesquisa participante** e os movimentos sociais” (BRANDÃO, 2007).

A ação da pesquisa parte da base do Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade (UFPR), homenagem à matriarca Joana de Andrade Pereira liderança cosmológica e espiritual, pelo conhecimento das Recomendadas e Romarias de São Gonçalo, e de etnobotânica, Dona Joana é o devir Quilomba em tradição, ciência e conhecimento, dando sentido ancestral para comunidade de João Surá e para o Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade (UFPR).

O Grupo de Pesquisa Joana de Andrade também investiga o conhecimento tradicional das comunidades quilombolas e a confluência com o conhecimento acadêmico.

O grupo também tem vínculo tanto com o meio ambiente e o desenvolvimento quanto com a educação, principalmente a educação insubmissa, com foco em teorias decoloniais e contra coloniais.

As formas iniciais foram encontros virtuais durante a pandemia, pude conhecer as(os) professoras(es) no qual citei no texto. Essa participação no grupo possibilitou minha inserção na equipe multidisciplinar do Colégio Estadual Diogo Ramos.

Esse caminho como já descrito foi construído na entrada no grupo de pesquisa e no mestrado PPGMADE, partindo nessa composição para os campos e encontros presenciais na comunidade de João Surá.

Na realização da pesquisa é possível entender a dimensão dos procedimentos e as técnicas utilizadas neste estudo, que tem como base a pesquisa bibliográfica que permite buscar na história o processo de memória e oralidades, algo que vai além dos encontros do grupo, como já descrito.

Um dos materiais de pesquisa, sobre a Educação Escolar Quilombola foi a dissertação produzida pelo professor e coordenador pedagógico e quilombola Benedito Júnior, que corrobora com a perspectiva da narrativa que pretendo seguir.

A pesquisa de campo foi realizada na Comunidade Quilombola João Surá, no Colégio Estadual Diogo Ramos. Pensando sobre o texto “Os dez mandamentos da observação participante” de White William Foote, é relatado alguns aspectos para a inserção no campo, como a interação pesquisador(a)/pesquisador(a), como mencionado na relação do grupo de pesquisa Joana de Andrade.

Outra ferramenta dentro desse conjunto referido é a pesquisa etnográfica, como pontuam as autoras Mathias e Silva (2018).

Na Educação a “etnografia” e observação participante destacam-se na análise do processo de ensino-aprendizagem e, se for articulada a um trabalho de colaboração podem contribuir para o repensar e organizar a relação docente/discente, bem como trazer elementos para reflexão de seu clima organizacional (MATHIAS E SILVA, 2018).

Desse modo, o processo de aprendizagem pode dar parâmetros para a pesquisa etnográfica, mesmo que seja curto o espaço de tempo. Logo o tempo, senhor da História, que cujo caminho das narrativas e documentações dispõem de análise do próprio tempo, me deu abertura juntamente com as leituras prévias, para um mergulho em uma amostra no território da memória.

Essa curta visita possibilitou conhecer o território, observar a própria História e possibilitar visionar a História Negra Quilombola, que a História esboça contar. O campo foi vivenciado no período de agosto de 2021, durante quatro dias, ainda durante o período pandêmico, que restringiu um contato maior, uma interação mais profunda com a Comunidade, mesmo assim, foi intensa e prazerosa, abrindo-me os olhos.

A Comunidade de João Surá possibilitou ao Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade (UFPR) a presença no território, a chegada ao território foi pensada pela professora Doutora Carolina dos Anjos Borba, orientadora deste projeto, professora e coordenadora do grupo de pesquisa Joana de Andrade.

O professor Benedito Júnior, disponibilizou uma casa para que pudessemos passar quatro dias na comunidade, casa esta, que sempre foi carinhosamente preparada para a equipe da professora Carolina e o projeto da Turma Quilombola do Curso de Formação Pré-Acadêmica Afirmação na Pós UFPR, na terceira edição que

foi realizada em 2017, em base as fontes da SIPAD “a terceira edição obteve o financiamento do Ministério da Educação, através da então Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/*SEPPIR*, e contou com a participação da Coordenação de Políticas Inovadoras de Graduação (CEPIGRAD) e do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE), com oferta tanto nas dependências da UFPR – Campus Curitiba como na Comunidade Quilombola de João Surá – Adrianópolis/PR”.

A visita ao Quilombo contou com a presença da professora e orientadora Carolina, além da colega de equipe e do mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Débora Olímpio. Fomos acolhidos e devidamente instalados na casa, respeitando o distanciamento social entre nós, e evitando contato físico com os membros da comunidade, devido a pandemia de Covid-19.

O caminho até o campo de pesquisa e as entrevistas foram realizadas com o professor Benedito Júnior e a professora Elisiane. Nesse percurso as conversas-entrevistas eram de cunho roteirizado para entender o processo da História Quilombola e da disciplina História em suas vidas, a Memória da vida Escolar e o Ensino de História.

O roteiro continha perguntas sobre a importância da “Memória” no ambiente Escolar Quilombola:

- Como é desenvolvido o conteúdo de História em aula, na Educação Escolar Quilombola?
- Como é o papel da historiadora para as demandas em sala de aula?
- Sobre as demandas e ferramentas da História, como é construído e guardado o território da memória?

Essas questões seguem uma das ferramentas trazidas por Meihy e Seawright (2020), os autores tratam sobre os aspectos teóricos de uma História oral e como se diferenciam da memória de expressão escrita. Buscou-se como os referidos autores uma condução não por lógica de entrevista, mas uma conversa que pudessemos sentir a ideia de memória, que a narrativa pudesse ser o rio confluyente de olhar, pensar/sentir, assim, a “entrevista de memória de expressão oral” portanto, “são mais longas, menos limitadas por pauta de urgência do momento, oportunas

para pensar a vida, tradições, testemunhos e cotidianos” (MEIHY E SEAWRINGHT, 2020).

Buscou-se também, o resgate e resistência, além da reflexão da vida, da Escola (Educação) e da Educação Escolar Quilombola (EEQ), para discutir o tempo presente e o que virá para esta modalidade. Modalidade que, primeiramente, não visa um campo universal para outros contextos de Educação Escolar Quilombola e não se fecha em arquétipos. Outro ponto é, mesmo que a linearidade apareça em certa medida, é dentro dessas ferramentas de pesquisa que se pretende desviar dos percalços, dos processos, que muitas vezes são estabelecidos dentro de uma narrativa vigente.

Além do acolhimento, dos convites, da culinária, também pude compartilhar da companhia de Débora Olímpio e da professora Carolina nas conversas com as merendeiras, Edina, Eva, Elisane e Elisiane a professora de história no qual aprofundaremos a conversa sobre História e Cozinha.

A História se faz presente na Cozinha, lugar primordial para a “memória”, tão presente como uma poesia.

Patrícia Andrade (2018)<sup>3</sup>, em seu capítulo primeiro, “Toma um cafezinho? História de Histórias”, discorre que ao revisitar o inconsciente lembra-se das visitas à sala, do café, do ouvir, do convite para a cozinha, um ato de intimidade e trocas.

Silva (2000), coloca um exemplo que é uma alusão a Descartes “*como, logo existo!*” Em “*A produção social da identidade e da diferença*” mostra a cozinha como lugar de identidade, a comida tem esse processo e sua posição étnica ou religiosa, cozinha é também “linguagem”.

Ao ouvir no campo sobre a cozinha e o pensamento da colega (Débora), sobre o fazer “Educação das Merendeiras”, retorno a possibilidades “das histórias dos ancestrais, essa maneira de contar histórias transporta para o distante do tempo presente e de um universo que não é nosso mais que nos pertence como Memória” (ANDRADE, 2018).

O texto foi construído em três capítulos e uma guisa como conclusão:

**Capítulo 1** - Abre como inversões da vida, não nascer pesquisador é uma alusão do negro fora de contexto que em quinhentos anos pilhou a ancestralidade e

---

<sup>3</sup> Capítulo 1: ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola**. Editora Appris Ltda., 2018.

deu dimensão do como se procede o método, são dessas inversões que apresento o arcabouço inicial para pensar a metodologia em face aos processos de autoetnografia e etnografia, apresentando essa autoetnografia como gênero da etnografia de método qualitativo que referendam essa dissertação.

**Capítulo 2 - Trajetórias anteriores, infância da história:** apresento um contexto da educação, apontamentos e desdobramentos de minha vida escolar, fazendo um relato sobre a vida pregressa de estudante e as memórias sobre a História nos bancos escolares. Essa memória vai ao encontro da Educação Escolar Quilombola como prática da visibilidade da cultura negra e fonte de história.

**O subtítulo - 2.1 Falar, Ouvir e Narrar,** procuro evidenciar algumas formas de condução da história e sobre narrativas oficiais, além de narrativas outras, para contestação do modelo estabelecido. Trabalhar alguns exemplos de dentro da sala de aula, como experiência própria, para um debate da formação continuada e dos processos de educação.

**O subtítulo - 2.2 Memórias dos Becos,** faz alusão ao livro “Becos da Memória” de Conceição Evaristo e à dissertação de mestrado “A literatura negra é um lugar de memória”, da autora. Com isso, pretendo analisar a leitura sobre Memória em intelectuais negras como Conceição Evaristo e Beatriz Nascimento, além das bases de historiografias negras. O conhecimento e a ausência é o ponto de debate sobre a memória.

**Capítulo 3 - Histórias Vivas,** faz alusão a historiadora Beatriz Nascimento e o apagamento da história negra e uma ressemantização dos Quilombos. Da caminhada no falar e dos processos de encontrar autores negros como formação histórica do Brasil.

**O subtítulo 3.1 NOMOS, 18 de agosto e 19 de agosto,** inicia com os Nomos, referência aos Nomos no Egito - (Nomos - Nomarcas). Uma região territorial do país que englobava várias “herdades” ou aldeias, também o conceito trazido por Luís Eduardo G do Nascimento, que pensa o Quilombo como novos Nomos da terra, a forma comunitária com base no resgate da memória. Adentrando no método etnográfico, as datas são menções aos textos de Carolina Maria de Jesus, que busca descrever o campo ainda no início para adentrar na Educação Escolar Quilombola, através das entrevistas em João Surá sobre o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos na figura de seus professores(às) Benedito Júnior e Eliziane Andrade Matos.

**Os subtítulos 3.2 a 3.8**, pude experimentar minha primeira vivência de campo, na comunidade Quilombola João Surá, no período de 18 de agosto a 22 de agosto de 2021, um pouco tardio, devido a pandemia de Covid-19. Relatos sobre a comunidade, as experiências particulares dos professores(as) Quilombolas entrevistados.

**O subtítulo 3.9 OS VELHOS**, de continuidade do primeiro campo e com base na conversa/entrevista com a professora Eliziane, me abriu caminho para o embasamento da educação com os velhos, onde os mais velhos são a fonte de sabedoria e ensinamento para a Educação Quilombola, fazendo-se na Educação Escolar Quilombola.

**Os subtítulos 3.10 a 3.12**, a experiência de vivenciar o 20 de novembro de 2021, data importante para os negros, na comunidade Quilombola João Sura, descrevo meu segundo campo. Esse mesmo dia me deu a oportunidade de conhecer o Seu Paulico e a Dona Aparecida. A oportunidade de experimentar o dia comemorativo na Escola Quilombola e a Romaria de São Gonçalo. O dia 20 de novembro.

## 1.1 AUTOCONFLUÊNCIA.

O território da memória na ancestralidade negra tenta remontar traços em mim, na busca como parte do rio de memórias da minha história, um brinde e um horizonte que transborda em novas perspectivas que saboreiam o pensamento e a alacridade, alegria, animação intensa, vivacidade, na velhice ancestral da jovialidade, nas transcendências de elaboração de sensibilidades de toda uma vida outra.

A pedra de ontem é a memória que EXU plantou em nossa boca, nossa fala, nosso corpo atravessado ao salgado mar e ao doce rio, restituindo a língua, a memória e a história que achavam ter nos roubado.

Assim no capítulo busco caminhar com algumas referências como Maria Antonieta Martines Antonacci que me mostra os saberes silenciados cujo corpo mostrou a própria face do arquivo vivo. também um caminhar com Antonio Bispo dos Santos que navega na tão referida confluência que percorre diversas vezes esse texto.

O filósofo Mamoussé Diagne e Muniz Sodré complementam esse aporte e dão noção de território, espaço e circulação; o capítulo ainda faz um parecer sintético transfluente dos objetivos ou das tentativas de alcançar alguns objetivos.

## 1.2 PREÂMBULO - A PEDRA DE ONTEM

O presente trabalho apresenta uma nova abordagem para a Educação Escolar Quilombola, sem a pretensão de ser uma narrativa única, pensando nesta modalidade educacional, como território da memória<sup>4</sup> e do saber. Visando, a base educacional de nós negros e negras e tendo a escola quilombola como direcionamento de nosso tempo presente.

Pretende-se debater o processo histórico dentro do campo da memória no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, trabalhando a história da educação do negro no Brasil e entendendo que esse processo não é separado da narrativa histórica. Barros (2014) alega que para os historiadores do século XXI a definição de História, é de compreensão do passado distante ou recente, mas concebe um estudo humano no tempo, como formulou Marc Bloch<sup>5</sup>. A intensificação do objeto histórico propõe conexão com tempo e lugar/espaço, para essa operação da historiografia como instância fundamental da história (BARROS, 2014).

As temporalidades e o espaço imaginário para a pesquisa no espaço/tempo da memória, debruçadas na escola, demonstra a fonte histórica em si e perpassa na psicologia e no imaginário, para reestruturar conceitualmente as instâncias presentes, passado e futuro, não só moldado pela "historiografia oficial", mas por um viés das leituras Africanas e Quilombolas. (BARROS, 2014).

A história enquanto disciplina, define os caminhos para uma estrutura de pensamento e de narrativas do cotidiano, que formam a base educacional de uma sociedade. A formação do pensamento histórico começa, caminha e trilha pela

---

<sup>4</sup> Memória: Verbetes "Memória" (1990: 473) - "[há] os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações" (Pierre Nora em reflexão do conceito de Maurice Halbwachs).

<sup>5</sup> Marc Bloch: Marc Léopold Benjamim Bloch – editor, historiador medievalista, um dos fundadores da Escola dos Annales.

educação/escola, em todo lugar, principal modelo do "modus operandi" de conhecimento curricular, elaborado para o básico.

A escola como espaço simbólico e definidor, demonstrada nas palavras de Antônio Bispo "são o antro do colonizador", de ação do pensamento similar com o de Carter G Woodson na *Deseducação do Negro*. Nêgo Bispo explana em poesia, *que nos dão cadeia mesmo nos chamando de negro. Impondo-nos analfabetismo e obstruindo nossos acessos*; essa poesia demonstra através de resistência e sarcasmo as inversões e condenações como ele diz: "*negar condições a minha raça!*"

Sendo uma escola definidora dos processos de exclusão dos seus, ela prioriza as demarcações desse território exclusivo para uns e excludente para muitos. Se os velhos são nossa academia, sabedoria, árvores de conhecimento então a escola quilombola é mais que resistência, ela é definidora do conhecer que vai além de nossa experiência enquanto aluno ou professor, como foi em minha trajetória escolar.

Sob a ótica das diretrizes de base curricular nacional quilombola, é possível identificar uma escola/educação confluyente, essa escola da cosmovisão de Antonio Bispo, sendo exemplo afropindorâmico, do encontro das favelas, Quilombos e aldeias.

Sendo saber, ancestralidade, vivências, experiências não só para os seus, mas também, para a comunidade local, pois ela se mostra de forma confluyente, agregadora de matrizes e diferenças, ela (re)educar, (re)existe, (re)faz e (re)inventa.

Nesta dissertação pretendo fazer um paralelo da minha "vida escolar", como estudante e como professor de História, relatando minhas vivências dentro do modelo de educação hegemônica escolar recebido a partir do ensino básico<sup>6</sup>, incorporado aos processos iluministas, com neutralidade e após a formação repassando essa educação bancária<sup>7</sup>, como professor.

As fontes e referências epistemológicas adquiridas no processo educacional confrontadas com novas leituras para entendimento de uma "nova" História

---

<sup>6</sup> Ensino Básico: Art. 2, capítulo II - disposições gerais: A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores; LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996, contempla seção I, II, III e IV.

<sup>7</sup> Educação Bancária: Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, Paulo – *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996.

Decolonial, “Contra-colonial” e sobretudo da perspectiva da Educação Escolar Quilombola, transformaram a minha base curricular enquanto professor de História.

A busca do conhecimento na ancestralidade<sup>8</sup> e na memória de nossa história através de uma outra forma de contar a história, nos leva a olhar para as comunidades quilombolas e principalmente sua forma de educação como sendo o caminho ancestral de nós mesmos, no sentido da boniteza<sup>9</sup> de nossa história, como aponta Diosmar Filho “um olhar do século XXI”. (SANTANA FILHO, 2018).

E é sob essas e outras ideias que apresento a seguinte questão de pesquisa: *Como se constituem os territórios da memória nas narrativas históricas da educação (escolar tradicional e ou hegemônica) e da educação escolar quilombola?*

O caminho e o campo definido no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos como integralidade do Quilombo João Surá, tem dimensão de território e a educação/escola como extensão das demandas da comunidade, ou seja, se difundem, no aspecto de conhecimento de cultura mediado por uma pedagogia própria.

Para dimensionar o processo de educação escolar quilombola proponho como já citado anteriormente, uma narrativa a partir de minha vida escolar e acadêmica, do ensino básico à graduação, como ponto de partida, contraposição ou confluências, “mostrando o caminho” para formação de professores e debatendo a educação escolar quilombola como centro histórico da história negra na memória.

Propõem-se também um ancoramento sob a conjugação das narrativas diaspóricas através da confluência “Áfricas-Quilombo-negro-educação” que, referido em Gil (1997, p.35 apud Antonacci, 2013, p.15), despontaram sensibilidades de herdeiros de matrizes orais africanas, prefaciando disjunções sonoras e gestuais. Entende-se como protagonista de histórias e culturas acústicas o corpo comunitário,

---

<sup>8</sup> Ancestralidade: A ancestralidade é conceito difícil de ser encerrado em uma única definição. Poder-se-ia recorrer a Oliveira (2007), que, ao trazer inúmeras facetas que a mesma comporta, afirma o seguinte: “A ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é um enigma-ancestralidade e revelação profecia. Indica e esconde caminhos. A ancestralidade é um modo de interpretar e produzir a realidade (Anexo 1 - Conceitos: Formação em Ação - Departamento de Diversidade - Oficina produzida no 2º semestre de 2016 - SEED-PR).

<sup>9</sup> Boniteza: Conceitos de Paulo Freire. Esta dimensão, *BONITEZA*, faz parte, da concepção da vida, bem como amorosidade, bem querer, amizade, solidariedade, utopia, alegria, esperança, estética e genteidade. A vida há de ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo. (Conforme o Dicionário Paulo Freire por Euclides Redin).

vivencial, em regime de símbolos e energias, isto é, um corpo dançante, pensante, fonte do ensinamento.

Além disso, Antonacci (2013), discorre sobre o processo de traumas, sofrimentos e transgressões, que foram traduzidos em um negociar contínuo refazendo suas inserções, para (re)significar suas tradições, reivindicando as Áfricas no Novo Mundo.

Essas identidades diaspóricas se renovaram e foram incorporadas à cultura vibrante, dramática, celebratória que segundo a autora, são vivenciadas entre os pares do passado e do presente, que deixaram rastros.

Agora fincados no ocidente foram silenciados, “estetizados” historicamente, demonizados pela concepção de vida e história em todo tempo cronológico. Suas memórias ancoradas em corpos negros, os mesmos corpos negros que produzem ritmos e prolongamentos materiais, que são costumes, são educação, são saberes, são confluências e documento vivo (ANTONACCI, 2013).

Em um mundo pluriversal, Grosfoguel (2010) discorre, que além da escola como forma de corpo “questionador”, a concepção de tempo, história e documento/monumento, o corpo percorre o debate sobre decolonialidade racial e epistêmica, melhor dizendo, o corpo é o centro do território.

Por sua vez, Paul Ricœur em “A memória, a história e o esquecimento” (2007), ao iniciar com a herança grega entre memória e imaginação, partindo do episteme ocidental, esquece as Áfricas. Esse esquecimento “proposital”, é encoberto pela persistência de rastros miméticos, fazendo morada em sua amnésia histórica.

Em relação a decolonialidade dos corpos e saberes, Antonacci (2013), reitera as questões do racismo epistêmico e a postura constitutiva da modernidade colonial; assim, a atualidade crítica ao colonialismo, demonstra os limites de conhecimento sustentados na “eurocentralização” e a emergência de destituição dos processos estabelecidos.

O filósofo Mamoussé Diagne, debate Foucault e Goody, e questiona: “A quem interessa lembrar? Quem quer compartilhar suas lembranças e necessita meios de obrigar outros a compartilharem? Por que esses arquivamentos históricos e por quais motivos devemos acessá-los?”

O filósofo enfatiza que a oralidade não tem padrão ocidental, defrontando-se e não transmitindo em padrões ocidentais. Nesse sondar o mundo do “outro” da raça,

da história, da oralidade, da colônia, revelam-se potenciais da condição humana, diversificando do padrão estabelecido que nos traz seus documentos históricos, nos levando a repensar seus museus, seus acervos, suas abordagens, seus conceitos atribuídos a povos de línguas orais, forçando seus códigos de produção/transmissão do saber (DIAGNE, 2011).

Ao falar de conhecimento e suas funções dentro de uma sala de aula, Sodré (2017) reitera a ideia de um "prestígio intelectual" destacando como exemplo Roger Garaudy, que mesmo sem conhecer a filosofia da  ndia, da China e do Islã, sua filosofia se fecha no mundo ocidental, não como uma maneira de viver, mas puramente como um conceito intelectual.

Sodré (2017) destaca que o juízo epistêmico, mostra que o raio de a o da forma o do conceito de humanidade dentro dos aspectos ocidentais, intensificado como "fachada" ideológica no século XVI, legitimou a pilhagem dos mercados Asiáticos, das Américas e das  fricas.

No qual se define o humano de dentro pra fora sendo parte de um tripé, a cosmologia cristã – a igreja, a filosofia secular – o ensino e o mercantilismo – o comércio, como estabelecido no colonialismo, isto é, o juízo epistêmico de que o desconhecido, o outro, não tem plenitude racional (SODRÉ, 2017).

Dessa comunica o transcultural metodológica, dentro dos aspectos do sistema simbólico dos nag s, usado como objeto da ciência, cabe dizer que nesse panorama, nenhuma filosofia "deu" a palavra ao negro, cujo descreve como (*aneu logon, sem voz*), sempre silenciado pela linguagem hegemônica (SODRÉ, 2017).

Sendo assim, a lógica de inferioridade ontológica do princípio ocidental segundo Sodré (2017), pavimenta o juízo na prática da justificativa das inomináveis violências.

Fazendo ponte com a educa o, remeto-me a dois pontos que Muniz Sodré traz, o primeiro dentro da lógica civilizatória ocidental, como o caso de Himmler que se preocupava com um método humano de matar, ou na observa o feita por Paul Gilroy, de que "muitos dos arquitetos da matança de massa em Ruanda e na Bósnia foram educados segundo os mais elevados padrões das humanidades ocidentais". (SODRÉ, 2017, p.14).

O pensamento de Muniz Sodré em *Pensar nagô*, explica que essa lógica humanista é capaz de dar abrigo a discrimina o do outro, tornando humanista todo

racismo, Sodré (2017) refere-se as “formas ideológicas” e as várias “áreas do conhecimento”. Com base em Nietzsche, Sodré (2017) destaca que a geografia é algo para se levar em conta na perspectiva de outros modos de pensar; pensar o conceito geográfico e não metafísico. As Áfricas e os Quilombos são formas do referido no pensar nagô, não designa propriamente fronteiras específicas, assim também assinalam diferenças e analogias nos processos e especificidades (SODRÉ, 2017, p.16).

Diante de tais considerações que coloco aqui, alguns pontos relacionados à pesquisa servirão de base para elucidar; primeiro ponto: trata-se do processo histórico como memória do antes, isto é, Ponto 1: o que seriam as Áfricas imagéticas antes da violência colonizadora; Ponto 2: a história da colonização que culmina no propósito de “educação geral” atribuído ao colonizador.

Como repto<sup>10</sup> para o mundo educativo e inserido no processo escolar, procuro colocar o campo da história como o primeiro encontro dos estudantes e comunidade escolar como força motriz de pequenas mudanças, até mesmo grandiosas.

Quando trago pensar nagô, trago um princípio fundante descrito por Sodré, o conhecimento, ele sempre esteve lá, sempre moldou no corpo e na fala dos povos(etnias) “originários” e os africanos, como enfatiza Nego Bispo.

Bispo elabora um conceito de “contra-colonização”, gerador de todos os processos de defesa dos territórios, de lutas, de resignificação, dos modos de vida, sendo os povos originários e os povos oriundos das Áfricas, guardadas as especificidades de cada povo, compreende-se o processo de resistência (SANTOS, 2013. p.26).

A “contra-colonização” já mencionada de outras formas acima, demonstra a educação vivida e sentida nas lutas em defesa do território, desses símbolos e dessas significações, sendo esse um dos vários caminhos que pretendo percorrer. Mais do que fixar-me somente nas resistências ou nos modos de defesa, este trabalho procura a educação escolar quilombola sem as “cercas do conhecimento colonialista” como colocada em questão por Antônio Bispo.

Sendo um pesquisador de fora, não pretendo dar dimensão de como se deve fazer a Educação Quilombola ou a Educação Escolar Quilombola, mas o meu

---

<sup>10</sup> Repto: ato ou efeito de reftar, de opor-se; ação de desafiar, de provocar. (Definições de Oxford Languages).

compromisso é enquanto professor de História, participar das ações do mesmo lado, para aprender as temáticas com a ressemantização quilombola e a dimensão de nosso caminho como estrutura histórica negra.

Meu processo de inserção dentro da escola, se deu na História, como coordenador da equipe multidisciplinar, desenvolvendo as temáticas estabelecidas na lei de diretrizes e bases da educação LDB 9.394/96 e por meio da emenda 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura afro-brasileira.

Seguindo por este caminho, quero fazer uma análise, entre a minha vida pregressa na escola pública e a posteriori, como professor da educação básica e esse encontro de proporção acadêmica, até mesmo pessoal como já dito. Sob a ótica do interesse histórico em relação a continuidade semântica da importância dos Quilombos na história do Brasil, assim sendo o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, na figura de sua comunidade escolar e da comunidade como um todo.

Dentro desse contexto, essa dissertação de mestrado procura fazer uma contribuição na área da educação escolar quilombola, como **justificativa** a própria educação enquanto diferença, no sentido de que não é único, igual, do mesmo caminho a percorrer. Levando em conta minha experiência, talvez o ensino básico linear histórico, exponha frações de segundos de um tempo inexplicável aos mais jovens ou crianças, também define disciplina, disciplina das coisas contadas de forma “organizada”, o sentido aqui é como *Referência* do processo disciplinar enquanto matéria e currículo.

Bonzatto (2020) menciona, que “a escola tem uma característica ‘inercial’ e a mecânica na lógica da escola é dentro das metodologias vigentes do mesmo modelo e se faz na leitura, quadro, explicação ou exercícios”, o autor sugere que o ensino-aprendizagem deve buscar além da manifestação metodológica da escola como ato de ensinar oriundo no saber do professor. A educação é o dentro e o fora da escola, ela dispõe o debate sobre a formação formal e suas estruturas se valem do procedimento para a condução cívica.

Alguns aspectos são primordiais para a justificativa, entre eles a ampliação de um panorama em confluências dos quilombos, assim como o território como memória histórica. O território como narrativa histórica da Educação Escolar Quilombola traduz a manutenção das práticas e valorização social histórica. Um outro fator aponta para

o caminho da memória e deve ser compreendido como território - como a memória é um espaço vivido, no qual se traz lembranças e esquecimentos.

Possuindo força política e simbólica, território e memória, ajudam a construir ou restituir em um processo contínuo e permanente do ser social, ao mesmo tempo ela torna uma atividade que institui este espaço como território, caracterizando-se como um agente territorializador constante. Dito isso apresento a seguir os objetivos deste trabalho.

**Objetivo geral:** analisar como se constroem as narrativas históricas no território da memória da Educação Escolar Quilombola, mais especificamente no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, na comunidade João Surá - Adrianópolis/PR. Compreender a dimensão da etnicidade e memória escolar que atravessam o território e os processos educativos, na sua pedagogia dos saberes ligados à História do Brasil, na história do regionalismo e o projeto político pedagógico referendado pela LDB.

**Objetivos Específicos** Investigar a trajetória escolar do negro pautado na experiência da “escola pública”, ligado ao modo pensado como “rebeldia”, insurgências e resistências; a dimensão da Educação Escolar Quilombola e a Escola Pública. A perspectiva da Lei 10.639/03. Relatar as narrativas históricas sob a ótica decolonial afro-brasileira e os processos educacionais da escola pública e da Educação Escolar Quilombola.

## 2. TRAJETÓRIAS ANTERIORES: INFÂNCIA DA HISTÓRIA.

“A tradição oral é a grande escola da vida, e todos os seus aspectos são cobertos e afetados por ela. É ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, aprendizado em ofício, história, entretenimento e recreação” (HAMPÂTÉ BÂ, 2013 p.168).

Essa realidade vivenciada, parte de memórias ancoradas como cita Antonacci (2013) “trazendo Benjamin, que filosofou em fronteiras orais/escritos de perseguidas tradições judaicas, para este corpo a corpo com histórias renegadas de Áfricas e suas diásporas, significa mergulhar em imponderáveis da história”. Temporalidades universais e discursos abandonados no mapeamento geo-histórico em contínuos desterramentos. São essas memórias que tornam o território da oralidade visível e audível lugar dos gestos e da voz (ANTONACCI, 2013).

Sempre pensei em ser docente, quando consegui, tinha a plena convicção que salvaria o mundo, obviamente uma ideia equivocada, oriunda da ideia de magistrado como sacerdócio. Nesse campo das ideias... “de que a História salva e muda para melhor”. Obviamente a educação muda, salvar é nada mais que ensinar, talvez seja uma concepção de que o professor carrega algo diferente.

Olhando para o passado e tentando lembrar das memórias, vejo a criança curiosa pela História, dizia que faria História, não sabia como, mas faria. Ao revivescer<sup>11</sup> detalhes da infância, pude adentrar aos modos da educação contada por minha mãe (Izabel), talvez simples, mas que despertaram a vontade de ser professor.

Porque relembrar a infância? Começaria pela ideia do ouvir agregado ao falar, começar pela infância/criança, segundo Benjamin (2005) apud Lessa (2016) “é na infância, pois, que reside a capacidade de reconhecer o novo, de estranhar-se e introduzir esse novo estranho no espaço simbólico.”

Minha mãe conta que, ao ver uma pessoa da família, eu diretamente pedia para contar uma história. Contar algo que fosse relacionado a reis, rainha, heróis ou deuses. As histórias contadas partiam da cabeça dos tios que contavam de tudo; obviamente ao contar, contavam histórias que muitas vezes são “oficiais”, dessas reproduzidas sobre o que está constituído.

---

<sup>11</sup> Revivescer: Reviver - “r. as esperanças”. (Definições de Oxford Languages).

As comidas, os sambas e o candomblé presentes nas histórias, seguiam-se das festas regadas a mocotó que minha tia (Esmeralda), fazia para o carnaval. A História Negra estava nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, em cada encruzilhada, em cada momento e meu olhar buscava por esses caminhos.

Uma das lembranças de minha memória é da primeira infância, no Centro de Pró-Melhoramentos Ricardo de Albuquerque<sup>12</sup> (primeira escola, Jardim I). Já havia sido alfabetizado por uma professora numa espécie de “casa-escola<sup>13</sup>”; a professora não aceitava que um menino com cinco anos de idade, no caso eu, escrevesse com a mão esquerda, mão que inconscientemente pegava o lápis ao iniciar as primeiras letras, dizia que “a esquerda não era mão que se pudesse usar”.

No contexto da época, um dos modos que atravessam a educação até a atualidade é o que se chama de “diferente”, o que muda a visão pré-estabelecida. Em 1983, já com idade para entrar na Escola Municipal, por pouco tempo estudei no Colégio Coelho Neto, foi o suficiente para ouvir, falar e lembrar do aprendizado na cidade natal. Esta é a memória fresca da infância, a partir deste momento, o tempo dá um salto, me transporta para outro lugar.

O tempo passou... percorreu a memória e o espaço. Minha mãe (Izabel) enfrentou problemas de saúde, sua irmã (Heloísa) a essa altura já havia se mudado para a cidade Campo Grande - Mato Grosso do Sul com seu esposo e filhos. Um dia, minha tia comunicou a minha mãe que ficaria responsável pela minha educação, já que minha mãe precisava cuidar de saúde fragilizada. Lembro que mesmo aos cinco anos, aceitei, tal fato perdurou por anos.

Em minha infância, o sobressalto foi sair do Rio de Janeiro para Mato Grosso do Sul... Foi um caminho trilhado por uma criança e com um “Deus te abençoe” me entregou aos cuidados de minha tia. Uma mácula instaurada. Em pouco, lembra “Kiriku”, personagem que discorre sobre a infância e modo como se comporta. Nogueira (2019), mostra dois “modelos” de infância, uma a infância entendida como “infantia<sup>14</sup>” - ausência de linguagem, incapacidade de fala. Para Ramose (2011), a

---

<sup>12</sup> Centro de Pró-Melhoramentos Ricardo de Albuquerque: Antigo centro comunitário de aprendizagem, no bairro de Ricardo de Albuquerque na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

<sup>13</sup> Casa-Escola: Casa-Escola: Dentro do conceito de Antonio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, procurei pensar a casa-escola, como princípio ancestral cosmológico. A confluência com a morada é a vivência no ambiente de total integração, buscou-se fazer um paralelo entre o conceito de Biointeração para a Educação Quilombola.

<sup>14</sup> Infantia: Palavra de origem latina.

infância é pluriversal, com sentido de “infâncias”, recobrando, duas faces como “ubunganeve ubuntuwana<sup>15</sup>”.

Como ressalta Nogueira:

Para lembrar e enfrentar algumas implicações do “Pinóquio heterônimo de Kant” vale a pena insistir na ideia de que o alvo da educação está em desenvolver a criança e melhorar o futuro, tanto o seu como o da sociedade. Dito de outro modo, essa compreensão guarda relação com uma formulação endereçada para crianças que foi muito recorrente no século XX: “o que você quer ser quando crescer?” (NOGUEIRA. 2019).

Para Nogueira (2019), em seu texto sobre Pinóquio e Kiriku: infância(s) e educação nas filosofias de Kant e Ramose, temos a figura de Pinóquio como heterônimo de Kant, a criança é educada, para aperfeiçoar a linguagem e a razão, uma vez que Kant a considera imatura no uso de linguagens e razão, além de desenvolver e melhorar para o futuro. Nogueira (2019) contrapõe, exemplifica: “O pressuposto é simplório: a criança ainda não é nada; mas, virá a ser, quando crescer”. O que, em termos de temporalidade, é uma desqualificação do presente. Vem embutida uma compreensão de que só o futuro será verdadeiramente “perfeito”.

Ao apontar a compreensão de educação/ensino para a criança do passado, passou pela ideia da qual Walter Benjamin (1987) e depois Giorgio Agamben (2008) corroboram e que em linhas gerais esse modelo propõe disciplina, deveres e trabalho, mostrando uma tutela de modos para superação da infância e visa uma maioria da razão (NOGUEIRA, 2019). Agamben (2008, p.117) ressalta que parte da concepção de tempo ocidental é devedora do filósofo Aristóteles. Mas, o tempo moderno precisa ser entendido como uma laicização do tempo cristão “retilíneo e irreversível, dissociado, porém, de toda ideia de um fim esvaziado de qualquer sentido que não seja o de um processo estruturado conforme o antes e depois”.

A primeira escola em Campo Grande - MS, foi no ano de 1984, o sentido de criança “diferente” se dava por alguns motivos: carioca, de pele escura - negro, canhoto e com um sotaque que era enfatizado no “r” e no “s” (com som de x), é o que podemos chamar de comum em qualquer “aluno diferente”.

---

<sup>15</sup> Ubunganeve Ubuntuwana: Termos Zulus para infância - “infância que não é infância” - tradução livre.

Do Rio de Janeiro, sobrou-me lembranças, são tristezas lindas cobertas de poesia narradas por samba. Já em Mato Grosso do Sul experimentei o nascimento da diferença, a diferença me trouxe fórmulas de conduzir aquela criança e depois o adulto. Posso dizer que experimentei a lembrança no Rio de Janeiro e a memória em Campo Grande - MS, a lembrança foi o modo espontâneo, a memória foi a mudança, o espaço o pertencimento.

Travessia é o que nossos ancestrais mais fizeram, é a travessia que molda lembranças e fórmula memórias como discorre Antonacci:

Corpos sem fronteiras que a “tempestade progresso” esparramou nas margens do atlântico negro, constitui aproximação preliminar a indícios de corpos negros entre reinos de suas visões cósmicas (ANTONACCI, 2013).

Para Vigarello (2000), o corpo revela e também esconde, mesmo nas relações entre escrita já o livro, não explicita de forma geral, o corpo revela a profundidade social por vezes inimaginável, esse corpo inscrito na História como imagem de um arquivo vivo como dimensão dessa obra, é dimensão histórica e intercâmbio das vivências africanas, é também posto que, aqui não é sobre a naturalização dos corpos, e sim a configuração histórica e constitutiva dos sentidos e significações (ANTONACCI, 2013).

Seguindo a travessia da infância e o corpo em outro lugar, fixo no processo de mudança de uma criança para demonstrar as diferenças culturais, a formulação do pertencimento e o dimensionamento da saída, do ambiente em que vive para o encontro com o mundo, o novo. Faço referência e exemplifico minha mudança na infância, nesse caso de Estado, para pensar e fazer um paralelo com o aluno que sai de seu ambiente, comunidade e encontra essa percepção do outro, da escola e de sua relação histórica.

Como a autora Eliane Cavalleiro (2021), descreve em “Do silêncio do lar ao silêncio escolar” que ao reunir informações sobre o negro no sistema de ensino, pensou o processo de autoestima pertencentes a grupos discriminados e a possibilidade de tornar a escola um espaço adequado. Um dos relatos da autora, demonstra o trabalho com crianças de quatro a seis anos e a identidade negativa na qual crianças negras apresentavam em relação às crianças brancas, a contrapartida era a atitude e sentimento de superioridade dessas crianças brancas.

Assim sendo, temos alguns caminhos a percorrer, o primeiro é um aspecto já mencionado, o negro na educação e seu processo de descoberta de sua história, o segundo seria a escola em si, o procedimento de uma educação que perpassa na real educação e o terceiro e ponto central, é o da Educação Escolar Quilombola que devido a proporção comparativa que dei sobre mudar de cidade e escola é do aluno quilombola que ao encontro fora do território se vê diante da dimensão descrita.

Um dos modos que chama a atenção de Cavalleiro (2021), é o modo silencioso ou silenciado do professor ou professora, esse “modus operandi” tem base na memória, na história e no esquecimento.

O que Cavalleiro (2021) descreve, atravessou a minha educação e de muitos negros, exclusão, falta de inserção como ação do racismo e segundo a autora a mais sofisticada vem dos livros didáticos, pelo currículo e meios de comunicação.

### **Quem sou eu pra esquecer o que passei no tempo em que andei...<sup>16</sup>**

Busquei na memória a história e vi a iconografia do amarrado, das figuras presas e animalizadas, das funções subalternizadas, das iconografias hierarquizadas, do que era História e do que não era. Minha memória só me levou por caminhos do que poderia ser, mas não havia fontes que me firmasse no chão do conhecimento ancestral.

Talvez a ideia libertária e autônoma que Paulo Freire (2008) nos remete a fazer, chegou-me no tempo certo, sempre achamos que o descobrir de algo é tardio, aqui descrevo minha “inocente conduta” com a “história oficial”, essa na qual contamos e no fim sentencia o que é História, como marco definidor.

Essa história comum que faz cair na conversa do dia a dia é exemplo da cultura de um povo, Amílcar Cabral fez uma reflexão pautada em 3 (três) elementos sobre o assunto: “a personalidade cultural do povo, a cultura como elemento de resistência ao colonialismo e o discernimento dos elementos “positivos” das culturas africanas”, ou seja, para Cabral (a cultura define a libertação nacional, imperativo contra a dominação colonial (FRANCO, 2009).

---

<sup>16</sup> Estou marcado, Paulinho da Viola, Emi-Odeon, 1970.

## 2.1 FALAR, OUVIR, NARRAR...

Um dos campos que gostaria de pensar é o da memória, pois talvez de uma dimensão sobre o pensar história. Aqui justamente para pensar a disciplina história dentro da escola pública e a Educação Escolar Quilombola.

Em 2012 tive uma experiência sobre o tema Brasil Colonial, na disciplina de Brasil Colonial, o livro da primeira viagem ao Brasil, “*A primeira História do Brasil: História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*”, de autoria de Pero Magalhães Gândavo (2004) assim como outros relatos como o de Johann Nieuhoff (2004), Thomas Lindley (2004), edições publicadas por autores franceses, holandeses no século XVI.

“Aprendi” que os relatos dessas descrições sobre o Brasil, são para distribuir conhecimento do Brasil no qual Gândavo (2004) descreve, a obra colocada como um regozijo para conhecimento filológico e histórico. A descrição de Gândavo não foi a primeira, mas é de impacto nos registros de história, o que se chama de fonte, essa fonte acaba por determinar para qual caminho pensar, ela constrói o modelo a ser seguido e pensado.

Assim ressalto que esse lugar “vulgarmente Brasil” ainda que colocado de forma crítica e ponderando visões racistas sobre o lugar do olhar europeu não era tão ponderado assim.

O caminho dessa memória sobre Gândavo e de outros autores da disciplina de Brasil Colônia remete a um episódio, em uma das apresentações do grupo na disciplina de Brasil colônia.

Dentre os vários textos distribuídos em sala ouvimos o termo “bugre” indagamos que apesar de conhecer as limitações da crítica anacrônica e do processo do tempo o grupo em que eu participava se mostrava reticente com termos como “bugre” e indagamos ao professor nova forma etimológica e semântica, dizíamos que indígenas ( Terena, Kadiwéu, Chamacoco) não gostavam da forma proferida e que precisávamos pensar as etnias como “cosmos de si”, vivências, experiências, que a disciplina de antropologia havíamos entendido outras formas de narrativas que não convergia com os estudos sobre a “colônia”.

Ressalto que as **Leis 10.639/2003 e 11.645/2008** já existiam, a primeira regulamentada a nove anos dessa pequena indagação no ano de 2012 e sua

reformulação e modificação para estudos também indígenas, o grupo (eu incluso) de forma simplória, dentro dos limites de entendimento, mas, não concordávamos com a manutenção dessa palavra, ou de palavras que surgiram nesse momento ou em outros do curso de História.

O prefaciado discurso sobre “a primeira história do Brasil” passa por história natural, dimensão da raridade histórica da obra em questão, e caminhando sobre a “certidão de nascimento do Brasil” como descreve o prefácio é o que marca o início de nossa historiografia. Um dos pontos que quero trazer é o processo de discurso de história, assim foi o caminho que aprendi, o discurso científico de fonte, da investigação minuciosa dessas fontes, não poderia haver arroubos de caráter não civilizacional contra o processo histórico, a mim pareceu-me um discurso em defesa do que acredita ser “marco civilizatório”.

Pensando no discurso, Pêcheux (1971) e Bakhtin (2005), defendiam que a ideologia se concretizava nos discursos.

Para Silva (2009):

Esses autores inauguraram uma nova forma de conceber a ideologia. Se está antes era associada à consciência ou às ideias, o que implicava percebê-la como algo abstrato, pelo viés do discurso pode-se considerá-la com possuindo uma existência material, que são os signos. O crítico ainda salienta que, a partir desses dois autores, surgiu “uma linhagem fértil e variada de análise do discurso” (SILVA, 2009).

Propriamente, o discurso se deu com base no debate sobre o termo “bugre” e a defesa do professor era algo normal. Segundo o professor, quando militamos em um campo não cabe a historiografia definir, a história foi escrita, esse era o caminho. O debate foi encerrado com uma risada sarcástica e um “bugre é normal!”.

Wilson Matos da Silva (2009), o autor de uma carta chamada “*Nós os índios não somos Bugres!*”, alega que não raras vezes, algo está relacionado ao termo pejorativo Bugre, objetivando substituir como sinônimo do que eram normalmente ditos ou escritos por pessoas de pouca cultura ou educação. Ele descreve que “Bugre tem uma denominação dada a indígenas de diversos grupos no Brasil por serem considerados sodomitas pelos europeus”, a origem da palavra vem do francês “*bougre*”.

Para Silva (2009), de acordo com o dicionário Houaiss, o primeiro registro do ano de 1172 da palavra “herético” vem do latim medieval do (século VI) relativo a búlgaros. Como membros da Igreja Greco-ortodoxos os búlgaros, foram considerados heréticos e o emprego do vocabulário para denotar uma pessoa indígena liga a ideia de “inculto, selvático, não cristão”, também uma noção de forte valor pejorativo a forma pela qual a sociedade constrói e reconstrói permanentemente uma imagem negativa de certo grupo nesse caso de indígenas pejorativamente designados pela palavra “Bugre”.

Consideravelmente o livro de Gândavo (2004), tem sua importância na história natural, nas descrições detalhadas, mas foi o fio condutor desse olhar rigoroso sobre a História.

O ponto de partida da ideia de narrativa pautada pela fonte e único modelo do que estamos chamando de caminho, caminho desse professor, ou exemplo para o percurso histórico que resgato acima é umas das principais questões, “sobre a produção de determinada realidade, essa elaboração psicológica da realidade marca representações e modalidades no qual sua especificidade denota seu caráter social” (JODELET, 2001, p.5).

Outro ponto, é a que a História enquanto ciência busca fundamentação para achar uma verdade histórica, um passado, um melhor modo de “contar”; sobre esse modelo. Bonzatto discorre que a História é “um instrumento político inventado nos séculos XVIII e XIX na Europa ocidental (Alemanha, Inglaterra, França e Itália) cujo objetivo era legitimar e autenticar a arquitetura do Estado-nação, como exemplo os momentos de preciosas mudanças, sugerindo narrativas de (desigualdades)” (BONZATTO, 2011).

Bonzatto (2011), a respeito da história, com base em seu texto “*Aspectos da História da África, da Diáspora Africana e da Escravidão*” e no primeiro ponto sobre desigualdade, descreve três premissas; a primeira sobre mudanças e permanências, movimento no tempo; a segunda sobre similaridades em diversas culturas e a terceira, caso as duas premissas sejam verdadeiras, é a imposição da forma específica de observar e analisar, dando formato a “formas de ver e narrar” (BONZATTO, 2011).

O historicismo, consiste em narrativas a partir de documentações históricas e no positivismo. Incorpora progresso e evolução - marxismo e annales, fundamentadas

nos pilares históricos (Mesopotâmia, Grécia, Roma e Idade Média), trabalhando a linearidade dos fatos, do tempo e a ideia de avanço em linha reta (BONZATTO, 2011).

Nesse aspecto, o autor afirma que História tem data e hora e que o aparecimento do Estado-nação está intimamente vinculado a Vico, Herder e Hegel.

O século XIX nasce sob o imperativo dos universais. Michelet incorpora Vico sob esse prisma, mas é Herder o emblema dessa história movida pelos universais, em que a humanidade caminha sob um determinismo marcado por uma sequência de eventos irrecusáveis. Mas esse determinismo estava vinculado às especificidades que determinavam a aceitação de um “homem universal” (BONZATTO, 2011, p.16).

Assim, sob a definição de história, segundo a ação de universalidades, esse *modus operandi* marca o olhar, a forma de ver e entender História, consistente, num parâmetro único, o eurocentrismo (BONZATTO, 2011).

Desse modo referido, Bonzatto ainda questiona o processo dentro dos parâmetros da expansão e a forma dessa escrita da História, conforme descreve, se encaminha para hermenêutica como forma de escrita da História. Ainda podemos estender o debate a uma forma ainda presente sobre as teorias da História em nosso cotidiano de sala de aula e do livro didático, periodização, quadrante linear do tempo (BONZATTO, 2011).

Seguindo a lógica do processo de imperativo universal relatado acima e pensando memória, podemos trazer Halbwachs (2004), que elaborou o conceito de memórias e hierarquizou entre memória coletiva e memória individual. Para o autor, a História tem rigor metodológico, a “Memória acaba onde começa a História”.

Nesse sentido, desejo seguir o caminho da memória, não para contrapor a história, mas como alega Halbwachs, “o caminho contínuo da memória, sem oposições definidas por limites ou cristalizadas” (HALBWACHS, 2004).

Esse fio da memória aqui descrito será interligado com a educação, essas lembranças construídas no tempo moldam o conhecimento, a escola pensada aqui, busca indagar, preservar debates e sair das memorizações oriundas do decorar.

A escola tem papel primordial na formação da cidadania, mas aqui a cidadania é atravessada pela conduta do racismo. Memória essa que iniciamos com o caso Gândavo (2004), que mostra que a educação também pode fazer o cidadão repellido, dentro do sentido de educação como diz Moura (2021) “O negro de bom escravo a

mau cidadão?”. Ele relata que o preconceito racial continua como dinamismo muito maior do que o registrado e traz uma notícia de jornal cujo título é: “Mestra negra expulsa do colégio pelas mães”.

Relata Clóvis Moura (2021):

São Paulo –18- Teresa Vitória Raul natural de Angola professora do quarto ano primário do colégio Santa Gertrudes, em Recife, será afastada de suas funções porque um grupo de alunas se rebelou contra a sua cor negra, queixando-se as suas famílias. A direção do Santa Gertrudes acatou movimento contra a professora iniciado por algumas mães de alunas que não admitiram que elas continuassem com aquela negra e decidiu por bem que ela deveria ser substituída, sob a alegação de que as alunas estavam sentindo dificuldades com seu sotaque. confirmou que ia deixar lecionar, mas ela mesma sabe que seu sotaque português é muito leve em nada atrapalha as aulas (MOURA, 2021, p.62-63).

É nessa memória das relações do mundo com a escola que fazemos pontes com as leis 10.639/2003 e 11.645/2008. A escola é o local de continuidade e por isso tem lugar no tempo presente, ainda que pareça haver algo que interrompa o ir além (SODRÉ, 2021).

O consumidor é um sujeito social, como declara Sodré (2021), pois ocupa o lugar de uma ficção histórica, de uma cidadania política enfraquecida, isso provoca um impacto do mercado global, fazendo desse ambiente local, estruturado e tecnológico, um novo espaço, adequando o termo de “globalização”

A educação é capaz dessa reinvenção e redescrição interpretativa do processo educacional como embasa Muniz Sodré:

Ao se reinventar a educação é inevitável que emergam ideologicamente as diferenças entre as expectativas sociais e o fundo utópico que parece presidir a todo empenho educacional. Assim, um coletivo posicionamento descolonizante tornar-se mais visível no hemisfério Sul; ou então, os libelos contra a excessiva penetração do capital na esfera educacional deixam-se ver basicamente nas hostes teóricas da esquerda histórica”. (SODRÉ, 2021).

Esse contexto descrito por Sodré ainda nos traz para o cerne do debate a comunicação, suas tecnologias e o currículo, para além da questão de financiamentos e processos que absorvem comunidades escolares de todos os formatos; a aceitação de estruturas físicas referidas ao modelo físico-estrutural exemplificado em uma escola e não nas formações das pessoas (professores e alunos).

Um dos caminhos que preza a civilização nos efeitos do “universalismo iluminista” já citado, é o modo singular de pensar e no caso, penso os momentos em aula, no qual o livro didático orienta qual caminho seguir, minha experiência em grande parte foi assim, por isso parto da ideia de memória.

Sodré, elabora que pouco a pouco se precisou da História para entendermos como chegamos até aqui e culmina em perguntar, “qual é o poder dos homens sobre as coisas?”. Para o autor essa é a questão da educação (SODRÉ, 2021).

Nesse sentido, Muniz Sodré traz um embate sobre a pedagogia e a escola, tendo como ponto o bojo frasista de Oscar Wilde que “nada do que vale a pena saber pode ser ensinado”, o autor destaca de modo irônico. Ressalta, que o embate intelectual sublinha uma distinção feita no ocidente sobre a “amplitude existencial” e disciplinas que só encontramos no “espaço pedagógico”, porém, distinção essa que goza de um escopo mais amplo, uma vez que se pode “localizar na história intelectual das civilizações diferentes pensamentos” com a finalidade de “sutileza” (SODRÉ, 2021, p.110).

Sodré (2021), relata o monismo cultural e hierarquia do saber, descreve sobre uma criança indígena de 12 anos, da etnia tucano que foi picada por uma jararaca na região do Alto Rio Negro, na Amazônia fronteira com a Colômbia, os médicos barraram a entrada do Pajé, que realizaria rituais e aplicação de ervas curativas para cessar a infecção. A perna da menina indígena, seria amputada de acordo com o diagnóstico médico para conter a infecção causada pela cobra. Inconformados, os indígenas tucanos recorreram à Procuradoria da República e conseguiram que a menina fosse internada em um Hospital Universitário, onde o diretor propôs combinação de tratamento médico convencional com os rituais e ervas indígenas, ministrados pelo Pajé. De acordo com relatos da imprensa, após três dias de tratamento a criança não apresentava mais febre e logo começou a crescer pele cobrindo os ossos do pé. Não era mais necessário a amputação. Efeito de quando separamos a educação da escola (SODRÉ, 2021, p.22-23).

A violência relatada e não perceptível é relegada por conduta disciplinar do modelo hierárquico em relação ao saber, os médicos no reconhecimento desigual de suas atribuições, apesar da preocupação, fizeram o que geralmente é recorrente, silêncio sobre o conhecimento diferente do pensamento indígena:

[...] pensamento alternativo produzido pelo movimento indígena, que se volta à classificação étnico-racial, à dominação estrutural e à descolonização, assim como à contestação e à distinção em relação a discussões relativistas que se efetuam a partir da diferença cultural e da multiculturalidade. Enfatizando particularmente a noção de "interculturalidade epistêmica" e posicionando-se como prática política, como contrarresposta à hegemonia geopolítica do conhecimento" (WALSH, 2019, p. 10).

A proposição da diferença e do romper com o modelo citado no decorrer dos exemplos de livros ou casos jornalísticos, mostram que a partir do conhecimento, sobre a educação como diversidade e multiculturalidade e também frente aos modos relatados sobre Estado-Nação, os processos da colonização, escravidão e separação da história e da memória, Pierre Nora alegava que:

Na periferia, a independência das novas nações conduziu para a historicidade as sociedades já despertadas de seu sono etnológico pela violentação colonial. E pelo mesmo movimento de descolonização interior, todas as etnias, grupos, famílias, com forte bagagem da memória é fraca bagagem histórica. Fim das sociedades-memória, como todas aquelas que vêm asseguravam conservação e transmissão dos valores igreja ou escola família gostando fim das ideologias como todas aquelas que asseguram passagem regular do passado para o futuro o indicado o que se deveria ter no passado para preparar o futuro que se trata da relação do progresso mesmo da versão um mundo mesma percepção histórica que com ajuda prodigiosamente substituído voltado para a herança de sua própria intimidade película e meia da atualidade (NORA, 1993).

O complemento da ideia de Pierre Nora, se dá no processo de aceleração e da vigência do crescimento industrial, o tempo e o período; o ponto é, que a História trabalha no coração do criticismo sobre a memória.

Marcelo Mello (2012), em "Reminiscências Quilombolas", fala das experiências do trabalho com populações que a História marca por uma "memória oral" e relata que o narrador muitas vezes emprega imagens místicas ou metaforizadas para representar e expor eventos históricos. Muitas vezes são tempo da escravidão com dificuldade de localização do tempo e no espaço, tais memórias que não são circunscritas somente ao tempo da escravidão.

A memória como a do personagem "Totó"<sup>17</sup>, que ao atravessar o rio deixou uma banda de sua vida, memórias da escravidão como em "Becos da memória" de Conceição Evaristo, descrevendo Histórias entrelaçadas, do dia a dia numa favela prestes a ser destruída na área central de Belo Horizonte - MG. A protagonista Maria-

---

<sup>17</sup> Totó: Personagem de Becos e Memórias (2017) - Conceição Evaristo.

Nova relata, sobre a vida das outras personagens. É à Maria-Nova que as pessoas da favela recorrem para contar suas memórias. Ela cria na escrita essas camadas variadas de memórias e vivências vividas e ouvidas.

Mello (2012), faz um apanhado do trabalho do pesquisador em suas consultas e a documentos, inventários e registros de toda ordem para confrontar os documentos orais e os escritos. Caminhar com uma literatura que transite o tempo todo como diz (Bosi, 1992, p. 19) “Datas, Datas. Mas o que são datas? Datas são pontas de icebergs”.

Não são esses icebergs do contexto Histórico de que relatei que quero mostrar. Pretendo traçar o caminho que venho insistindo e repetindo, o caminho da memória, sem datas, documentos, somente a memória escolar da educação e o encontro com professores que trabalham a Educação Escolar Quilombola.

## 2.2 MEMÓRIAS DOS BECOS<sup>18</sup>

Durante a graduação não tive contato com textos sobre Quilombo diretamente, guardei praticamente todos os textos da primeira vez que fiz o curso de História no ano de 2005 em Campo Grande-MS. Sai do curso e retornei já em Curitiba no ano de 2011, tirando os textos relacionados aos povos indígenas no qual li em Campo Grande, talvez, os textos sobre quilombos tenham sido escondidos sobre Flávio Gomes e outros e outras autoras em alguma ementa curricular.

No ano de 2012, participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-PUC-PR), por questões de demanda curricular para as escolas relacionadas ao grupo no qual trabalhei, pensamos em modificar algumas dinâmicas da sala e trazer as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, já que nossa referência em sala era pintar o mapa do continente africano.

Certa vez, quando o grupo de PIBID conversava sobre o assunto, uma professora indicou ir até o Núcleo de Educação da SEED<sup>19</sup>, que no ano de 2012 ficava no bairro Santa Cândida. Fomos até o local e já não havia mais o projeto, tão pouco

---

<sup>18</sup> Memórias e becos: Alusão ao livro de Conceição Evaristo – Becos da Memória.

<sup>19</sup> SEED: Secretaria de Educação e Esportes do Paraná.

a sala do grupo de trabalho Clóvis Moura, uma professora que nos recebeu no local nos deu o relatório do grupo, o livro.

Concernente a essa História e praticamente em dez anos como professor do Processo Seletivo Simplificado (PSS), foi no âmbito escolar, que a equipe multidisciplinar me fez buscar o que não havia visto, de forma densa, algo além do superficial.

A superficialidade na qual me refiro, é que mesmo com os avanços da base curricular escolar, só depois da graduação e na realidade escolar, deparei-me com algo que jamais li, os autores. Confesso que conhecia, Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, Milton Santos, Joel Rufino entre tantos, confesso também que me culpei por “não conhecer ou por não encontrar identificação”, ou seja, mesmo negro não militante de mim.

Recentemente, ano 2019, entrei em um curso de literatura e imaginei que pudesse dialogar com os colegas. No curso me foram apresentadas as obras de *Ondjaki* autor angolano de “Bom dia camaradas”, que de um tempo da memória e da saudade, todas as pessoas do curso conheciam e fiquei pensando sobre minha capacidade para procurar algo ou pesquisar.

Essa é a forma que cheguei até o assunto sobre a Educação Escolar Quilombola. Essas memórias num piscar de olhos; primeiro na adolescência, depois pesquisando samba, achando que era a mítica escola de samba de Candeia<sup>20</sup>.

A primeira vez que vi algo próximo do que iria estudar foi em 2018, de passagem, vi uma banca de doutorado, era de Luís Thiago Freire Dantas, “fui porque li em algum lugar”, lá estavam os professores Renato Noguera (UFRRJ) e Wanderson Flor do Nascimento (UNB) e a professora Carolina dos Anjos Borba (UFPR).

Esse percurso só me foi possível por conta desse momento, sem a professora Carolina não seria possível conhecer e adentrar esse conhecimento acadêmico, que categorizo como “militante do conhecimento de si”.

Através da professora Carolina e do Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade, que desenvolve pesquisas sobre quilombo, educação e território no João Surá, que também participou dessa iniciativa, oferecendo projetos de intervenção

---

<sup>20</sup> Candeia: Antônio Candeia Filho, sambista, cantor, compositor brasileiro.

“desenvolve e abraça a escola”, com os estudantes e a comunidade de maneira pedagógica (MOREIRA, F; ROSA, S. 2019).

Figura 1 - Banca de doutorado de Luís Thiago de Freitas Dantas - Reitoria NEAB



Fonte: Portal Geledés, (UFPR, 2018).

Candau e Oliveira (2010) dão base no enfoque crítico de Walsh (2019) para essa perspectiva de reflexão dos processos educacionais sobre o “pensamento-outro”, decolonialidade e pensamento crítico de fronteira, e provém do autor árabe-islâmico Abdelkebir Khatibi, lutar contra a não-existência, próximo de colonialidade do ser que questiona a colonialidade da negação histórica dos não-europeus, como os afrodescendentes e indígenas da América Latina.

Decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber. (CANDAU e OLIVEIRA 2010).

A interculturalidade deve ser o ponto de partida dos processos e projetos políticos, pensando o pensamento de fronteira cujo Walsh (2019) descreve e colocando as questões da Educação Escolar Quilombola, Arruti (2017) considera um retrato não preciso, ou impreciso para propor uma proposta pedagógica, por

imprecisão, em relação ao conceito de quilombo e também em relação ao conceito de Educação Escolar Quilombola.

A todo momento pensar a Educação Escolar Quilombola é pensar a condição do negro no Brasil e sua resistência por manter-se nessa travessia educacional, nessa confluência do conhecimento, um estudo do viver e do sobreviver.

Por esse motivo a educação é o ponto basilar do processo de vida e parâmetro de laços com o todo e apesar das leis, planos e diretrizes, o desrespeito - palavra branda para apagamento, silenciamento e morte são o mote principal aos povos indígenas, quilombolas e tradicionais. Assim o trabalho da memória ainda que em outro aspecto também coletiviza e educa:

Então quer dizer que eu vejo assim: principalmente no chamamento dos jovens; parte muitos dos pais. Principalmente daquele pai que não tem um colégio, não? Não estudou, não tem um terceiro ano, coisa parecida, então ele tem que roçar essa ideia exatamente com o filho dele, não? Até onde o filho dele pode ir dando os livros de conhecimento... ele deve saber da nossa raiz: "eu quero saber de uma lei" --diz ele. Então esse filho vai buscar, vai se informar pra ele, pra que aí ele vá tentar o contexto hoje em dia dos seus próprios direitos (ROBERTO POTÁSSIO ROSA, COMUNIDADE DE SÃO MIGUEL DOS PRETOS - ANJOS & SILVA, 2004).

Nesse sentido, chama atenção, do ponto de vista da educação, uma fala similar de Antônio Bispo sobre os velhos, que o colocaram pra aprender a ler a linguagem do "colonizador" e "quem busca o entendimento sobre o campo das negociações, formulações oficiais" (ANJOS, 2004, p.75).

Nesse sentido Anjos (2004, p.75) descrevendo "São Miguel e Rincão dos Martinianos" mostra a História heterológicas e a memória coletiva está no fundamento de reinvenção do conhecimento do passado é da geração anterior, resgatando memórias ancestrais. Esses lugares-de-memória embora vivido, funcionam menos como comprovação histórica do que a fundamentação da noção de direito, obviamente o sentido do território é a real condição do espaço positivo dos fatos, tanto quanto a história oficial (ANJOS, 2004).

Colocado a pontualidade do processo específico de São Miguel dos Pretos, esse fio da comprovação histórica que pretendo puxar, essa memória do espaço de intensidades do "lençol do tempo" trazido por Deleuze (1976), no qual aponta a melhor forma de narrar o caminho.

Esse caminho que aponta uma árvore, um local, imagens que trabalham o funcionamento de imagens coletivas e exigem registro da memória (ANJOS, J.C., 2004, p. 74), registro esse que me fez marcar árvores e caminhos que no caminho me perdi.

Caminhos estes, que revivo ao lembrar um acontecimento ao voltarmos do Quilombo João Surá. A professora Carolina, Débora e eu, nos perdemos literalmente na volta para casa. “Se perder”, tem inúmeros significados. Marcar a árvore ao voltar nesse relato, que me faz relacionar que se perder encontra sentido em estradas, caminhos estes que levam a memória educativa no território. Um lapso, um esquecimento, um acontecimento e uma hora ou outra adentrando lugares.

Perder-se da memória é perder-se no caminho, caminho da educação que no “atravessamento do atlântico negro” e do corpo ensinou sem escolas e aportou conhecimentos, como a alusão de um homem branco ao conhecimento relacionado a Beatriz Nascimento. Sobre conhecer melhor as religiões de matriz africana que ela e assim o fazia mais negro, Beatriz Nascimento indaga, “o que é que eu sou?”

Quando um branco quer retirar minha identidade física, único dado real da minha História viva no Brasil – só resta o que está dentro de mim, só me resta assumir o meu complexo não resolvido (NASCIMENTO, 1974a, p. 98-99– UHLE, 2019).

Esse “complexo de não resolvido”, que olha para dentro de si, no sentido de achar sua história, a escrita histórica, esse fazer por nós, na história do negro e da negra no Brasil, é fazer essa História viva.

Trazer esse pensamento da educação de negros e negras, corre em paralelo ao pensamento do “aprendizado tardio”, no meu caso. Esse aprendizado me fez ser mais parecido com os que critiquei do que com a memória do que imagino.

A crítica propõe mudança e em se tratando de educação postula boniteza, conceito maravilhoso de Paulo Freire como relata Euclides Redin:

Da concepção da vida, bem como amorosidade, bem querer, amizade, solidariedade, utopia, alegria, esperança, estética e genteidade. A vida há que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo. (REDIN, Dicionário Paulo Freire, 2008, p. 110).

O que queremos é que pelo conceito de boniteza que Freire declara e “poetisa”. Visionando a crítica que a história exige com consciência, mudar e dar significado,

sentido, viver plenamente e aprofundar a mudança, como processo para a construção do “ajuntamento” da comunidade escolar, tratando-se de escola-educação.

Entre o que queremos e o que temos, faz-se presente a “demanda” da Educação Escolar Quilombola, com base nos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) de 2018. O quadro é no mínimo preocupante, sob aspectos de retiradas de direitos. Primeiro, o desenho da Educação da população negra e indígena como um todo, a preocupação com a Educação Pública de qualidade para população de modo geral e a Educação Escolar Quilombola.

Os dados mostram que apesar de 400 mil crianças matriculadas em Escolas Quilombolas, em idade e passagem para o quarto ano, saem do território muitas vezes, transportados para outras escolas e o longo tempo, no ônibus ou ausência do mesmo, como no relato do professor Benedito em sua dissertação:

No ano de 1994, um grupo de 14 estudantes foram estudar, tinham o objetivo de concluir o ensino fundamental em Porto Novo, distante 25 quilômetros da nossa comunidade. Crianças, adolescentes e adultos se deslocavam para a escola de bicicleta, a cavalo e a pé, percorriam a distância de doze a quinze quilômetros até o ponto de ônibus. No ano seguinte entrei com essa turma para enfrentar a longa caminhada até o ponto de ônibus e depois seguir até a escola. Nós deixávamos a comunidade por volta das 13:00 e retornávamos a noite chegando em casa por volta das 01:00 e 02:00 da manhã (JÚNIOR, 2021. p.11).

O relato do professor Benedito Júnior em sua dissertação mostras essas vivências no qual o colégio é também território e conflui no sentido do que Maria Auxiliadora Lopes (Canal Àwúre), pesquisadora das relações étnico-raciais na educação, pensa a regência e cumprimento das leis direcionadas a Educação Escolar Quilombola. A Conferência Nacional de Educação (CONAE-2010) atribui, legislação própria, alimentação, formação específica, representação da comunidade, cursos específicos, apesar da proteção em relação à legislação (JÚNIOR, 2021).

Ainda em relação aos dados do INEP (2018), o relatório mostra que 75% das escolas fechadas estão no Norte e Nordeste do Brasil. Em 15 anos, foram fechadas quase 35 mil Escolas Quilombolas e Indígenas, sem consulta às comunidades. O impacto desses fechamentos é o impacto causado pelo silêncio da História e da Memória.

O impacto desse silêncio foi causado pelo que descreve Maria Antonacci, trazidos, fincados, estetizados, presos ao tempo cronológico de corpos sociabilizados

em matrizes orais, nativos de Américas e Áfricas enfrentaram formas de servidão e escravidão, reinventando seus poderes/saberes frente disciplinas, repressões e violências a distâncias de senhores (ANTONACCI, 2020).

### 2.3 CONFLUÊNCIAS, FÔLEGOS E RIOS

O terceiro capítulo é um rio corrente, que se mistura a toda literatura possível dentro da ancestralidade, é o contínuo encontro transbordado em falas, músicas e poesias.

É o encontro com o Quilombo, como corpo consciente do aprendizado acadêmico e configurado no perder o medo de caminhar pela academia, é também, o medo de não corresponder ao professor Benedito, a professora Eliziane e ao professor Cassius o devido respeito ao tempo cedido e a fonte das oralidades nas conversas, para também respeitar a memória de cada um e do território em questão: a Comunidade Quilombola de João Surá.

Por falar em medo, medo não tive de ousar, de embasar em olhares ancestrais novos, como do poeta e intelectual Allan da Rosa, que de beleza fulcral destila belas conceituações da Água de Homens Pretos.

Não caberia melhor o trocadilho da beleza de história viva, história que mostrou o corpo afropindorâmico no referido arquivo vivo, que permeia a interlocução com a professora e o professor.

Dos Nomos buscou-se no Kemet chamado por Egito, o chão de lá, da forma-valor à forma-comunidade, assim, como a sequência descrita por datas daqueles nomes que não estão no texto diretamente, mas estão no corpo, embasado em Carolina Maria de Jesus; já Conceição Evaristo é a própria memória, é a literatura sulinizadora.

Quem percorre esse rio de memórias, também é Beatriz Nascimento que brinca com os sabores de juízo de valores e pecados do anacronismo.

Esse texto é permeado pelo corpo, o corpo é marcado por referências, são essas referências além texto que marcam a vida.

O que não cabe no texto, muitas vezes cabe no corpo, é para além da escrita descrita, é para além da conexão posta na dissertação.

Borba, 2020, descreve em Terras Negras dos dois lados do Atlântico, compõe o caminho das ruralidades visionando em alguns subtítulos: 3.3 - *O Conceito de Quilombo*, 3.4 – *Patrōnus*, 3.7 - *Professor Mandrião*, que remetem à descrição do modo de vida no campo e das narrativas de resistências. A abordagem feita no capítulo “feijão, milho e resistência - à vida na terra”, descreve “o rural como espaço de vida, onde se desdobram questões marcadamente tensas, no que se refere as relações encadeadas adversos aos camponeses negros (BORBA, 2020).

Os nomes citados no texto são como nomes conhecidos, de convívio diário e quando não estão no texto, estão comigo.

Exemplificado na figura de minha mãe que não está no texto, mas para além do texto, a percepção do texto é pequena, diante do que quero mostrar na concepção formativa de minha mãe pra mim.

Carrego em mim minha mãe e tantos autores que não estão no texto, mais na memória, essa memória oriunda do antes.

O antes, fez-se caminho para tantos outros mundos e fez-se o passo da lembrança e depois do campo da escrita feita na memória.

Essa memória feita com o ouvir, traz o próprio capítulo e os subcapítulos, comandados pela potência das falas da professora Eliziane, como no caso dos velhos, dessa ancestralidade que percorre sua fala.

A professora ainda contempla um pensamento que faz confluência com Mariléia Almeida, o Devir Quilomba, que mostra as mulheres em suas políticas de afetos, feitas a fazer escola, fazer luta pela oralidade e escrita, esse lugar do afeto é proponente de defesa do território.

Já nas confluências com o professor Benedito encontro a relação do que Bispo diz, que a relação de convivência entre os elementos da natureza nos mostra que nem tudo que se “ajunta se mistura”, que nada é igual. Nesses escritos, foi-se moldando esse pensamento plurista de mostrar, no meu caso como alguém de fora e do professor Benedito como alguém de dentro do território, mas num pensamento politeísta.

### 3. HISTÓRIA VIVA

O primeiro princípio contrário à razão indolente, pois não se estabelece a norma de hierarquia entre os corpos-territórios, já que todos os envolvidos são convidados a participar igualmente na produção de conhecimentos, pois “tocar o corpo da outra pessoa, sentir a sua respiração, o seu cheiro, a intensidade das suas gestualidades faz com que aguça a minha vontade em respeitar o tempo do outro. (MIRANDA, 2018, p. 48)

*Confesso que tenho medo de escrever sobre os outros mesmo que “nunca” escreveram sobre nós*<sup>21</sup>. Uma grande parcela da população negra, desconhece seus autores e a parcela de autores negros é pequena, comparada aos brancos.

Mesmo que alguém indague: *“Mais e os inúmeros negros que escrevem?”* A retórica é certa; Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto, Conceição Evaristo... Dentre tantos historiadores, antropólogos e intelectuais entre outros. Porém nenhum de nossos autores fazem parte da base curricular de educação. Como já dito, mesmo com o avanço da Lei 10.639/03, vemos que temos muito a avançar.

Partiria da ação dos silêncios sobre o existir, exemplifico como a busca sobre o termo criança como iniciei em trajetórias anteriores: infância da história, e em muitas buscas sobre as infâncias no Brasil e as diferenças como as de Renato Nogueira, perto do mundo de informações sobre História da infância e da educação, que não tratam as diferentes infâncias e condições de outras, como de indígenas e quilombolas.

E os livros? Nem sempre escrever é comunicar! E nem é o propósito de muitos desses e dessas intelectuais que miraram muito mais no cuidado dos seus para o existir, resistir e confluência de vivências.

Partindo de uma “generalização cuidadosa”, sobre o escrever, sobre o outro, é porque escapamos dos cuidados que muitas vezes foi tutelado ao “falar em nome de”, como *Ciro Flamarion*<sup>22</sup> apontou as brechas nas vidas escravizadas, e *Clóvis Moura*<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Parafrazeando Beatriz Nascimento: “Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse mim contém muitos outros” (NASCIMENTO, 1977, p.420).

<sup>22</sup> *Ciro Cardoso* foi um historiador brasileiro, tendo produzido uma obra, que se caracteriza pelo rigor teórico, profundidade analítica e pela variedade de temas que vão da História da América à História Antiga e da Teoria da História à Epistemologia e à Semiótica.(Marxismo21).

<sup>23</sup> *Clóvis Moura*, Sociólogo, pesquisador que traz novas epistemologias em relação às estruturas vigentes de sua época, não apenas contestou como provou que não havia passividade no escravizado, questionando o pensamento da época. escreveu obras como *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas* (1959), *O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão?* (1977), *A sociologia posta*

que mostrou, que não se vivia em brechas como a História mostrou, mais sim, em vida e o “outro” se faz memória.

Como não temos historiadores ao longo de tantos anos de luta? E Beatriz Nascimento? Podemos responder com Lélia Gonzalez quando exemplificou a “ascensão” do Movimento Negro Unificado (MNU) na década de 70, dando exemplo de acesso aos livros. Clóvis Moura em “O negro: de bom escravo a mau cidadão”, *duzentos e cinquenta reais*, quarenta anos para ser relançado. “LIVROS”, divulgação, distribuição, formação, dentre esses exemplos, inúmeros estudos comprometidos com tais temas no limbo do acesso ao conhecimento. Lélia dizia que não poderíamos falar apenas de raça, mas também deveríamos falar de classe, interseccionalidade. Angela Davis, Audre Lorde, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, referências para pensar as relações entre classe, raça e gênero. Assim descreve Ana Rita Uhle:

Nós estudantes negros (as) de História, assim como de outras disciplinas acadêmicas, sentimos o desconforto da representação da população negra, uma visão que parece muitas vezes ser do ponto de vista colonial, da casa grande, por isso relato aqui a minha inquietação maior: Beatriz Nascimento não ser discutida em uma disciplina de metodologia ou Introdução à História. Essas inquietações e desconfortos acompanham estudantes ao longo das graduações em História nas universidades brasileiras, pois estamos diante da invisibilização de produções de autoras(e) negras(o) (UHLE, 2019).

A presente pesquisa se propõe a pensar a História como campo da memória, onde a disciplina de História, enquanto vivência pessoal, levou-me ao encontro com o professor e a professora. Das quais, as memórias da infância, da escola, do exercício do ouvir História, do confronto com a vida e a educação de modo geral me sobreveio. Ainda referenciando Beatriz sobre a condição metodológica do escrever sobre “nós” como relata Ana Rita Uhle:

Os estudos da autora possibilitam o (a) negro (a) ser sujeito de sua História, ao partir de sua História viva, de seus sentimentos e pensamentos, sua escrita possibilita uma forma humana de representar e tratar o negro (UHLE, 2019, p.20).

É importante rememorar a todo momento de Beatriz Nascimento, pois ela assim como Édson Carneiro, Astrogildo Pereira, Clóvis Moura mostraram os

---

em questão (1978), Diário da Guerrilha do Araguaia (1979), Os Quilombos e a Rebelião Negra (1981), Brasil: as raízes do protesto negro (1981), Sociologia do Negro Brasileiro (1988). (Sociedade Brasileira de Sociologia- SBS)

processos de ressemantização do termo “*Quilombola*”. Ela descaracteriza o caráter negativista da “fuga”, não que os outros não façam, mas a Historiadora destaca esses momentos, como o quilombo inserido no contexto da historiografia oficial, na época de Palmares, pano de fundo para a invasão holandesa (UHLE, 2019).

Com isso, o contexto muitas vezes percorrido foi como guerras e insurreições para perpetuar vencedores e vencidos, mas pontua que o quilombo é uma “tentativa vitoriosa”, resistência ideológica e autônoma na perspectiva histórica trazida por Beatriz Nascimento.

Embora o quilombo sofra modificações ao longo da História, a principal característica que se mantém é a de ser uma organização social empreendida pelos negros, de uma forma contínua durante todo o tempo do escravismo negro colonial (NASCIMENTO, 1977, p. 129).

A ressemantização é um dos parâmetros no qual exprimia Beatriz Nascimento, com o falar de nós e nos reconhecer.

Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse mim contém muitos outros, então escrevo de um coletivo sobre e para essa coletivização. Disto me vem um grande ardor que às vezes paralisa a produção, sem a interlocução do outro. É um momento de alteridade muito sólida, a solidão do Pantera Negra ou de Biko (NASCIMENTO, 2018, p. 420).

Ela prossegue, “falar sobre escrever é jejuar segundo Deleuze e Guattari”, e segundo ela, o citar e escrever é como “desligar-se dos mestres” para que se invente uma língua dentro da língua (NASCIMENTO, 2018).

Pegaria esse contexto para não escrever do que possibilita falar do “outro” ou e/ou interlocutor para as críticas nas quais expus a mim e outros professores não silenciem a História e principalmente a História desse território da memória.

### 3.1 NOMOS<sup>24</sup>

Quando nós falamos tagarelando e escrevemos mal ortografado,  
Quando nós cantamos desafinando e dançamos descompassado,  
Quando nós pintamos borrando e desenhamos enviesados  
Não é porque estamos errando, é porque não fomos colonizados.

---

<sup>24</sup> Nomos: Referência aos Nomos do Egito Antigo - Povos que viviam em clãs, aldeamentos. Referência ao livro: “Os quilombos como novos Nomos da terra: da forma-valor à forma-comunidade” (NASCIMENTO, 2020).

(NÊGO BISPO, quinta edição do Mekukradjá: construção de pontes, realizado em novembro de 2020).

18 de agosto de 2021

Esse “tempo do antes”<sup>25</sup>, é o que marcou os preparativos para o campo. Os ensinamentos da pandemia de coronavírus (COVID-19) causada pelo vírus SARS-CoV-2. Surto que afetou o mundo, vários mundos. É esse tempo do antes que pensávamos aprender em sala de aula, a defesa da sala de aula ficou nítida para todas e todos ao seguirmos os protocolos sanitários.

Pensávamos também em datas, refiro-me à universidade, relacionado a meu caso; atividades, aulas, mundo novo. Bolsista, cheguei ao mestrado aos 43 anos e queria curtir na rua, já pensava no “buteco”, colegas, teses de doutorado oriundas de nossos copos.

Nada disso, a pandemia matou. Pode ser que no meu caso tenha gerado memes e gracejos involuntários, mas a morte não poupou nem os vivos.

O antes do dia 19, se refere a quase um ano e meio antes da pandemia, ver essas construções de lembrança e memórias enlutadas e lutadas. No dia dezoito, a personagem de Conceição Evaristo, Maria-Velha que um dia foi só Maria e contava uma história, “pulava em infância que nem cabrita na frente do avô e o viu chorar, a imagem fiel da filha do avô que ele “perdera”, vendida pelo sinhô, nunca mais se soube da filha, o velho homem ao ver Maria aos pulos acabritados, sentia como uma pedra pontiaguda atingindo o peito.

Essa pedra elucida a memória, dor, choro e vida. Maria já velha relembrar, rememorar.

Esse tempo do antes é o que caminhou conosco, é o passado. “O passado oprime os vivos como um pesadelo, mas interpela com suas lutas fracassadas as quais povoam, inexoravelmente, o horizonte do presente. É este passado interpelador que o historicismo acaba por reprimir”. (NASCIMENTO, 2020. p.95).

---

<sup>25</sup> Tempo do Antes: Descrição poética, em referência ao poema “Nasci antes do Tempo” de Cora Coralina. “Tudo que criei e defendi nunca deu certo. Nem foi aceito. E eu perguntava a mim mesma, Por quê? (...). Alguém me retrucou. Você nasceria sempre antes de seu tempo. Não entendi e disse Amém”.

Referência ao passado, memórias.

Ainda que seja dor essa memória repete o que Benjamin coloca na contradição do presente, essa interpelação a todo momento que bate à porta da historiografia hegemônica na qual “furamos o balão” dela. Exemplificamos como um professor ou professora que tenha um material de duas páginas da revolução de São Domingos, mas, que cujo os frutos constitucionalistas “roubam e silenciam” muitas páginas do livro didático.

Muitas vezes demora para “furar esse balão” do modelo vivenciado, segundo Luís Nascimento sobre a formação dos quilombos, “O silenciamento sobre a formação do quilombo é uma das mais gritantes manifestações de apropriação da tradição pelo conformismo das classes dominantes” (NASCIMENTO, 2020. p.96).

O professor Luiz Fernandes "Como a Inglaterra elisabetana pensou um império na América: piratas, cimarrones e o sufocamento espanhol (décadas de 1570-1590)" traz nesse estudo as primeiras cidades, cidades comerciais que foram os quilombos na região do Panamá (FERNANDES, 2020)

Pensei depois, porque não tinha esse material anteriormente para trabalhar em sala de aula; além do mais me lembrava das aulas que falavam da formação das primeiras vilas e cidades que os europeus fizeram, e “desenhavam a fotografia” desse modelo, igrejas, e a cidade cresce em volta, obviamente teve esse modelo, mas no caso do Panamá e outros locais essas estruturas de “cidades” já estavam prontas.

Nesse caminho a ideia não é criticar historiadores ou a ciência como um todo, também não é desacreditar a escola, educação, é sim sobre os processos de colonialismo e colonialidade que atravessaram nossas vidas. Um dos caminhos a percorrer não é sobre a fonte, o conhecimento relacionado à história, mas sim ao acesso e formação.

O dia antes do campo é o acesso, a vontade de aprender, o conhecer professoras e professores que permitam fazer a boniteza. O dia antes do campo foram as angústias mundiais coletivas e pessoais sobre metodologias, é etnografia? Online ou offline? O tempo não parou.

Figura 2 - Comunidade Quilombola João Surá



Fonte: o Autor, 19 de agosto 2021

### 19 de agosto de 2021

Reitero diversas vezes o acolhimento da comunidade de João Surá por receber o grupo de pesquisa Joana de Andrade em tempos pandêmicos. Cabe dizer que apesar dos imbróglis vacinais, das tantas mortes, enfim nos vacinamos, e a comunidade estava imunizada por completo.

O medo me tomou conta pela ideia de entrevistar a comunidade, incursões, Baztán e Corrêa (2015) os cuidados com o qual Geertz traz a “etnografia densa”, “profundidade significativa”, além do como proceder, incomodar, atrapalhar.

O caminho foi sair pela manhã do dia 19 de agosto de 2021 de Curitiba-PR, e chegar por volta do meio-dia (12hs) no município de Adrianópolis, em João Surá, chegar às treze horas e trinta minutos (13:30hs).

Lili nos recebeu, nos cedeu estadia na casa, na qual já contei. A professora Carolina lhe retribuiu o carinho e a levou até sua casa; um pouco mais de quatro quilômetros e lá encontramos o professor Benedito também conhecido como (Ditinho), casado com a Lili.

Dois pontos são necessários: retornar, a recepção, acolhida e o carinho, obviamente falando de campo, poderia ser diferente, mas experienciamos isso com a professora Carolina.

O segundo ponto já descrito foi a comida, culinária, ponto que abre divagações ao processo de agricultura, alimentação, segurança alimentar, mas o ponto que quero chegar é o da cozinha, do “abraço” que a comida em relação com a visita, ainda que não seja propriamente uma visita.

Alimentação é vida como ouvi algumas vezes no território, mais nas memórias dos carnavais com mocotó que minha tia Esmeralda fazia, ou quando chegava o natal e a cozinha de tia Heloísa estava convidativa, o olhar era sempre de admiração pelo impacto que a cozinha me causava.

Em questão está o território, a alimentação, a culinária, a comida, como Anjos (2004) descreve, sistema de cura, quando leva o chá, quando colhe, além de tecer nas relações das festas.

O sentido de ser recebido e ver essa dimensão da recepção com almoço toma por completo o que relatei sobre o acolhimento. Um pouco antes do almoço, o professor Benedito nos chamou para mostrar uma montanha e contar uma história, “você tá vendo aquela montanha então, eles subiam lá, o canoeiro que vinha de uma região, e eles se posicionavam lá no alto, viam tudo” (JÚNIOR, 2021). Não era entrevista, era uma conversa inicial entre professores e a orientadora dos dois, mas eram esses os corpos que expressavam confluências.

Na perspectiva herdeiros de matrizes africanas vivem intercâmbios cósmicos, focamos no corpo - expressão maior de mediações cultura/natureza- como “arquivo vivo” de memória sem fronteiras enquanto síntese de forças e energias (ANTONACCI, 2013, p.150).

Esse arquivo vivo condiz com a vivência e educação, ele faz trazer lembranças e ensinamentos, ele, o corpo que educa porque é vida. Para Antonacci, essas experiências de memória, crenças, hábitos, ofícios foram renegados. Meados do século XX, explodiu as culturas profanadas, mulheres, “subvertem a pauta do previsível” e estremecem um passado que parecia organizado (ANTONACCI, 2013, p.240).

Expropriação da colonialidade experimentou o que Sarlo (1995) diz, que as fontes, as matérias e perspectivas, “inundaram olhos e ouvidos de artistas e intelectuais sensíveis às diferenças e ao novo”.

No decorrer do dia 19 de agosto tive oportunidade de conhecer a professora Carla Fernanda Galvão Pereira, professora de ciências, técnica em agroecologia,

liderança jovem e filha de Antonio Carlos de Andrade, liderança da comunidade e filho de Dona Joana de Andrade.

Também ver a professora Carolina conversando com Dona Santina Fogaça de Cristo Ramos de papel importante na ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DO BAIRRO JOÃO SURÁ, fomos ao rio das águas e das confluências falarei no dia 20 de agosto.

No dia 20, acompanhei a professora Carolina e Débora a conversa/entrevista com Edna Andrade de Matos, que foi merendeira, Quilombola da comunidade de João Surá e que trabalhou como merendeira no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, o campo se estabeleceu presencialmente como tenho chamado de “conversas” e as são.

A entrevista com o professor Benedito é algo que ao longo do texto pretendo trabalhar, em conjunto com a dissertação dele, além do convite que recebi para participar da equipe multidisciplinar do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos.

Sobre a equipe multidisciplinar a pretensão de viver a experiência com a equipe do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, e desenvolver em processo de escrita e não menos importante a conversa/entrevista com a professora Elisiane Sbravati, que pude acompanhar a entrevista da colega de grupo Débora Olímpio com a professora, falando de seu trabalho na comunidade de João Surá como merendeira e professora de História. Essa comidoria que vem do Quilombo perpassa a ciência das mãos de professoras como a de Glasielle Andrade e da professora Elisiane Sbravati, que remete à cozinha e sua preferência e gosto pela comida e o falar dos velhos. Da vida dos que são propriamente conhecimento.

## **20 de agosto de 2021**

Chegou o dia 20 de agosto, o dia de minha entrevista/conversa. Ao iniciar o dia, acompanhei a colega Débora, em sua entrevista com a Edna, que foi merendeira do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos. Nos deslocamos até a residência dela, onde fomos recebidos para um diálogo sobre a cozinha, trabalhando as questões da merendeira como educadora.

Voltamos para a nossa estadia, onde almoçamos, pois no início da tarde encontraria o professor Benedito Júnior.

Nosso encontro se deu na Colégio Estadual Diogo Ramos, mesmo fechada, devido a pandemia, pois o professor e coordenador pedagógico, tinha afazeres no colégio. 20 de agosto, sexta feira de 2021.

No relato inicial da entrevista, relembro da História já contada pelo professor Benedito, sobre os antepassados. Rememoro e o parabenizo pela dissertação e tomado de curiosidade, e pergunto:

Sobre a sua relação com a disciplina de História, sua relação enquanto aluno (na infância), se podia me contar sobre o Professor Diogo Ramos. Outra questão levantada, como ideia prévia; como as disciplinas no Colégio Diogo Ramos, eram divididas. Até seria interessante inverter a pergunta, porém com o não conhecimento da comunidade e do meu entendimento das demandas históricas que a comunidade de João Surá e suas mais de cinco mil comunidades tem a oferecer para a História no sentido das resistências e referências ancestrais que corroboram com a educação étnico-racial. Aqui compartilho do pensamento da equipe-multidisciplinar que em face aos séculos de exclusão de indígenas e negros no Brasil faz com que essas demandas sejam sonhadas e possibilitadas na formação de professores como no meu caso.

Assim descrevo minha dúvida ao professor Benedito Júnior, como é o relacionamento como pedagogo, com professores e professoras de História, quais as demandas que a História propõe para a Comunidade Quilombola Diogo Ramos?

(...) Então Glauber, o meu pai foi professor, né... professor do processo histórico que nós contamos, da nossa trajetória histórica, em que respeita à educação escolar que vem de Diogo Ramos e da família dele. A filha dele, foi a segunda professora, isso lá ainda, por volta de 1930. O meu pai foi casado com uma das netas também do Diogo Ramos. Se passaram 9 ou 10 anos depois, ele se casou com a minha mãe. Só que aí, aqui mesmo, tinha mais duas ou três escolas mais espalhadas no núcleo que compõe aqui o Diogo Ramos. E na ausência da esposa que era professora, ele assumiu depois, e se tornou professor (BENEDITO JÚNIOR, 42, AGOSTO DE 2021).

Interrompo e pergunto o nome de seu pai, e ele com sorriso na fala diz:

(...) Benedito. E daí, nisso, ele que era uma pessoa que dialogava bastante já, ele tinha assim muita teoria, ele era envolvido já com questões sociais e aí tinha os outros também, outras pessoas que acompanhavam, primeiro como pai, depois como professor também. Então, na Educação Escolar, foi direto com meu pai. Então eu fui um privilegiado, no sentido que, eu aprendia o que via pela primeira vez através dos livros, das cartilhas e ao mesmo tempo que ouvia o que meu pai debatia com os cumpadis dele. Como ele se

informava, informação como professor, mas ele lia muitas revistas e jornais, então eu fico imaginando, o que era aquilo que ele estava dialogando. Isso criava uma imagem na minha cabeça, o que seria aquilo? Como a gente dialogava sobre aquilo? Ele queria tanto que eu estudasse, que me colocou numa escola, numa cidade que é Iporanga-SP, que fica 25 Km daqui. Meu pai também, dava aula na nossa casa, a mãe o ajudava a preparar as merendas - quando tinha a merenda - e vinha ali umas duas vezes por ano e meu pai ia buscar as merendas nas costas; andava ali 25 Km com a merenda nas costas, um pouco no cavalo e por vai. (BENEDITO JÚNIOR, 42, AGOSTO DE 2021).

O professor Benedito Júnior detalha ainda que sua família passou por uma mudança de casa, como o professor Benedito (pai) lecionava em sua casa, por quase dois anos a escola no quilombo ficou fechada.

(...) Tivemos que fazer outra casa na época, e daí ficou uns dois anos com a escola fechada, ninguém estudava, enquanto não construía a escola, ele queria que eu estudasse. Terminei ali a quarta série na época, e daí ele me colocou pra estudar em Iporanga, para terminar o ensino, pelo menos até a antiga oitava série, antigo primeiro grau que chamava. Então, ele sempre queria que eu estudasse, já tinha a questão das mulheres não estudar. Então, ele queria dar essa liberdade, mais ainda segurando um pouco, até minhas irmãs casarem e seguirem suas vidas (BENEDITO JÚNIOR, 42, AGOSTO DE 2021).

A conversa/entrevista com o professor Benedito Júnior, do trabalho na roça de seu pai e a educação caminhando, como a escola em sua casa, o trabalho de sua mãe em casa e na roça, ainda auxiliava de toda forma fazendo merenda na escola. O irmão e as irmãs estudaram até a quarta série no território, ou seja, na escola sob a regência de seu pai, no Quilombo. Essas memórias são também pontos importantes do descrito em sua dissertação.

Interligando pontos da conversa, relacionamos com a dificuldade de acesso à escola fora do território, seguindo os passos de Andrade (2018), pensei nas ênfases negras dentro do livro didático, mas, ao depararmos com as situações de nossa infância, as poucas datas comemorativas tornam-se escassas.

Assim como a autora descreve seus processos das demandas curriculares e de sua pesquisa, corroborou que faltou vivência e experiências curriculares de minha parte, durante o percurso, durante a vida. Mas objetivando a inserção na comunidade penso nas relações da reciprocidade e conhecimento, além da importância dessas memórias como sentido do vivido.

Da escola em casa, até às diretrizes escolares Quilombola, moldam e tocam no ponto nevrálgico da educação, o todo da educação, mesmo que ela seja uma modalidade.

“Memória coletiva, línguas reminiscentes, os marcos civilizatórios, as práticas culturais”, como pilares, as diretrizes moldam e preconizam metodologias, formam outros desafios, quebrando padronizações e hierarquizações (FIABANI, 2013).

### 3.2 O AGOSTO FEZ-SE OUTUBRO

Após o campo de 18 até 22 de agosto voltei empolgado por conhecer a comunidade de João Surá, por conhecer a dimensão histórica e a vida do que podemos chamar de fonte viva de conhecimento de nossa História.

Como deslumbramento total e primeiro campo cometi erros como a não verificação do gravador, não inspecionar o material e também não deixar um gravador auxiliar, resumidamente tive que refazer a conversa/entrevista com o professor Benedito.

Figura 3 - Professor Benedito Júnior, Feira das Sementes - Porto Novo



Fonte: o Autor, 21 de novembro 2021

Então marcamos em um sábado, dia 09 de outubro de 2021, apesar de muitos cortes que ocorreram na gravação do mês de agosto de 2021 eu pude lembrar da primeira conversa e desenvolver parte do pensamento até então descrito.

Assim como exercício de memória, nossa conversa se deu dentro da lembrança da primeira conversa no dia 20 de agosto de 2021 volto a perguntar sobre o professor Diogo Ramos:

Então o Diogo Ramos... nós temos é um carinho, admiração, respeito pela história dele, é porque ele foi o primeiro professor do quilombo João Surá. A história dele é que ele foi criado por uma mulher branca. Essa mulher, ela tinha escravizados também e o Diogo Ramos foi criado por essa mulher. Ele teve a oportunidade de estudar no exterior! A gente não sabe como ele retornou para região e veio morar aqui no João Surá, já tinha a família dele aqui! E a história do Diogo Ramos que nós temos, que inclusive o pesquisador chegou até ele. E foi ele que deu aula por aqui, nos registros que tem no arquivo público é de 1927-1928, é Diogo Mendes Ramos, esse era o nome dele. E ele dava né, e lecionava na casa dele mesmo, na residência que ele morava. E ali é que as pessoas tiveram a oportunidade de serem alfabetizadas por ele, não é? (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Posso seguir caminhos de fonte histórica e de outras possibilidades de pensar a vida de Diogo Ramos, uma das quais pretendo pensar é o fio condutor do branco, aqui no caso a mulher branca que o cuidou, que tinha escravizados e da oportunidade de estudar no exterior.

Um dos livros que tive contato nessa busca pela educação do negro e primordialmente do nosso passado e da nossa educação foi o livro *jardim secreto: educação como desejo de liberdade na diáspora africana*, Silva (2018), não muito distante de 1927 hoje através de uma fonte como a desse livro podemos mensurar a vontade desse jardim secreto, a educação de anteriormente escravizados e libertos e posteriormente a completude de estudo como o relatado pelo professor benedito, e segundo o próprio professor Benedito relata outros professores.

Em *jardim secreto* o Brasil imperial escondia a educação de cativos e a busca pelo saber ler e escrever mobilizavam os expedientes das dores para resistência do cativo segundo Adriana Silva no prefácio do livro.

A perspectiva do livro de Alexandra Silva trás o século XIX como ausência de uma historiografia sem perspectiva de educação de escravizados e recém libertos moldando o racismo e determinando um histórico de ausência de conhecimento, ressalta a leitura dos códigos de escrita e fala hegemônica além dos enfrentamentos

de subalternidades, sejam classe, gênero ou raça que na história foi construída para nos deseducar ou nos educar para aceitação dos desses mesmos códigos hegemônicos forjados para matar nossa História.

É de insistência que pensar a educação escolar quilombola não está separada da educação quilombola, seguindo ainda os passos de Alexandra Silva desembarcamos em cidades escravistas coloniais e sob domínio de ingleses, portugueses, espanhóis se fez cidades diaspóricas, cidades negras e como já descrito quilombola, o nascedouro das cidades e a busca por ler o novo mundo foi e ainda é uma experiência de letramento de africanos no mundo colonial e posteriormente na república.

Neta não, já era bisneta dele não é, e daí então que eu chego na história do meu pai. É lógico que antes disso vieram a ter outros professores né, que a gente cita pouco na história, mas vieram ter outros. Mas partindo ali toda geração do Diogo Ramos, as bisnetas dele foram professoras também. É aí que entra a história do meu pai, não é? O Benedito foi depois que era conhecido por Dito Beto, o meu pai era casado com uma bisneta dele. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Outros professores e o conhecimento, a leitura feita a todo momento, uma escola feita de travessias e construída como as cidades novas feitas por quilombolas, essa educação veio do apagamento anterior a essa época e culminou nos saberes e conhecimentos diversos.

Trazer uma lembrança da escravidão não é caminhar apenas na dor é também mostrar nossa humanidade ancestral e como define Saidiya Hartman em perder a mãe: uma jornada pela rota da escravidão, "o escravo parecia a única pessoa que deveria desconsiderar o próprio passado". Trata do capítulo VIII em que a medida em que viaja em Gana ninguém deixa de reconhecer que é filha de escravizados, mas o silêncio e a recusa não eram o mesmo que o esquecimento, o estrangeiro na vila e nesse caso era um filho de escravizado, o silêncio e o esquecimento determinados do outro lado do atlântico como na experiência de Saidiya Hartman e a lembrança e a leitura na diáspora.

Completudes desse atlântico como a água, como a educação, que corre para o processo de confluência entre esses mundos, na água encontramos parte dessa educação, um meio ambiente dos mundos, de vasto manancial simbólico das Águas

compõe destinado a um ancestral como mastiga em poesia o texto de Allan da Rosa autor de *Água de Homens Pretos* de.

A água destinou a formação da vida e da educação no processo humano como no ponto dessa história:

Madalena, é Madalena, ela foi professora também, só que já era num local mais retirado. Dava uns 3 a 4 km, o lugar é aqui, o Guaracuí. Então o Diogo Ramos morava e dava aula na barra do Guaracuí, ou seja, onde a água do Rio Guaracuí deságua no Rio Pardo. E a Madalena então trabalhava lá na Capóva do Guaracuí, é já no curso, não é na margem do curso do Ribeirão Guaracuí. Essa história que a comunidade sabe, historiadores e por aí vai, não é? Só que daí, a família, ficaram ali os familiares do Diogo Ramos, e daí vem as netas dele que também vieram a ser as professoras. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Além do sentido da educação, quem poderia controlar o desejo de saber? Como diz Alexandra Lima e Silva, saber porque sabiam! Também colocar em questão as possibilidades da educação e desse letramento, como defende que "é preciso superar o silêncio das letras", nas experiências de nosso passado, como por exemplo o livro de Jean Fouchard, de estudo no qual contraria o já molde de concepção sobre escravizados, cujo a massa de cativos vivia na ignorância como relata:

Por meio de rigorosa investigação em arquivos nacionais e privados na França, o estudo de Jean Fouchard, explorou fontes variadas, tais como cartas com assinaturas de escravizados, anúncios de jornais de escravizados fugidos, cartazes e evidenciou os usos da palavra escrita pelos "marrons dusyllabarie (marrons do silabário). Apesar da existência de leis severas que tentaram impedir o acesso dos escravizados e libertos ao mundo da instrução. (SILVA, 2021, p.26).

No caso Fouchard demonstra uma sinalização sobre ações silenciosas, sutilezas do como "roubar" o silabário e aprender a ler e escrever. Segundo a descrição de Fouchard a primeira letra nas escolas clandestinas eram as iniciais do colonizador, "seu peito negro, encharcado com o ferro quente, se tornou seu primeiro silabário" (FOUCHARD 1988, p. 85- apud SILVA. 2021).

Uma das defesas do autor trazida por Alexandra Silva é de preparação intelectual em África, ou seja, chegavam a São Domingos - Haiti sabendo ler e escrever, muito antes de as escolas serem abertas para seus benefícios, deixa a pergunta: Como teriam feito algo tão surpreendente?

Esse silabário no qual Alexandra Silva mostra, seria o sol, a luz de liberdade de muitos escravizados, outro exemplo para de alguma forma fazer ponte com o

caminho da educação quilombola como geradora da própria educação escolar quilombola é o de Jouve Martin, o autor argumenta que:

Lima no período de 1650-1700[...] Lima era uma cidade letrada e negra, na qual escravizados e negros livres de cor transitavam pelos códigos desta cidade. tais sujeitos desempenhavam ofícios diversos, o qual incluía atividades protocolares e cartoriais (SILVA, 2021, p.28)

Um dos destaques desse processo de educação é de instrução religiosa e da comunicação oral na aquisição de rudimentos da cultura escrita, ainda discorre que o processo de códigos da palavra ia muito além da escola, por proibição, o domínio da palavra levou o acesso a lei, conseqüentemente as reivindicações para negociar benefícios ainda que limitados (SILVA, 2021, p. 29).

No caso brasileiro, a historiografia como em Kátia Mattoso descrevendo a falta de lembranças ou das "memórias do escravo", faltava como no sul dos Estados Unidos, Boris Fausto também descreve o 0,1% de escravizados que sabiam ler segundo censo oficial de 1872.

Para Silva (2021) essas ausências de fontes, autobiografias e memórias impressas não tem impedido pesquisas que contrariam a tese de desconhecimento das letras pelos escravizados no Brasil, um exemplo é a rebelião dos malês em 1835 por João José Reis, sobre as letras e alfabetização.

A naturalização da ausência de educação corrobora com a ideia de coisificação ou uma doação de senhores, abolicionistas minimizando muitas vezes a história do negro:

Outros pensam que no escravismo nos entendeu historicamente. Como se a história pudesse ser limitada no "tempo espetacular", no tempo representado, e não ao contrário: o tempo é que está dentro da história. Não se estuda, no negro que está vivendo, a história vivida. Somos a história do preto, não números. (NASCIMENTO, 2018, p.48)

Segue ainda Beatriz Nascimento (2018) que o estudo do negro no Brasil seja entendido como estudos etnográficos sociológicos, mas jogando nosso inconsciente, frustrações e complexos.

A possibilidade de um estudo como de Alexandra da Silva mostra que a educação quilombola e porque não indígena se faz como em um exemplo que Clóvis Moura (2019), texto "Palmares uma nação em formação?", no caso do quilombo símbolo do 20 de novembro, ainda achincalhado pela crônica de histórica tradicional

como diz moura de ser o "valhacouto de bandidos" e pelos tratos até hoje vale as palavras de moura, pela importância histórica e pela importância do atual momento a destruição de Palmares buscou acabar com sua relação comunitária, seu dinamismo econômico para destruir o embrião de nação que transcendesse os padrões políticos e econômicos do sistema escravista.

Partindo desses jardins secretos da educação e pensando os becos da memória como a personagem Maria-Nova cujo personagem bondade lhe pergunta qual história ela gostaria de ouvir, se alegre ou triste?

Bem, história! Como vasto oceano, miúdas gotinhas. Dimensões de razão sensível:

Como foi transformar em fezes, balneário de tintas químicas, garrafas e sacos plásticos? Corpo que não sente o envelhecer, mas sim o conspirar e que segue fluindo, chiando e transborda? O que leva, o que lava, o que ferve? O que guarda subterrâneo, o senhor? Me vem juvenil, me soa infantil, me sopra ancião. Também te sinto um mano. Te vejo íntimo e percebo na pele de seus mistérios, tua decisão e tua dúvida. Sou córego feito gota a gota por ancestrais? (ROSA, 2021, p.25).

Como essa água que transborda a ancestralidade é esse caminho que pretendo seguir, o do Poço Grande, traçando como rio da educação da família do professor Benedito e da comunidade como todo.

Nessa nova conversa sobre agosto e a estadia em João Surá perguntei-lhe dessa vez mais sobre seu pai e os caminhos dessa educação, como bem disse, o pai casou-se com uma das bisnetas de Diogo Ramos:

E passou um tempo ali então meu pai assumiu a vaga que ficou por ela, que ela faleceu então meu pai assumiu essa vaga como professor. E daí já passando um bom tempo, meu pai ficou... acho que uns oito anos que ele ficou viúvo e não casou, e daí depois de oito anos que ele veio casar com a minha mãe. Meu pai já era professor, daí todos nós que estudamos com ele os filhos dele e a vizinhança né? E daí meu pai veio dar aula até 1992. Essa é a história do meu pai, tem essa relação, a relação dele com o Diogo Ramos, é isso então tem a bisneta Diogo Ramos e ele em seguida veio da sequência nesse trabalho depois (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

É importante remeter a história das mulheres como professoras e também a outros nomes como Rosilene Komarcheski (2019) da pessoa de Manoel Corimba e Diogo Ramos, assim relato pelo senhor Antônio Carlos, Diogo Ramos enquanto liderança na educação e Manoel Corimba como liderança "animador", festas e rezas.

No caso, apesar de separarmos o modo educação de animação ou reza/festas, neste caso gostaríamos de agregar como um todo da educação quilombola.

Na busca por esse caminho da educação permanentemente forjada no corpo ainda assim pergunto de uma história que o professor Benedito me contou, a "escola do pai", digo escola do pai pela relação direta de contato da casa, da própria sala e dos próprios filhos, também como foi essa volta para o Poço Grande:

Meu vô ele estava idoso também, o nome dele é Roberto, mas chamava de (Beto) Dito Beto. O meu Pai resolveu voltar aqui pro poço grande onde eu moro hoje. E daí não é como aqui, tinha bastante morador... ele conversou lá com a prefeitura, ele falou: eu vou fazer uma escola, vou lecionar na escola. Isso aí falaram e lecionar né, se usa até hoje, mas era pouco usado falar de lecionar naquele tempo. E daí a vizinhança ajudou ele, construiu uma escola. Não era aqui a primeira escola, como meu pai veio dar aula, não era aqui... então ele morava aqui nesse espaço que você conheceu. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Não há como não pensar, que a construção deste "jardim secreto" não fosse algo passado como conhecimento e inserção, como relata Chalhoub (1990) sobre uma ordem de pretos, cuja lei proibitiva não impediu que escolas clandestinas pudessem se reunir para ler e escrever. O autor ainda descreve quadros do século XIX com aspectos pertinentes, como a história das irmandades negras (DA SILVA, 2021).

Em aspecto de educação podemos percorrer o caminho da música como relata Leda Martins diante da funcionalidade da expressão na cultura africana mostra o quão é "inconcebível separar música, da dança, a canção, o artefato e a vida do homem ou sua adoração aos deuses". A expressão adivinha a vida, e era a beleza". (MARTINS, 2021, p.157).

Colateralmente ao processo de educação histórica do negro no Brasil como estudos de Alexandra Silva, o Rio de Janeiro pode ser conhecido por "cidade letrada", aqui utiliza-se essa fonte para mostrar caminhos da Educação Escolar Quilombola, não buscando comparar esse "letramento", mas a busca por uma Educação Quilombola contínua gerada das práticas diárias e na busca pela educação dos seus no território.

Essas relações de construção da escola e a volta de Seu Benedito para o poço grande, um detalhe que outras escolas nesse formato foram feitas mais além do detalhe da construção e moradia como relata professor Benedito:

Seguindo para frente, ele construiu uma escola lá que é no poço grande. É o lugar que dá o nome ao local então ele trabalhou. Ele estava arrumando a casa dele, a casa dele era grande, a sala era enorme, não é? Daí nós... já me lembro bem, já consigo lembrar desse tempo e daí ele dava a nossa casa. Então, a mesma sala de visita, que recebia as visitas, ali ele recebia os alunos. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

A "casa-escola" se faz-se com uma cozinha com as irmãs e a mãe ajudando e uma sala para receber os alunos fruto da iniciação do território, aprender como no meu caso no Rio de Janeiro na primeira infância com uma professora relacionado diferentemente ao processo de não acesso a creche, aqui relacionado ao processo de isolamento do território.

Outra forma de divisão do espaço era entre a merenda e o espaço familiar que como alega:

Tinha a cozinha da nossa casa que a minha mãe preparava a refeição para nós e ao mesmo tempo ela já preparava as merendas. Já vinha, já tinha merenda naquele tempo... Era pouco mas tinha, não é, a mãe ajudava a preparar a merenda, minhas irmãs também. É desse jeito, daí tudo bem. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

É preciso relatar que o espaço da comida é primordial e receptivo a todos com uma conduta de pensar em todos. Não se faz para dividir faz-se como Andréia Cambuy relata:

O valor moral da "partilha do pão" em circuitos de reciprocidade mostrou ser a energia propulsora de cada indivíduo de João Surá, que encontra seu lugar no mundo ao compartilhar. Ao se alimentar em grupo o corpo é nutrido, mas, sobretudo, alimenta-se o sentimento de satisfação em dar, receber e retribuir. (CAMBUY, 2011. p.253).

Essa partilha do pão é a partilha entre todas e todos além da concepção de ensinamento:

O aprendizado com os mais velhos se dá inclusive no processo de edificação da comunidade, com o aprendizado de ofícios diversos, transmitidos pelos mais velhos aos mais novos. O fato de as casas dos filhos serem construídas em torno das casas dos pais facilita o processo de construção das moradias pelos homens do grupo familiar, trazendo a circularidade dos processos relacionais e educacionais (parentesco, vizinhança, aprendizado). (PARÉ et al, 2007 p.221).

Da partilha ao aprendizado e move-se tudo em comunidade e educação, a educação quilombola percorre a todo momento, o que podemos chamar dessa casa-

escola como nos conta o professor Benedito, foi se deteriorando e por conta do tempo da madeira, como era casa de pau-a-pique a como descreve como fica a condição da casa:

A nossa casa foi-se deteriorando, com o tempo nessas casas de pau a pique, quando a pessoa não tem o tempo de pegar as madeiras certas... eles falam de madeira branca, que eles falam que a madeira se acaba mais depressa, e a casa nossa era assim... era de madeira branca, nós tivemos que fazer uma outra casa. Essa primeira casa era na beira do rio, então essa outra era maior que vocês vieram conhecer. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Essa "casa-escola" foi construída e usufruída como já relatado pelos que moravam no poço grande, seguindo esse caminho a escola também se fez presente nesse núcleo da comunidade e o professor Benedito Júnior conta que, nessa mudança de casa, não teve como continuar na nova casa por ser uma casa menor, cujo a sala era menor para os estudantes como prossegue:

A casa era pequena, ele não tinha como fazer uma casa maior né, e a casa é pequena e a sala pequena, então também já não deu para continuar dando uma aula ali. Só que no mesmo tempo a prefeitura já estava construindo uma escola para ele aqui. Deixa-me puxar em memória... mas eu me lembro bem, foi ali por volta de 1987-1991 que eles construíram essa escola. Eu estou puxando pela memória e foi de 87 a 91. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Cabe ressaltar a imposição de isolamento como colocado alguns questionamentos para o conselho Nacional de educação (CNE) como indica o texto de Fiabani (2007), que o acesso à escola para as crianças que residem nas comunidades negras é "difícil", os meios de transportes são "insuficientes e inadequados", o currículo escolar "está longe da realidade" dessas crianças, os professores "não são capacitados adequadamente"

Um dos núcleos da comunidade de João Surá, como relato do Senhor Benedito Florindo de Matos conta seus relatos dos antepassados ouvindo sua avó sobre os antigos como sua bisavó nascida em 1801 e o bisavô em 1798, seu relato ainda traz que no ano de 1902 os bisavôs foram libertos (SOUZA, 2017, p.187).

O sentido de achar esses professores e professoras como Diogo Ramos, Madalena, dito (Beto) antes de 1988 demonstra a contínua luta contra o cercamento silencioso do processo colonial:

As comunidades quilombola mesmo sendo ignoradas e perseguidas neste processo, constituíram uma rica dinâmica de "diálogo cultural, de afirmação da identidade, de resistência étnica, de luta pela terra, de uso da terra, de relacionamento peculiar com a natureza que nos remete a compreensão de sua pertença a terra, de solidariedade interétnica, de sua ancestralidade de todos os valores civilizatórios ligados a África e preservados mediante de séculos de tradição (PASSOS, 2007 apud SILVA 2010).

O processo de transição da "casa-escola" e escola da prefeitura levou cerca de dois anos, sem essa escola, pergunto-lhe se tinha nome a escola:

Só era chamada de escola do poço grande, Escola Rural Municipal do Poço Grande, esse é o nome da escola. Durante esse tempo que ficaram construindo a escola, a gente ficou sem estudar. Todo mundo ficou parado. Daí foi aquela situação... E aí voltou, ele voltou... a gente voltou de novo. Não sei quanto tempo mais que ele ficou ali, trabalhando nessa escola. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Para Fiabani (2012) às comunidades negras estiveram por muito tempo fora dos planos do Estado, "Educação Escolar diferenciada se efetivará com a titulação das terras das comunidades negras, implementação de projetos, sobrevivência do grupo no território, com a morosidade do Estado no processo de titulação das terras está levando algumas comunidades ao desaparecimento".

Assim aconteceu nesse caso, com dois anos fechados, poucos alunos e famílias que foram embora e a nova mudança para estudar:

Foi em 1992, falei 92, deixa eu me lembrar aqui! 1994 eu saí, acho que o último ano que meu pai deu aula foi em 93,1993, que ele que ele trabalhou último ano que ele foi afastado, ele foi afastado da escola dele e daí outras pessoas assumiram. Ficaram acho que mais uns dois ou três anos a escola em funcionamento, daí o prefeito achou melhor fechar a escola. As minhas irmãs, tinha duas irmãs mais novas e ainda outras da vizinhança que tiveram que estudar no João Surá. Lá na escolinha perto do colégio Diogo Ramos, lá que elas terminaram. Mas essa foi a história do trabalho do meu pai na educação. Ela começa dessa forma, lá no João Surá e depois ele vem aqui, no poço grande, ficou até o fim da carreira dele. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Conceição Evaristo (2017) tratando da vontade de saber de Maria-nova querendo ouvir de Bondade, uma história:

Maria-nova, talvez tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo a miséria era a mesma. O seu povo os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, sempre sangrava (EVARISTO, 2017, p.63).

Em algum momento da história ela se entrecruza entre a dor e o saber, ou vice-versa, quando Maria-Nova relata o saber ler de mãe Joana catando cuidadosamente as letras e Maria-velha em ter aprendido com um missionário.

Se entrecruzam porque em algum momento a escola relatada pelo professor Benedito se vai, acaba por dois anos, remete a esse saber da própria história, da própria escola, no território:

E quando a demarcação de Terra veio pelo INCRA, já foi tudo um pedacinho, cada um no seu quadrado, por exemplo se ali aonde que você parou era a sua casa e você tinha cinco alqueires de Terra, eles cercavam uma divisão no meio e me colocava lá também. Então você vê, já começava um conflito ali né. Aí muitas pessoas ficaram sem Terra então é aqui a comunidade de Praia Grande nós temos laços de parentesco, nós somos primos, tios... daí quando veio essa divisão de Terra e falaram: vocês não podem ficar aqui mais, vocês têm que procurar um lugar de vocês. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Em um momento da conversa sobre a escola e conceito de quilombo e todo entendimento sobre essa concepção de território e escola, sobre algo que ele havia me contado já no 20 de agosto de 2021, a realidade trouxe-me essa memória de Becos da memória ainda na história de maria-nova:

Não havia dúvidas, Pedro Zica havia sido assassinado a mando do coronel. Havia muito tempo que a contenda existia. Já os avós do coronel queriam tomar as terras dos avós de Pedro da Zica. Terras tão boas, tão vizinhos da fazenda! O que custava aquela negrada vender as terras e desocupar o beco? Mas os Zicas eram teimosos. Não vendiam, não saiam (EVARISTO, 2017, p.57).

Para Zagatto e Souza (2020) ressaltar as questões da "necropolítica ambiental" mostra a vulnerabilidade socioeconômica e a exposição a degradação ambiental, Herculano (2008, p.16 apud Souza 2019, p.133) demonstra que para que estejamos diante de um caso de racismo ambiental, não é necessária uma inequívoca intenção discriminatória, basta uma amostra, uma incidência de injustiça social sobre grupos ou populações historicamente estigmatizada por razões raciais, como mostra uma dinâmica que na literatura de Conceição Evaristo demonstra (os de cá e os de lá).

Ele tivera um bisavô que tinha uma ferida na perna. A chaga comia-lhe não só a carne, mas também o osso, tornando-se mais um sofrimento que o acompanhara pela vida afora. Já velho, inútil para o trabalho, peso morto, ficava sentado e a ferida exposta aos mosquitos, além do cheiro e da dor. Sempre que o sinhô moço passava por ele, fazia questão de chutar a ferida do velho. Ele apenas gemia: "Ui, ui, ui...Sinhô moço! Depois, muitos anos

depois, uma ferida apareceu na perna de Sinhô moço, na mesma perna, no mesmo lugar. De nada valeu todo tratamento, todo cuidado. Nem médicos, nem garrafadas, nem reza de pretos-velhos. A ferida sangrava, fedia e comia a perna do Sinhô moço. Os negros diziam que era castigo de Deus. E ficavam felizes porque tinham um Deus que se vingava por eles e que um dia lhes daria o reino do céu (EVARISTO, 2017, p.59).

Em algum momento ouvi dos silêncios e formas de preservar, resistir eram atravessados como a gana desse menino de becos da memória que foi até a casa dos Zica para gritar contra o coronel, apanhou porque não era a forma que faziam para resistir.

Conceição Evaristo mostra alguns pontos como a forma de Deus, a dimensão do castigo, em certa medida o menino não queria um Deus, " eles precisavam de terra, de pão, de trabalho de sossego, de poder viver o agora e não o reino do céu" (EVARISTO, 2017, p.59).

Nessa história o menino acreditava que deveria pôr a mão na ferida de seu próprio povo e com as mortes gritou, apanhou dos pais e ouviu o silêncio que era a forma de tratar, foi em certa medida enlaçado pelo coronel que cedeu a professora dos filhos para dar-lhe aula, amava aprender, tal coronel "inimigo-benfeitor" como descreve Conceição Evaristo:

A história se complementa com uma nova vivência, uma confluência, muita coisa mudou no povoado:

Os que estavam doentes ou velhos e que não aguentavam plantar, se tinham alguma terra, cediam para os que não dispunham de nenhuma. Os novos cuidavam da terra, do alimento para si e para os que não tinham mais forças para cuidar. As colheitas eram vendidas ou trocadas entre os plantadores mesmo, o excedente era vendido fora. As mulheres que tinham filhos revezavam entre si a tarefa de olhar as crianças, e assim, elas também, alternadamente, iam trabalhar na terra, sem com isso sacrificar os pequenos. As crianças maiores se encarregavam de ajudar a cuidar também dos menores e de ir ensinando as letras que já sabiam (EVARISTO, 2017, p.68).

Atribuído a Júlio Cortázar a ideia de que a América Latina tem apreço por contos por influência das culturas não europeias; ou como Joel Rufino que fazia referência a literatura como alimento da historiografia por discernir mais e melhor das personalidades, contradições e surpresas do proceder humano marcado (ROSA, 2021, p.45).

Sobre as memórias, pergunto para o professor Benedito a saída para o município de Iporanga-SP e seus estudos? "Uma das questões importantes para os quilombolas está relacionada à memória dos mais velhos, memória para construir a

participação desse adulto no trabalho, pensar como intermédio de brincadeiras e ela constitui formas de interação com as crianças" (SERAFIM, 2020, p.69).

Essas memórias da saída e da volta buscam o que Silva (2004) fala da transformação em território negro, mais ao sair as questões fora do território, escola, trabalho.

Então o pai, o pai sempre foi um estudioso. Ele tinha pouco estudo, meu pai tinha pouco estudo. O meu avô... o pai dele, Roberto, que faleceu em 1985. Ele era comerciante, e daí ele foi para Iporanga, lá ele morou dois anos em Iporanga, ele era negociante, lá não deu certo, e meu avô ficou doente, ele ficou doente abandonou a família né, abandonou a família e aí minha avó, a mãe do meu pai, aí eles retornaram aqui para o poço grande. De Iporanga volta ao poço grande, meu pai estudou então até a segunda série. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Um dos pontos que o professor Benedito chama é a questão de o pai ser um estudioso e ter estudado até a "segunda série" remete ao descrito por Sodré (2021) que Durkheim e Dewey são eixos teóricos da modernidade pedagógica no Brasil, uma ilha de letrados escondendo a escravidão, segundo Sodré o abolicionismo era um sentido amplo da palavra em relação a educação.

Continua Sodré, remetendo às artes plásticas e música do século XVIII dentro da confecção do que Mário de Andrade chamou de "*maior mulataria*" ainda distante da representação literária que segundo o autor viria bem mais tarde (SODRÉ, 2021, p.126).

Nessa descrição de Pedagogia e escola, Sodré (2021) discorre desde a conjuntura do Brasil no século XX com a "*macropedagogia*" do não ao indivíduo-criança a nação-infante, passando pelo manifesto dos revoltosos e uma datação de historiadores da modernidade educacional do Brasil, e o gesto modernizador da *escola nova*, molda-se tanto para Dewey como para Anísio Teixeira, com exceção de Paulo Freire:

Paulo Freire é uma exceção por destoar do liberalismo puro e simples e valorizar a tomada de consciência das condições sociais em que se dá o processo educacional. Em vez da autonomia da escola pública, sua ênfase recai sobre a autonomia da consciência do educando e sobre as práticas escolares afinadas com a compreensão do conteúdo do saber (SODRÉ, 2021, p.129).

Na caminhada de sua história a referida palavra do professor Benedito em sua dissertação traz questões sobre Paulo Freire:

Como pedagogo, fiz parte da equipe de trabalho do colégio, conseguimos colocar aos poucos em prática a proposta pedagógica que foi construída junto com a comunidade trabalhando as vivências, conhecimentos e cultura tradicionais com conteúdo das disciplinas levando para a escola o ensino decolonial defendido por Paulo Freire. O trabalho do colégio foi importante para o fortalecimento da identidade quilombola, dessa maneira o meu desenvolvimento pessoal contribuiu para reflexões dentro da própria comunidade e serviu para orientar professoras/es de como inserir nos trabalhos docentes a cultura da comunidade (FREITAS JÚNIOR, 2021, p.19).

Um adendo de concepção da palavra, da fala, da escrita é que Freitas Júnior é o professor Benedito, sua escrita é o que Sodré (2021) remete a "inovação" do panorama da década de 1990, podemos chamar de luta, da constituição cidadã, dos movimentos sociais, (Movimento dos Sem Terra - MST), Movimento Negro, com presente inspiração teórica de Paulo Freire e de *"sujeitos pedagógicos coletivos"*, dá o contorno prático da conscientização:

O fundamental é a minha decisão ético-política, minha vontade nada piegas de intervir no mundo. É o que Amílcar Cabral chamou "suicídio de classe" e a que me referi, na Pedagogia do Oprimido, como páscoa ou travessia. No fundo, diminuo a distância que me separa das condições malvadas em que vivem os explorados, quando, aderindo realmente ao sonho de justiça, luto pela mudança radical do mundo e não apenas espero que ela chegue porque se disse que chegará (FREIRE, 2002, p.70).

Portanto para Freitas Júnior (2021), são as vivências que moldam as práticas pedagógicas, tais trocas envolvem a educação quilombola e escolar quilombola, algo que no percurso de sua história não foi assim mais que pode experienciar como pedagogo, como podemos sentir noutra perspectiva como de becos da memória:

E mesmo com a segunda série conseguiu um certificado de professor, e conseguiu ser professor durante esse tempo né, quase chegou a se aposentar, não se aposentou por uma questão política também. Ele votou contra o prefeito na Época e aí afastaram ele e daí acharam melhor dar um benefício para ele do que ele voltar para a sala de aula para alcançar a aposentadoria. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Como se tem pontuado neste texto, Fonseca (2002, p. 125 apud RIBEIRO E LIMA, 2016) pensando a educação a partir da escravidão corrobora que educação não é prerrogativa da escola.

Sidney Chalhoub (1989) descreve que de certa forma muito do que atrapalhou pesquisas sobre a história do negro foi o conceito de "escravo-coisa", destituindo na liberdade, destruindo hábitos da vida familiar, trabalho ou acúmulo de riqueza, a

escravidão gerou o pensamento e fundamento do negro como rudimentar para o desenvolvimento mental.

A cultura, a língua, organizações sociais peculiares dos vários e distintos grupos sociais no Brasil delegou forma rudimentar a negros e indígenas impossibilitando durante muito tempo a questão dos conhecimentos e saberes e suas resistências cotidianas.

Ribeiro e Lima (2016) utilizam um conceito de Gallo (2007) ao problematizar conhecimentos e saberes de negros e negras, os conceitos de resistência e ciência menor, Gallo (2007) define como “puzzles” - jogos de paciência e quebra-cabeças, que torna partes fragmentadas em um jogo de novas experiências.

No caso o Senhor Benedito (Dito Beto), trouxe a continuidade como relata o professor Benedito, a chegada ao quarto ano, a questão do investimento do pai, o casamento da irmã e as negociações com a secretária:

Ele tinha esse interesse da gente estudar. A minha irmã tentava a distância, mas daí ela casou. Ele apostando em mim, ele apostou bastante... quando eu terminei a quarta série, a escola funcionava até a quarta série. Todas escolas rurais, nesse rural, são assim hoje. Vai até o quinto ano, mudou. E hoje, são nove anos. E daí ele pediu uma atualização para secretária, para a secretária da educação do município se eu podia continuar estudando na quarta série com ele. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Serafim (2020) explana que desde remotos tempos nas comunidades quilombolas sempre existiu dois grandes pontos, direito ao território e crianças na escola. A educação quilombola em forma de educação escolar quilombola passou a ser realidade a partir de gerações como a de Diogo Ramos, Olindina Serafim reitera a conquista da escolaridade e a existência de estabelecimento de estudo nas comunidades na qual esteve o processo de lutas:

Constroem-se, destroem-se, mudam-se, desativam-se, abandonam-se. É com essa instabilidade e descaso que a educação escolar quilombola tem se dado. A presença de escolas muitas vezes parece ser mais uma concessão do governamental do que uma obrigação em assegurar esses direitos (SERAFIM, 2020, p.97).

Esse deslocamento para estudar é o relatado na história do professor Benedito, de suas irmãs e de inúmeras comunidades, um dos principais pontos é com certeza o transporte, também o fato de estudar sempre com o pai e a saída para Iporanga:

Eu já estava com quatorze para quinze anos e aí ele me pôe na casa de um primo em Iporanga para estudar, e pra lá eu fui... e já me assustava aquela época na cidade, uma cidadezinha pequena. O pessoal que mora nos bairros retirados, e falavam que chegava a seis mil habitantes, mas naquele tempo não sei se chegava, acho que nem hoje chega. Aí eu estranhei, rapaz, aqui tudo... ou só estudava com o pai, professor era meu pai. Cheguei na nova escola e aquele punhado de professora, cada cinquenta minutos dava uma campainha lá e trocar de professor! (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Para Barreto (2009) apud Serafim (2020) a educação é o caminho para o reconhecimento social das formas inadequadas e distorcidas a que determinados grupos são submetidos, passa pela sucessão de reconhecimento ou não da forma de aprender dentro do processo educativo, vida, cultura, crenças.

No caso a história contada dos acessos e processo da formação do professor passou parte fora, o que há de mais substantivo em um grupo é o intenso encadeamento de negociação e edificação de suas fronteiras, instrumentalizada no caso na dimensão da identidade étnica (ANJOS, 2004).

Para Serafim (2020) Faltar escola no território força a comunidade escolher entre dois principais direitos fundamentais, no qual explicar tal direito muitas vezes parece óbvio a municípios como um todo.

A saída cadernos do pai, as aulas de arte e o desenho, os minutos, as porções e tempos, outros tempos e outras divisões moldadas de forma diferente, como diz o professor Benedito, "lá eles falavam que é arte!", não sabia o que era em suas palavras.

Cinquenta minutos passou sem eu nem perceber. O tempo da gente, nós sempre comentamos, que o tempo para quilombolas... Mas com data tradicional, o tempo é o outro né? E de repente entrou da professora né e a criançada é um fervo na sala ali eu tinha não sei quantas que era 16 alunos na época tinha daí tudo bem, não eu estou invertendo a primeira aula de matemática e eu fiquei aquele caderno ali, e daí que veio a professora de arte pediu para contar uma história da nossa vida eu comecei a contar, que era para contar a história das férias, eu comecei a contar né, já faziam quase dois anos que eu não estava estudando mais né? (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Como explicar o tempo? Como falar da diferença e do tempo, nada substancial para colocar o tempo em poesia ou literatura, não é tempo exato, não é tempo pensado e nem tempo científico, é sim tempo sentido e tirado de forma geral de quilombolas e indígenas, não há pote, cumbuca ou tabelas, talvez a poesia possa "cientifizar":

Não tem imagem mais poética que uma cabrocha carregando uma lata d'água solta na cabeça e que deixa, propositalmente, entornar um pouco d'água sobre o corpo, sendo cortejada por um rapazinho franzino que se sente o importante, por naquela tarde ter sido aplaudido, com olhares, ao mover a roda. Tudo isso acontece mediante poucas palavras, quase ninguém percebeu, mas a menina já emitiu outra mensagem: à noite ele deve ajudá-la a lavar a massa. E assim se lava a massa, se colhe a tapioca, se torra a farinha, se faz o beiju; e assim se namora, marca noivado, e vive-se durante um longo período, onde se faz muita força, mas toda essa força se transforma em festa (SANTOS, 2017, p.84).

A Biointeração de estrutura do tempo e dos fazimentos circulares como dimensiona Nego Bispo, a energia orgânica do reintegrado a mesma energia:

Árvore da genealogia  
Firme-se como caça  
Atraindo caçador  
Espanta o hábito do terror  
Aqui fincar a lança  
Saga guerreira palmar

(Urgência II (Quilombo dos Palmares- 1985))

(ALEX RATTS – Todas as distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento)

Anjos (2002), quando faz suas tessituras sobre tecer resistências descreve a dança em Sodré (1988) como demonstração de resistência que adentra o tempo e que essa memória está presente a todo momento de forma performativa e ritualizada.

A escola quilombola não é simplesmente um espaço de modalidade e competências e habilidades, é possível que seja confluência em território e não se isola o corpo do mundo.

É em meio ao jogo que se dão o contato a comunicação e a aprendizagem. Não existe espaço formal (de uma sala de aula) para a oralidade que se faz memória. Existe toda uma série de jogos festivos dos religiosos aos profanos (e que nas margens se mesclam), do cotidiano aqueles momentos de efervescência (ANJOS, 2004, p.109)

Obviamente outra realidade em outro momento, como o referenciado na citação em referência aos Quilombos de São Miguel e Rincão dos Martimianos, mas a escola, a educação, os quilombos exprimem uma dimensão da "pedagogia" e confluência de tempo, oralidade e território, são pelos jogos festivos e pelas comemorações como o 20 de novembro que pude "experenciarmos" o que fica marcado no tempo e "no tempo se faz território" (ANJOS, 2004, p.109).

Anjos (2004) amplia a dimensão em Sodré (1988) do território ser assim, marcado como lugar de jogo, de entendimento amplo das relações de cultura, como

qualquer cultura, como sistema de regras de movimentação humana e dos grupos, cujo relacionamento é com o real.

Dentro dessa razão do território a importância da escola é como um patrimônio de cultura, cultural da nação e de escolarização para contato das coexistências vividas nesse território (ANJOS, 2004, p.109).

Nessa trajetória, a saída do professor exemplifica o que inúmeras ou milhares de crianças quilombolas vivenciam ao sair do território.

Mas daí agora voltando para a trajetória de vida mesmo eu fiquei na casa desse parente lá, fiquei um bom tempo, meu pai dava toda assistência né todo mês ele ia lá de canoa fazer a compra e voltava e deixava lá a compra, eu fiquei lá fiquei um ano e meio aí eu já estava comecei a trabalhar para mim, também trabalhava estudava e trabalhava (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Das experiências de saída do professor Benedito, a sala de aula em Iporanga após dois anos sem escola, sem estudar com os seus como já relatado, nos anos de 1994/95 faz uma descrição da vivência para ir à escola:

A gente ia até lá a cavalo, de bicicleta, a pé para alcançar o ônibus, então vinha até ali buscar, ele saía umas 13 horas de casa né, e ia para o ponto e voltavam cansados (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

O caminhar, o fazer isolar crianças e adolescentes, quilômetros a fio, faz-se demonstrar como em "*o caminho do quilombo*" de Olindina Serafim em conversa com Estela, moradora da comunidade de São Jorge no território do Sapê do Norte.

Serafim (2020), em entrevista realizada em 2010, reflete sobre duas perguntas, a primeira é se era conversado sobre a história da comunidade? A segunda, o que ensinavam? Estela, moradora de São Jorge responde: - primeiro, que não ensinavam as coisas dos antepassados porque eram do mesmo tempo, então já sabiam a história. Sobre o que era ensinado? Responde: o A, B, C! O abecedário e a tabuada.

No caso do professor Benedito algo vivenciado na metade da década de 1990, mais propriamente em 1994, assim, os deslocamentos eram e ainda em sua grande maioria são processos carregados de desconforto e prejuízo para crianças e famílias (SERAFIM, 2020).

Alguns passos tentamos trazer nessa primeira parte do professor Benedito, a de que a escola é um caminho de continuidade na comunidade de Joao Surá, o aspecto em geral dos negros e a educação e a água como confluência do corpo.

Em um segundo momento da conversa voltamos a um dos pontos que chama atenção, sério o conceito de quilombola, que apesar de toda referência histórica e intelectual negra ou de quem se debruce sobre o tema desde, Edison Carneiro, Clóvis Moura, Beatriz Nascimento, vale ouvir, ler e entender caminhos como os trazidos pelo professor Benedito.

### 3.3 O CONCEITO DE QUILOMBO

Em algum momento o professor Benedito fala, relata, que as famílias saíram ou chegaram referente aos modelos de divisão do INCRA ou de invasão de fazendeiros, para falar do conceito de quilombo, algo que havia perguntado na conversa de agosto de 2021 retorno a perguntar em outubro.

Nos dois momentos rememora seu pai, Seu Benedito Dito (Beto), e descreve novamente o pai:

Olha, então você falou a questão do conceito de quilombo! Para mim particularmente e acredito que é para várias pessoas, para o meu pai não porque o meu pai além dele tendo um pouco estudo como eu disse né, participação na escola pra ele estudar. Meu pai era bem informado né, meu pai ouvia muito rádio, lia muito jornal, lia muito revista. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Concomitante ao processo de educação do negro em geral e no processo de apagamento do século XX, as referências de pai ou professor negro na escola são do próprio apagamento ou desaparecer, no caso quilombola de crime do esquecimento do "Estado colonial".

Haja visto o exemplo da escola, ou melhor de alunos e professores negros dentro do espaço, é o caso trazido por Maria Lucia Rodrigues Muller, que em *Educadores & Alunos Negros na primeira república*, apresenta uma serie de professores "não brancos", que desaparecem ao longo da década de 1920 no Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil.

Pensada a modalidade que mesmo tendo um caminho de luta a partir do pensamento de "Quilombo Histórico", a modalidade e o modelo somente ficaram tátil, palpável a partir de 2003, alterando um capítulo da história iniciada com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) em 1996.

O 20 de novembro de 2012 trouxe uma definição, uma resolução, definindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, no percorrer dessa história séculos de entraves como a escravidão e seus arcabouços, como a experiência da liberdade seguida de esquecimento ou crimes de esquecimentos, eugenia, degeneração da raça, hierarquia da educação e na educação.

Como exemplifica Muller (2008) a escola da década de 20 do século XX, começou a experimentar as características de professoras no caso primárias como cara da nação e rosto da nação, como já mencionado a autora coloca o termo "não-branca" no magistério público carioca.

Em grande medida negros são afastados não apenas do cargo de professores e professoras, a construção da figura moderna é fenotipicamente europeia. O papel dado aos negros e indígenas era o da subalternidade e inferioridade por grande parte das classes dominantes, os heróis brancos e indígenas e negros selvagens, atrasados, degenerados, a pele, a cor de atributo biológico assume um conteúdo cultural (MULLER, 2008).

Essas políticas eram aplicadas na Interseccionalidade do processo de educação, mulheres negras na educação básica, o que Muller (2008) relata é principalmente sobre as professoras primárias, as políticas do começo do século XX.

No imaginário e até mesmo muitas pesquisas os anos de 1950 e 1960 seria o começo do acesso da população negra à educação, algo que os libertos já no século XIX já experimentaram como relatado nos jardins secretos, a leitura ainda que fosse em escolas clandestinas.

A população negra, no período pós-abolição, em um país que também experimentava o início das vivências dos ideais republicanos, foi então abandonada à própria sorte, sem possibilidades de participação em espaços de discussão e decisão sobre os rumos da nação ao pensar ou questionar o projeto construído pelas autoridades do período (RIBEIRO e LIMA, 2016, p.24).

Experimentou o isolamento mais não o abandono de suas concepções e epistemologias, das vivências e histórias que foram e são construídas, rememorar a educação negra no Brasil é por foco além das dores e lutas mais no processo histórico construído ainda que no silenciamento e no jardim secreto para os saberes.

Novamente ao trazer Diogo Ramos, Magdalena, Beneditos, traz-se a construção permanente do território, como aborda (NASCIMENTO, 2002 apud PARÉ et al 2007) de uma cosmovisão africana de conexão constituída em grupo, professor Benedito trazer o professor-pai ou pai-professor, nos demais ou totais itens da vida essa estrutura conectada intrinsecamente nas relações com o já mencionado território, moradia, política, religião e família.

Para traduzir conceitos podemos recorrer a literatura, como um dia na vida de uma aluna, como em um texto que Maria-Nova em uma observação do samba e da escola ginasial que iniciara:

Era uma cena bonita e triste. Talvez só bonita, triste aos olhos de Maria-Nova que divagava em um pensamento longínquo e próximo ao mesmo tempo. Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e mesmo assim tão distante uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, Senzala-favela! (EVARISTO, 2017, p.73).

Mais que duas ideias passam por Conceição Evaristo, em face a esse texto de Maria-Nova podemos puxar o que me chama atenção para a educação, a ideia calada, silenciada e imaginada no consciente da menina, outras formas brotam como água, seja a sofreguidão, seja achar-se em outra, remete aos conceitos do modelo de escola que trouxe em Muller (2008) de educadores e alunos negros na primeira república.

Partilhar ou compartilhar a história da educação em perspectiva sobre a história de negros e negras no Brasil faz pensar essas estruturas históricas dimensionadas em novas fontes de saber e conhecimento, como descrito sobre o conceito de Quilombo.

A pergunta ao professor Benedito era dessas vidas dentro da escola, e como foi sua construção do aprender, sua vida e caminho, seus conceitos, que além de uma entrevista é conversa com um colega de grupo de pesquisa, na vivência de caminhos negros que se encontram como água.

O professor Benedito evidencia o que Komarcheski (2019) descreve sobre as “re-existências”, tomando emprestado do território como um todo para um todo na educação, a autora traz esse tempo espaço e formas de reinvenção.

Acredito que o elemento que cause maior impacto para as comunidades seja a titulação dos seus territórios. É a principal reivindicação do movimento quilombola, e é a partir do território que a comunidade constrói e concebe seus mais importantes aspectos educacionais, de saúde, de sustentabilidade, enfim, seus aspectos sociais, culturais, econômicos e históricos (SOUZA, 2008, p.67).

Como existência e re-existências a escola faz sentido e quebra nas relações de poder como o exemplificado na literatura de Maria-Nova, o silêncio que sai do silêncio:

O que foi marcante na fala de Cassius Cruz, em 2006, foi a Ação Pública realizada no quilombo João Surá, organizada pelo Grupo de Trabalho Clóvis Moura, que foi um marco na história da educação na comunidade. Sempre ouvi as mulheres 80 líderes da comunidade falarem: “Eu tinha vergonha e medo de falar as coisas, mas depois que falei para representante de governo em eventos e as coisas passaram a acontecer na comunidade, agora não tenho vergonha e nem medo mais!” (FREITAS JÚNIOR, 2020, p.79-80).

Para gerar conceito, o que a mente concebe ou entende, no mais simples dicionário é preciso sair, sair pela oralidade, pela fala, lugar assentado nos lugares negros, presos pela educação e soltos pela educação, aquela que blindar-se como linguagem de poder, construída para nos calar e que ao “decolonizar”.

Na verdade, não há eu que se constitua sem um não-eu. Por sua vez, o não-eu constituinte do eu se constitui na constituição do eu constituído. Desta forma, o mundo constituinte da consciência se torna mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona. Daí, a afirmação de Sartre, anteriormente citada: “consciência e mundo se dão ao mesmo tempo” (FREIRE, 1987, p.41)

Paulo Freire (1987) traz um debate entre um antropólogo e um camponês na perspectiva de Sartre, “refletindo sobre si e sobre o mundo, vão aumentando o campo de sua percepção”.

Não são conceitos formulados em uma educação bancária que vai definir experiência de território, de forma oriunda de outra vivência de sentido.

Mas o conceito de quilombo a gente não sabia que era quilombo, na verdade, eu não sabia, quando eu estudei em Iporanga e quando eu fui estudar no Porto novo eu não sabia o que era o quilombo. Quando eu vim saber o que era quilombo porque aqui na comunidade vizinha, que você veio aqui em casa não chegamos no rio, mas cruzando o rio já está em São Paulo já um

outro quilombo, que pertence ao município de Iporanga. Eles começaram no início dos anos 1990 ou até antes nos anos 80 ali, eu não me recordo de cabeça quando que foi reconhecido como quilombo. Então meu pai estava envolvido, não é, o pai do Antônio Carlos estava envolvido, é dona Dita Freitas já estava envolvida esse, nome você vai achar na história de João Surá, essas pessoas sabiam. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Nesse sentido o professor refere-se a sua infância e adolescência e o caminho da escola fora do território como o relatado sobre Zumbi dos Palmares.

Eu não sabia e daí quando eu fui saber o que era, falar de Zumbi... Zumbi era um herói, mas daí vem uma história assim que Zumbi for morto e deceparam a cabeça dele. Poxa! Mas então o que era? Para uns ele é um herói, para outros eram um bandido. E eu fazia essa confusão na minha cabeça. E o conceito do quilombo quando eu fui saber o que era um quilombo as pessoas informavam... Em conversa assim eles falavam que o quilombo era ladrão de Terra, porque ladrão de terra? Porque as terras que era do fazendeiro, que era para criar gado, voltaria a ser da comunidade novamente, então por isso que era grileiro de Terra. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Em seu texto Paré et al (2007) descreve em certo momento a condição de baixa-autoestima da população negra de modo geral, nossa condição de autoestima é um campo de construção de nossa própria educação e o esconderijo que as políticas da colônia do império e da república colocaram a população negra, com ampla participação cultural e científica.

Para tal, Rosa (2021) orienta um despejo de águas, córrego, rio, esgoto, esse último diz da água e da história:

Sim senhor Esgoto, é generosa a lição que oferece a Água às pessoas sobre a pequenez e a pujança, sobre a persistência e a desistência. O senhor sabe que negociar com dignidade também foi importante em uma história marcada por conflitos e interdições brutais como a nossa, negra diaspórica em país truculento e fatal. Pois em rios e terrenos ariscos ou em lagos e seios amigos, construir pontes foi estratégia e é também tática de alargamento de possibilidades. Apesar de tantas passagens de traições que nos trincaram a ponte em pleno passo (ROSA, 2021, p.36).

Gerado nos distanciamentos de séculos o modelo apresentado a minha infância desterritorializada ou do professor Benedito ao sair do território demonstrava em grande parte a coisificação da história do negro e de brutalidades nos diversos campos, muitas vezes passados de forma a não formar, não criar percepção de mundo como trazida por Paulo Freire.

Um dos aspectos que chama atenção da história para marcar conflitos, é que a disputa no campo da história pode prender um território imaginado, já espalhada

aquela narrativa invertida se faz uma ideia de verdade construída com fontes oficiais e livros didáticos que modelam mentes:

Eu falando não, mas eu não quero isso, então eu não sou quilombo! Então a história que chegava era dessa forma, só que os nossos mais velhos, meu pai e os outros... O meu vô, ele não é de falar muito, bem reservado. Então você vê é o conhecimento super equivocado e que nós nos sentíamos culpados, enquanto o grileiro mesmo era protegido, não é. Era esse conceito assim da questão da expulsão de Terra: nós éramos expulsos da Terra. Por causa disso, quando eu retornei aqui pro quilombo naquela época, meu pai trouxe... Esse fazendeiro ainda estava adquirindo Terra por aqui. As pessoas eram obrigadas a vender seu território porque já não tinha estrada, não é, não tinha estrada e precisava colocar os filhos para estudar, eles iam embora. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Em análise de Komarcheski (2019) essa passagem descrita pelo professor Benedito vem de forma explícita e diferente de outras entrevistas que fez, aqui novamente empresto a análise da autora para o debate sobre conceito de quilombola.

Em todas as outras entrevistas realizadas, e até mesmo em conversas informais, em momento algum nos foi colocada esta questão de forma tão explícita como o fez Benedito Florindo. No máximo, ouvimos de algumas pessoas algo como "quando veio essa história do quilombo", denotando que havia um certo estranhamento do grupo em relação à questão quilombola no passado, antes do início da organização Quilombola de João Surá (KOMARCHESKI, 2019, p.148)

Como relatado na dissertação do professor Benedito depois da fala, da expressão de mulheres aos representantes do governo, o próprio conceito transitório ao longo da história, do isolamento se fez silêncio e também se fez ideia belicosa, até rebeliões da senzala passou-se pela eugenia e o culturalismo, de certa forma ou de forma total, Clóvis Moura, Edison carneiro, Guerreiro Ramos iniciaram a pavimentação no campo da intelectualidade negra.

Beatriz Nascimento já demonstrava a um olhar especial às mulheres quilombolas, Beatriz trazia o conceito de "*Paz Quilombola*" em um dos campos de luta, obviamente é preciso lembrar que dessas temáticas do sentido de luta, resistência, re-existências e novos devires eram e são construídos nos territórios quilombolas.

Gostaria apenas de avolumar a concepção da escola e como trouxe o exemplo de Conceição Evaristo.

Em Conceição Evaristo trouxe dois momentos do modo construtivo da história quilombola, ou fazendo alusão a essa história, o modelo mais "silencial" dos velhos

(BOSI, 1994), do passado que se conserva no presente, não de forma homogênea, e um modelo mais “estrompido”, desses novos nascedouros de devires das mulheres e de homens todos que acompanham o processo, também desses processos históricos aos negros e quilombos de forma geral.

Dos outros aspectos sobre a designação atribuída a história dos negros em seu relato Komarcheski (2019) coloca as bases de O'dwyer (2007) sobre os processos de racismo vividos pelas comunidades negras rurais, dadas aos estereótipos construídos na história e na memória.

A estrutura de gerada pela colonialidade do poder ou do levantado por Komarcheski, (2019) e Arruti (2003) da classificação de “negro fugido” dado registro de 1740. Dando sentido à fuga como ciência do corpo contra colonial, como etnografia de observação densa, como autoetnográfica do corpo descrito como fugitivo e embasado no estudo contra a colonialidade.

Relações de processos de longa duração da História que retiram esse corpo/território de sua própria vivência histórica a partir de si.

Como mostra Oliveira (2017) que relata uma situação da rede municipal de educação da cidade de Nordestina, que fica a 370 quilômetros da capital do Estado, na região nordeste da Bahia, uma criança pergunta para mãe, “Mãe, ser quilombola é bicho?”.

Arruti (2003) e Oliveira (2017) situações como essa ainda ocorrem não só pelo processo de esvaziamento, apagamento do que o próprio Arruti discute sobre base do movimento negros, mas também pelo processo de educação como discorre Komarcheski (2019) sobre a colonialidade do poder em Quijano (2000):

Por meio da colonialidade do poder, aquele que não serve à reprodução das estruturas de poder dominantes é colocado à margem da sociedade, sendo estereotipado e estigmatizado. O racismo estruturante e estruturado é também incorporado intersubjetivamente inclusive por grupos de pessoas negras, e, assim, contribui para a reprodução das relações de poder e do próprio racismo (Komarcheski, 2019).

Ainda sobre o caso trazido por Oliveira (2017) a partir da pergunta Freireana da criança gerou incômodo entre os adultos por conta desse conceito visto como algo negativo. Nesse relato os racismos vinham de formas disfarçadas de mudança de endereço para não demonstrar de onde vinham, de onde pertenciam, acesso a crédito financeiro e das ofertas de emprego.

Oliveira (2017) traz outro relato que chama atenção, o diretor da escola José de Alencar relatou para a autora que docentes eram transferidos como castigo, inclui também outras escolas da região, os dados e as narrativas são dos anos de 2014-2016.

Aqui cabe dizer do processo no qual venho redundando em texto, e dizer e descrever mais, a formação de professores dentro e fora das comunidades deve romper as barreiras desse processo construído para matar:

Letra com sangue do olho de Hórus  
 É que a indústria da desgraça pro governo é um bom negócio  
 Vende mais remédio, vende mais consórcio  
 Vende até a mãe, dependendo do negócio  
 Montesquieu padece, lotearam a sua fé  
 Rap não é um prato aonde cê estica que cê qué'  
 É a caspa do capeta, é o medo que alimenta a besta  
 Se três poder vira balcão, governo vira biqueira  
 Olhe, essa é a máquina de matar pobre  
 No Brasil, quem tem opinião, morre.  
 (CRIOLO, Boca de Lobo, 2018).

Relatei ao professor Benedito que em um dos textos que li dizia que a educação quilombola tinha o poder de mudar toda a educação e nessa interação que ele continuasse me contando seus caminhar, lembramos de algumas memórias, que esses territórios da memória poderiam ser entendidos quando entendemos nossa história e que ele pudesse me rememorar alguns pontos, a primeira era o trabalho e a relação com o patrão, o convívio em Iporanga. Outras memórias voltaram como a história do padre, do sentido de colonizado e do professor preguiçoso, diversas histórias que permeiam a memória de um professor quilombola e que transborda território do saber.

### 3.4 PATRÔNUS

Essa conversa com o professor Benedito sobre trabalho, me veio a lembrança de uma situação na qual vivi análoga à escravidão. Fui trabalhar com seu João, este senhor era um homem que trabalhava com tudo, de tudo e entendia da lida do “mundo rural”, plantar colher, (Dressage - adestrador de cavalos), fazia “brete”, construía casa, tudo, muito do que em grande parte trabalhadores rurais fazem.

O trabalho que seu João me convidou para fazer, que era construir um brete, virou trabalho de três meses, presos em uma fazenda no Mato Grosso do Sul a 137 quilômetros da Capital Campo grande.

Desses horrores que trabalhadores rurais, quilombolas, faço alusão ao filme “*Nas terras do bem virá*” filme de Alexandre Rampazzo de 2007 que mostra descasos e desmandos, a dimensão da exploração e de questões como racismo ambiental por conta da precarização do trabalho e concentração de terras nas mãos de latifundiários.

Portanto o professor Benedito despertou essa vivência horrível de algo que milhares vivenciam no Brasil, como refere-se Barros (2018) a arquitetura do capital impõe a camponeses, trabalhadores rurais uma racionalidade capitalista.

Para Barros (2018) o metabolismo do capitalismo faz espriar nas relações sociais de trabalho no campo e gerando automação e precarizando e excluindo.

Os grandes proprietários fundiários e as empresas transnacionais do agronegócio incorporaram a flexibilização, a automação e a tecnologia de ponta no processo produtivo, justificada por motivos econômicos, políticos e legais, excluindo centenas de trabalhadores rurais e substituindo-os por máquinas e poucos homens para seu manejo. Esse processo tem provocado a pauperização de centenas de trabalhadores rurais sem terra e assalariados desempregados (BARROS, 2017, p.13).

A dinâmica de mudanças no sentido descrita por Barros (2018) repercute as mudanças objetivas e subjetivas dos trabalhadores do campo, tal demanda do capital através do agronegócio; do monopólio da terra; da superexploração da força de trabalho; da exploração intensiva da produção agrícola, o entorno de comunidades quilombolas também vivencia essas questões do trabalho.

De certa forma, experimentei e experienciei aspectos profundos da vida de um jovem desterritorializado com um emprego de telemarketing no qual achava ruim e experimentou algo pior para completar a renda.

Experimentei proximidades do Brasil volante, das inseguranças e instabilidades de emprego, assim como descreve o professor Benedito nas experiências de saída do território:

E depois que eu fiz a oitava, antiga oitava série, que eu tive que sair, que eu fui trabalhar numa chácara. Ali eu passei a viver muito perto da história de Iporanga, é uma cidade histórica, tem a igreja que foi construída é pelos escravizados, de taipa. E ali também, de certa forma, eu ainda era escravizado, não é? O patrão, eu sempre fui muito obediente, mas é

educação familiar, né? O pai ensina para a gente e ele se aproveitava disso... Aí ele gostava muito dessa obediência, dessa dedicação para o trabalho, de zelo pelas coisas dele. Só que daí ele deixava escapar alguma coisa... porque aí não estudava era burro, alguma coisa assim com as conversas com os amigos dele. Eu fui captando aquilo, é de mim que está falando... isso também é pra mim. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

É preciso voltar a essas memórias para um caminho de presente e futuro dignos da presente educação que o professor descreve, seu pai como figura que observa e a concepção que traz com analogia a escravidão, aqui do pensamento, mais também de padrões como esse.

É a maneira que o patrão tratava a gente, os colegas. Eu pensava, poxa, mas não é isso que eu quero para mim. Eu já estava ali com dois indo para três anos. Não é isso que eu quero para mim! Ficava pensando, por que havia pessoas mais vividas do que eu reclamando da vida e o patrão não dava deixa não? Ficava só pensando, poxa vida! (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Um dos aspectos que podemos seguir é o voltar, o quilombo a ideia de lugar como descreve:

E daí passou um tempo... eu voltei, eu já era casado. Eu e a Lili casamos bastante jovens. Eu retornei para a escola novamente e com dificuldade normal que a gente passa. Não tinha emprego mesmo, aí eu retornei para cá. O pai me ajudou, e daí rapaz eu fiquei. Fiquei pensando e ia trabalhar, ia trabalhar, daí eu voltei trabalhando plantio de pinus, que você viu. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

O professor Benedito ainda em seu retorno à comunidade continua nesse espectro transitório de trabalho com o plantio de pinus e a volta ao estudo como relata, a distância, educação a distância (EAD).

Por acaso apareceu a oportunidade de voltar a estudar, mesma distância, eu peguei fui estudar e quando tratava do tema é educação, fundamentos da educação, ali eu fui começando a entender aquilo que o meu pai dizia, aquilo em que nós vivíamos e a maneira que eu e outras pessoas eram tratadas, foi muito bom! (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Para Cruz (2012) com a articulação da escola e a possibilidade de acesso e inserção da comunidade na comunidade, como exemplifica no caso da comunidade quilombola Adelaide Maria Trindade, com a inserção de professores, outro exemplo é o de Dona Maria Arlete foi diretora da escola quilombola Maria Joana Ferreira descreve a contribuição para o mercado de trabalho e a ocupação dos espaços escolares como retorno para a comunidade, redimensionando o papel que os

quilombolas desempenham na comunidade. como descreve o professor Cassius em base aos relatórios de reunião técnicas realizadas pela SEED (ANEXOS 9 e 12):

“A escola deve contribuir para criar uma alternativa de vida onde se mora.”; “Voltar as pessoas para a lavoura, deixar o pinus”; “A escola precisaria ensinar a cultura da comunidade, a feitura das roças, o artesanato e resgate as histórias da região. Isso pode ser feito juntando escola e família (CRUZ, 2012, p.76).

Sobre o trabalho na fazenda de pinus o professor detalha essa jornada entre as aulas e as regulações do serviço terceirizado:

Eu ia estudar uma vez por semana. Eu ia pro trabalho, trabalhava o dia, à tarde eu ia com o patrão, dormia no alojamento, eu vinha trabalhava e chegava em casa todo dia à tarde, assim que eu fazia. E daí a fazenda, chama de fazenda de plantio de pínus, não poderia ter funcionário terceirizado, então o patrão fechou a firma e passou nós todos para ele. E daí esse fica, não fica. Também não sei... Acho que vou ficar, mas como que você precisa estudar alguma coisa assim? E daí não ia ter aquele carro para Adrianópolis, mas eu pensei... Poxa então eu vou sair. Eu entrei, continuei trabalhando, fiquei duas semanas... Eu peguei saí! Eu vou continuar o estudo. Eu fiquei estudando, só que eu tive uma sorte... Era quando precisava pedir uma atualização para a secretária para mim usar o transporte escolar. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021)

A narrativa do professor Benedito diz sobre o entorno, do trabalho, das dificuldades do território e da escola, como declama Rosa (2021) “fui ali beber em suas páginas” e está ali a matéria da identidade, a luta pelo lugar, dilemas e espaços, no proceder e no conflito.

O livro se chama No Território da Linha Cruzada e seu autor é o professor José Carlos Gomes dos Anjos. A relação do livro não se baseia na farsa das águas diluídas, contadas pelo ideário da democracia racial brasileira, discurso oficial que que embandeira uma história de ternura mesclada à bravura na formação de um povo e de um território. Aliás, é sobre um lugar em disputa que ele analisa um despejo em Porto Alegre (ROSA, 2012, p.242)

Essas relações de retirar do território retira, move, remove nesta luta que envolve corpos humanos fazendo sentido ao que pesa para os olhos e cartilhas das marretadas do Estado para movimentos cotidianos na alçada do abate (ROSA, 2021, p.242).

Pontuar descasos, também faz pontuar situações de direito, mais do que dimensão de conquista, são lutas de um trabalho construído dentro pela comunidade e não pela lógica do patrão.

O processo de modernização do Brasil na última fase escravista é injetado pelo exterior, de tecnologia para os meios de comunicação, estradas, bondes, gás, tudo superposto pela estrutura traumatizada da produção escravista. Portanto uma modernização sem mudança social (MOURA, 2003, p.260).

### 3.5 DE FORA PARA DENTRO - PROFESSOR

Nesse contexto descrito pelo professor Benedito o trabalho se dividia com as aulas EAD, e a dúvida se ficava nesse trabalho do plantio de pinus, ele conta que saiu e continuou a estudar.

E daí não ia ter aquele carro para Adrianópolis, mas eu pensei... Poxa então eu vou sair. Eu entrei, continuei trabalhando, fiquei duas semanas... Eu peguei saí! Eu vou continuar o estudo. Eu fiquei estudando, só que eu tive uma sorte... Era quando precisava pedir uma atualização para a secretária para mim usar o transporte escolar. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Dar continuidades no estudo além da inserção na escola culminou com a aposentadoria de Seu Antônio Aparecido, professor que teve a oportunidade de conhecer na festa de São Gonçalo e passar um bom tempo ouvindo tantas histórias da escola, o “fazimento” da merenda e de suas aulas, me explicando sobre o tipiti-que escorre a mandiquera.

Segundo o professor Benedito, nesse período de transição com a aposentadoria e substituição do seu Antônio Aparecido por Alice que ficou no lugar dele por um tempo. Nesse momento, o professor tem como mudança, como o começo dentro da escola, segundo o professor nesse momento toma noção do espaço que estava, esse período é entre 2009 e 2012.

Esse período e de início de produção do projeto político pedagógico (PPP), e tudo que ainda ocorria na escola não era para a comunidade:

E a gente estava naquela pegada. Depois veio a diretora Nará, estava com a gente, ela fazia formação direto. Então foi muito bom para a gente, foi para quem trabalhava na escola e para outros que era da comunidade, também que não tinha vínculo com a escola, de emprego, a escola foi uma formação nesse sentido para todos nós, na formação Política, na organização política e depois veio Cassius. E daí já veio o ponto, não que eu não acreditava, eu estava acreditando sim, mas só que daí outros colegas mais experientes, mais tempo de sala de aula do que eu... Eles não acreditavam... Então a gente diante era a minha fala contra deles. Só que eles respeitavam porque

disse que pedagogo, por ser quilombola tinha muita autonomia. Eu não sabia, eles acreditavam nisso, eu nem sabia disso. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021)

A escola significa essa formação política, de emprego e formação, o professor Benedito além de ser quilombola, trabalhou por seis anos como pedagogo contribuindo para efetivar a proposta pedagógica do colégio (FREITAS JÚNIOR, 2021, p 28).

As incertezas e questionamentos sobre a forma da escola e sobre como proceder dentro do que idealizava e principalmente pensava de uma educação escolar quilombola foi se confirmando com essa troca de experiências como relatado, com a professora Nará e conseqüentemente com o professor Cassius.

Tenho referido a transição em dois momentos, o primeiro a questão da escola e do trabalho no caso do professor Benedito, a segunda ideia de transição é sobre seu relato diante dos processos de do projeto político pedagógico.

Eu sei lá o que é senso comum?! Sabedoria sei que tem mais senso comum, rapaz do céu, e trazer todo esse estudo essa linguagem?! E foi assim, então. Só a partir daí que a gente foi entender que todo aquele conhecimento que nós tínhamos ali... que eu fui entender. Comecei a entender, ele tinha que ser matéria, né? Tinha que ser conteúdo de sala de aula! Mas só que daí, Glauber, até a gente entender que a gente estava no caminho certo... indicava na incerteza. Então eu tinha dois ou três professores que concordavam. Outro não e aí chegaram os novatos... Dizia que não era... que estava tudo e todo mundo atrasado, que ninguém iria entender nada. E era desse jeito. Eu pensei: vou ter que estudar, vou ter que estudar, vou pegar, eu vou ler! (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Tomando emprestado a ideia de bell hooks em *ensinamento onze, um diálogo sincero: ensinar com amor*, fala muito mais a respeito dos professores, a dimensão do amor está em declararmos amor, é a intenção profunda que se dá a importância do tema, bell hooks expõe o contrário no qual muitas vezes exercitamos, cautela, aproximação demais, valorização da mente, assim descreve: “Fui criticada por ter muita paixão” (HOOKS, 2021, p.203).

Com referência a autora se dá a percepção sobre o professor Benedito, a ideia visível do amor, e do debruçar-se no processo da escola. Em outro diálogo (HOOKS, 2021, p.165-166) faz crítica ao processo da criança em triagem sobre política de dominação, ou das hierarquias acadêmicas, uma vez esse tipo de categoria escolhida acaba valorizando testes emocionais.

Um dos pontos que o professor Benedito levanta sobre o trabalho na fazenda de pinus é o julgamento do patrão sobre os funcionários, pela simples categorização de hierarquia como levanta bell hooks (2021).

Outro aspecto de hooks que descrevi no (Patrōnus - patrão) é o fato dessas “vozes interiores” que com referência a Kaufman e Raphael descrevem um resíduo de consciência de cena, segundo hooks (2021) essas vozes, esses riscos, racismos, humilhação, são cenas de nossas vidas, efeitos de muitas das escolas que passamos e trabalhos também.

O que permeou a conversa com o professor Benedito e a professora Eliziane foi vida escolar e a mudança pretensa, quando educação como forma de liberdade é afirmada, pode-se abrir mentes, respeito e vida (HOOKS, 2021, p.170).

Aí vem o pessoal do núcleo, você tem que ter postura diante dos professores. Eu falava, poxa, mas desse jeito, né? Entrar falando e debatendo, quanta opressão de um pedagogo professor! Então eu tinha esse pensamento também, a gente se sentia culpado por muitas coisas, mas só que eu sempre tenho a educação do campo neste processo. Para nós, professores e professoras do colégio Diogo Ramos, foi muito bom porque daí a universidade veio para dentro da comunidade, para dentro da escola. A universidade, ela vem batendo na mesma tecla que a gente já vinha batendo desde 2013. Eu pensei pronto agora fechou. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021)

Portanto a conjunção dos estudos sobre o projeto político pedagógico e a relação como as da professora Nará e posteriormente do professor Cassius demonstrou o caminho que a comunidade tinha em relação a função da escola para a própria comunidade.

No ano de 2012 o professor Benedito terminou o curso de pedagogia e deu continuidade com a educação do campo 2015 em ciências da natureza, pela pelo setor do litoral pela UFPR em educação do campo.

Eu falei: pronto, então é isso mesmo. Daí vinha trazendo toda aquela questão. Já apareceu, começou a aparecer na forma mais forte decolonial. Esse pensamento decolonial nunca a gente não tinha ouvido falar, mas era muito pouco... Nará e Cassius! O Cassius é sem comentários! E ele com toda aquela estratégia também, acho que ele pensava nós vamos jogar tudo porque não vai funcionar, vamos pelas beiradas. Acho que ele pensava assim com a gente, o diálogo dele com a educação do campo então foi muito, foi muito bom! Poxa! Daí foi as coisas só foram fluindo. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021)

As propostas de uma educação que se encaminha nesse período são demandas geradoras do processo de ressemantização de uma geração, de

professores e em específico do professor Benedito, é o “ser mais” em Paulo Freire, de partido de união deliberada proposto por ação contra a opressão.

Dentre tantos aspectos abordados em duas conversas/entrevista a concepção de sentido aos jovens e sentido ao que já era sentido de cuidado dos seus e cuidado com a história de tantos outros professores do território de João Surá.

Desde o processo de reivindicação da comunidade e pela associação, essa educação tem origem na ancestralidade e na história, da palmeira juçara como material didático para uso da aula, desses símbolos de existência, até a proposta pedagógica das relações com etnodesenvolvimento sustentável, economia solidária contrapondo a invisibilidade (FREITAS JÚNIOR, 2021, p.76).

E no meio disso veio o projeto do NEAB também naquele tempo. O que nós chamamos até hoje da Pré-Pós no grupo quilombola, que a Carol veio. Eu acho que, se eu não me engano, ela pegou uma carona com os professores da educação do campo, ela veio se eu não me engano. Mas ela vem para oferecer umas bolsas que tinha para estudantes quilombolas, professor para pesquisa alguma coisa assim da Pré-Pós. Foi um diálogo já dela com compadre Cassius que daí que eles se organizaram lá. Mas foi a partir daí que eu pensei, poxa, a gente tem um poder enorme de dar sentido para Juventude e trazer um pouco do que o que eu ouvi dos mais velhos, defender esse espaço, nosso território. Então isso começou como estudante, como como estudante na educação básica infelizmente não. Mas na graduação, ali então foi muito bom, é uma graduação que eu fiz. Porque eu fiz sempre EAD. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021)

Juntamente com a comunidade o professor Benedito lembra as parcerias na escola e na comunidade como todo em sentido a educação, NEAB com o Pré-Pós, a professora Carolina dos Anjos com as bolsas, organização de outros professores para dar sentido a juventude e do sentido dos mais velhos para a defender o espaço, assim descreve o professor ao lembrar essa caminhada da educação básica fora do território.

Sobre a sala de aula o professor Benedito expressa o sentido de cuidado, conceito para entendimento da juventude quilombola.

E coordenação, agora em sala de aula então que é a minha experiência. Agora eu acredito que o tenho chance de fazer melhor ainda, de trazer o conceito do quilombo desde a molecada - realmente o que que significa o quilombo. Quem são esses opressores? Quem nós somos? (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Podemos voltar no conceito do “ser mais” que evoca esse processo de reeducação constante como descrito pelo professor Benedito. Todo esse processo se

dá na luta pelo amor, desvelando a amorosa prática educativa numa constância (TRINDADE, 2018).

### 3.6 A IGREJA

É importante ressaltar, nesse contexto, a dimensão que teve a atuação de membros ligados à Igreja Católica na constituição do processo organizativos das comunidades quilombolas naquele período, bem como a sua articulação com o movimento negro à época (KOMARCHESKI, 2019, p.120).

Um dos assuntos sobre racismo que me chamou atenção na conversa com o professor Benedito, veio de uma memória da infância, como já mencionado essa “consciência de cena” que detalha hooks (2021).

A cena é um padre em saída da igreja cercado de meninos na comunidade João Surá e o doce é somente dado ao filho do fazendeiro, é um relato que pergunta como foi essa situação.

O porquê que eu não posso ganhar um doce, chocolate, o meu amiguinho de um tom de pele mais clara pode ganhar, então a gente trabalha isso né. (BENEDITO JUNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Embora tenha uma amplitude da igreja, também denota um indivíduo que preteriu crianças negras quilombolas pelas estruturas coloniais, o professor Benedito descreve que esse padre não ficou muito tempo na comunidade. Em relação a igreja o professor tem um entendimento como relata:

Eu entendo a igreja, a igreja foi fundamental! Para a resistência do quilombo João Surá hoje, é resistência, resistência porquê? Naquele tempo que eu te disse que todo mundo construía as suas casinhas ali em torno da igreja por causa das festas e recebiam as outras famílias que vinham distante de outras comunidades. Vinham todas, ali recebiam. Então foi importante para isso, e quando o vô Quintino, que é meu bisavô, mas eu chamo de vô Quintino, e ele deu essa área de Terra para igreja, a gente ficou ali. Então mesmo assim o fazendeiro conseguiu pegar um pedaço da Terra. Quando é nesse sentido a igreja foi muito importante para a resistência da comunidade, para que a comunidade exista até hoje. Só que no meio desse vieram padres que não entendiam nada daquilo e isso é um fato, isso é verdade, então está bem registrado, é isso mesmo! (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

As comunidades eclesiais de base, círculos de cultura são de apoio e de vínculo como relatado pelo professor Benedito.

Em referência a tese de Komarcheski (2019) a igreja mediou conflitos, como no caso do Bispo Dom Aparecido Dias que após assassinatos de lideranças das

comunidades no ano de 1982 solicitou à Arquidiocese de Direitos Humanos do Estado de São Paulo para cuidar dos assuntos relacionados aos crimes, teve como base a teologia da libertação e conscientização da população rural.

Outra ação também do período é das Pastorinhas do Bom Jesus, o grupo trabalhava esses conflitos a partir da chegada em 1986, trabalho desenvolvido na pastoral de Eldorado (SP) segundo (Komarcheski, p.120, 2019).

Komarcheski (2019, p.120), do movimento dos ameaçados por barragem (MOAB), a igreja ajudou através das demandas de constituição e fortalecimento dos movimentos das comunidades e diálogos com outros atores públicos.

### 3.7 PROFESSOR PREGUIÇOSO (MANDRIÃO)

Um outro ponto chamou-me atenção sobre a ideia do professor no território e confesso que não havia entendido na primeira conversa em agosto. Como era essa ideia de professor preguiçoso e como era tratado, assim perguntei novamente ao professor Benedito que retorna a explicar:

Então é pra gente pensar assim ó! Quando você fala pra eles que estudar é bom, mas ao mesmo tempo os pais e mães achavam que a escola é lugar de formar preguiçoso, porque alguma coisa nesse modo de ensinar está errado. O pai falava não temos de matricular essa criança e na escola estão falando que é para matricular, né compadre? Comadre vai acompanhar, não vou matricular meu filho não porque tem que trabalhar, escola é lugar de formar preguiçoso, porque vai lá na escola e depois não quer trabalhar mais. Era desse jeito. É isso, o jeito que a escola usa esses conteúdos, não são esses conteúdos, se você vem trazendo esses conteúdos que você falou para criança, ela vai ficar imaginando coisas. Se começar a falar perto do pai com a mãe hoje não, mas naquele tempo... (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021)

O corpo fala sobre nosso mundo (GOMES, 2002, p.42 apud MIRANDA, 2020, p.140), como corrobora o conceito de exunêutica, olhar pra dentro de si, dialogar com o real, escutar suas memórias e expor uma Comunicação não linear, cabe a dimensão de entendimento desses pais, como uma autoescuta para desestabilização de uma escola que não condiz como o território.

Então era fora do contexto, porque a escola do meu pai mesmo ele sendo um professor conhecido de todo mundo do lugar, mas vinha cartilha para ele, então ele não ensinava aquilo que eles faziam aqui. Então vinham uma cartilha lá, Ah! você vai estudar isso aqui: 'esse A aqui é de avião'. A primeira vez que passou avião aqui, o meu pai contava que o pessoal quase morreu

de susto. É que não tem avião, pense que um cuitelo é um avião. Pense com cuidado, o avião passa muito distante, não tem naquela realidade. Outro exemplo: 'esse é o E de elefante', mas aqui não tem elefante. Não faz sentido nessa realidade. Quando eu trago isso, é para dizer que a maneira que as escolas se instalaram nas comunidades não tem nada a ver com a realidade. Depois a gente vai descobrir que a escola, principalmente da educação rural, veio num contexto para fortalecer o capitalismo. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021)

É esse lugar do corpo-território decolonial que desestabiliza a racionalidade europeia, como teste que Miranda (2020) que em feitura de seu livro fala do autoprocesso formativo do corpo-território, o autor descreve a *encruzilhada para implementação da LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*, dos caminhos em memórias de escola e das territorialidades de coerção.

Quando o professor Benedito traz essa principal questão do fazer sentido, confesso que abriu a possibilidade das minhas visibilidades sobre educação, em inúmeros momentos tentava entender e sentir o que levar como estereótipos da história e incompletudes, como diz Chimamanda Adichie. Esse lugar do conhecer pessoalmente, da prosa, do ensinamento, as fotos, falas são diálogos constantes do processo que muitas vezes o arquivo morto faz menção em não entender.

Figura 4 - Professora Carolina e Professor Benedito



Fonte: o Autor, 19 de agosto 2021

Como pedagogia decolonial, primeiro desfazer a dimensão psicológica que nos molda a pensar na inclusão de “currículos” de vida e sentido, sentidos da forma do território e dos processos históricos, políticos, sociais e econômicos, carregados de sua cultura (FERNANDES, 2018, p.91).

Portanto a descrição do professor Benedito em sua dissertação traz aspectos do processo do pensamento decolonial e contra colonial e de formulação da comunidade com a coordenação da educação do campo e cujo professor Cassius em entrevista concedida ao professor Benedito, detalha as articulações da proposta pedagógica nas diretrizes das relações étnico raciais e da educação do campo.

Como descreve Freitas Júnior (2021), o EREER veio das demandas dos movimentos sociais e das vivências já mencionadas, nos entraves da construção da proposta, os retornos não foram atendidos e culminou na ida a Curitiba de seu Antônio Carlos Pereira de Andrade, que trazia os principais elementos desse acervo de conhecimento da ancestralidade, como fala de dona Santana, do mutirão e dos conhecimentos quilombolas.

O convencimento para a “crença” dos pais é muito importante para mostrar que o colégio Diogo Ramos é de todos:

Aonde o indivíduo estudava até a quarta série, depois não tinha mais onde ele estudar. Vai ter que sair muitas vezes do território. No caso do meu pai, eu fui e ele ficou. Eu voltei e tô aqui até hoje graças a Deus, com minha vida e meus parentes aqui. Já outros, iam embora e deixava os casais. Ficavam sozinhos no território e se morresse de velhice... Muitos iam embora, também tenho bastante parente meu que foi embora. Faleceu uma parente nossa aqui com 101 anos. Poxa uma cidade aqui perto de Colombo, Almirante Tamandaré saiu daqui ela, e nesse contexto (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

Com alega Fernandes (2018) em referência a lei 10.639/03, ela trouxe a própria conotação de sentido decolonial, o pensamento decolonial pode ser entendido e pormenorizado em (Miranda; Riascos, 2016) de construção de atalhos que inspiram rebeldias, que gera desobediência por opções fronteiriças e busca garantir a pluralidade, como referido no texto, essas professoras e professores na busca de uma educação do território. “A cultura e o conhecimento quilombola que tem que ser valorizado, nós temos super capacidade de conhecimentos, nossos ancestrais tinham muita sabedoria”. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021).

O entendimento sobre a vida, o aprendizado, o ofício em família ou de mutirão faz saberes além do pensamento desse conceito de escola e infância no qual iniciei a pesquisa, novas formulações semânticas sobre palavras se fazem necessário.

A gente tem, Glauber, o período que a criança, enquanto o estatuto da criança adolescente... diz que a criança e o adolescentes não podem trabalhar. Nós temos os trabalhos enquanto as crianças estão ajudando os pais fazer as coisas, ajuda também na renda familiar como "estudo e tempo comunidade". Ela vai fazer uma anotação que estão conversando, eles trazem para ser discutido em sala de aula, para fortalecer aquele que está fazendo. Sobre os ancestrais, o que essa gente fez... Quando a gente vai conhecer o que esse povo fez mundo afora, tem ainda obra de séculos e conhecimentos deles estão na história. E o que o colonial tentou apagar da gente? Mas a gente está em dia. A gente já trouxe bastante coisa da educação escolar quilombola, tem ajudado muito. (BENEDITO JÚNIOR, 42, OUTUBRO DE 2021)

Andrade (2018) em observações de uma comunidade quilombola tentou recorrer a currículos concebidos nos quais não haviam visibilidades das questões étnico-raciais, em alguma medida essa situação nesse exemplo vem de uma proposta externa, obedecer às obrigatoriedades da secretaria de educação sem as vivências referidas pelo professor Benedito, dos ancestrais, dos trabalhos domésticos dos ofícios familiares, das roças e trabalhos familiares.

### 3.8 QUILOMBA DEVIR

**22 de agosto de 2021**

Figura 5 - Professora Eliziane Andrade de Matos



Fonte: o Autor, 22 de agosto 2021

Ao longo desse novo contexto de pesquisa, fui percebendo que as práticas relatadas por algumas lideranças femininas quilombolas não se circunscreviam ao direito territorial, mas visavam a ampliação de espaços de subjetividade e de solidariedade entre as pessoas (ALMEIDA, 2022).

Um dia antes, no dia 21 de agosto de 2021, fomos visitar outra professora, a professora Elisane Sbravati que nos recebeu para uma conversa sobre a comidoria, merenda e soberania alimentar em conversa com a colega de campo e do *Grupo Joana de Andrade* Debora Olímpio, que também falou dos processos da comunidade tradicional do Mamonas<sup>26</sup> e de seu tempo no João Surá como merendeira e professora.

A primeira imagem fotográfica (figura 5), é da conversa que tive com a professora Eliziane já no domingo de agosto de 2021, mais propriamente no dia 22 de agosto, estávamos com a primeira dose da vacina, chegamos no dia 19 de agosto na comunidade nesse primeiro campo.

Figura 6 - Isac, esposo da professora Elisane - Mamonas



Fonte: o Autor, 22 de agosto 2021.

Ao ler Cambuy (2011) sobre o fazer, o trabalho, a divisão, a poesia do sabor que é viver pessoalmente; confesso que não conhecia esse ar de festa da educação,

---

<sup>26</sup> Comunidade Tradicional do Mamonas proximidade da comunidade de João Surá. local: casa da professora Elisane, marido Isac, irmã e filhos.

do espaço, do cheiro, fez com que destrinchasse meu olhar, no aprender com a visão dos filhos de Isac vendo o pai e a tia trabalhando.

O mesmo se aplica aos preparos de paçoca de carne, cuscuz de arroz, frituras, farofas e virados. Condimentos utilizados, como o gengibre da taiada, a *folha gordo* na carne de porco, a alfavaca no feijão, também apresentam a finalidade de equilíbrio do preparo e auxílio na digestão. (CAMBUY, 2011, p.149).

A comidoria é a educação em forma prática e presenteou-me com cada detalhe dos presentes com os seus na relação com a comunidade, com a religiosidade em laços de festas (Cambuy, p.267, 2011)

Como já referido a comunidade nos acolheu de forma maravilhosa e pude ser recebido pela professora, como confesso em meu caderno de campo tive medo, medo de qualquer falha, qualquer pergunta ofensiva como também já descrevi.

Duas professoras como o tempo “Quilomba<sup>27</sup>” que Mariléia almeida nos leva a pensar em um os mecanismos de poder que incide sobre os corpos de mulheres de comunidades tradicionais ou mulheres quilombolas, que é a prática da definição de mulheres tradicionais, não permitindo a potencialidade de transformação no tempo presente (ALMEIDA, 2022, p. 165).

As experiências que articulam na luta pela terra ações em torno do cuidado e da transmissão de saberes. Essas práticas, compreendidas por meio do conceito de território de afetos. (ALMEIDA, 2016).

A conversa do dia 22 de agosto com a professora Eliziane é essa transformação, é também memória da ancestralidade e dos conjuntos de conhecimentos. A conversa se passou no mesmo ambiente da memória da infância e das lembranças de sala de aula, das saídas e chegadas desse lugar da escola e dos momentos que já foi mencionado pelo professor Benedito sobre a saída do território para estudar.

Teve uma época que a minha prima marcou que a gente estudou 20 dias só no ano. Mas é, foi bem isso. Daí uma época eu emprestei um caderno, uma colega minha, eu estudava o ensino médio já e emprestei um caderno para copiar matéria que eu tinha perdido. Emprestei o caderno da colega, daí fiquei um mês sem ir para escola. Mas a menina nunca mais olhou para minha cara e nunca mais emprestou o caderno pra mim. Daí eu tinha que ficar no período que eu estava no recreio, às vezes, copiando matéria para não ficar perdida. Mas eu lembro que assim que a gente chegava na escola, estava no conteúdo, professor ensinava lá, a gente pegava conteúdo. Da

---

<sup>27</sup> Quilomba: Conceito de Devir Quilomba - Mariléia de Almeida, 2022.

outra vez que a gente voltava para a escola, já era o outro conteúdo. (ELIZIANE MATOS, 2021)

Ainda no aporte do já descrito caminhamos para a dimensão do diferente, das vivências como professora, os temas geradores, a concepção do que faz uma professora de História, já que era período pandêmico e não poderia ver a materialidade da aula presencial, pois a Escola Estadual Quilombola Diogo Ramos, se utilizou de um momento virtual para as aulas.

Confesso que não perguntei sobre as aulas online, obviamente a pandemia restringiu esse aspecto do corpo presente, de forma que buscava esse olhar do passado e as atividades de um tempo fora da pandemia.

Levantei um questionamento, como eram ministradas suas aulas de História? De que forma era pensado as questões do campo historiográfico? Juízo de valor, anacronismo, fontes primárias, competências e habilidades e o que imaginava da minha vivência em sala de aula.

Ao colocarmos sob este foco a condição de educador associada à condição de pesquisador num campo de pesquisas que toma a educação como referência conceitual e empírica, não se deve esquecer que o educador pertence ao contexto das investigações. Ainda que as referências de lugares, tempos, pessoas e eventos sejam outras, ele (o educador/pesquisador) já participa dos enredos verbais e simbólicos que dão rumo e sentido às construções das normas, práticas e significações sociais dos grupos que estuda (PIMENTEL, 2009, p.132).

Obviamente era completamente diferente, mas sem ver a sala de aula ainda mais longe, o que me aproximou dessa visão foi a conversa com o professor Benedito e a professora Eliziane e como ela relata essa dimensão.

Então, agora a gente trabalha com os projetos de aprendizagem na escola. Eu sempre tento focar na sua atividade, relacionada nas comunidades. Igual ano passado (2020), eu tirava a foto do meu sogro na roça, tentava focar a roça com os projetos. É também a culinária, não é? Que a gente faz bastante culinária na mãe, para 'apressada', faz o cuscuz, faz o biju. Daí lá na minha casa o povo faz a farinha, meu marido que gosta de torrar. Gosto de fazer, não é? Então eu tirava as fotos e tentava relacionar com o projeto de aprendizagem, igual a minha sobrinha também. Que o pai e a mãe dela fazia farinha com a gente, e tentava trabalhar com ela, relacionado. Fiz ela apresentar um vídeo do tio dela, torrando a farinha no dia de Meet (aula online) (ELIZIANE MATOS, 2021).

Cabe alguns pontos do que Andrade (2018) lança a crítica sobre os processos de conteúdo e planejamento, isso trago em relação ao meu modus operandi de aula, ainda pensando a precarização do (PSS), e no caso minha experiência de chegar

meses depois do início das aulas, elaborar um plano de aula que geralmente o outro professor não pode fazer, por questões de saúde, acúmulos, desinteresse ou esquecimento.

Também cabe ressaltar essa lembrança da educação e da figura do professor (PSS)<sup>28</sup> para lembrar da presença do professor não apenas em sala de aula, mas na comunidade onde trabalha e pode conviver, gerar confiança dos pais e alunos, de todo o espectro escolar.

Para esse convívio e o que traz Andrade (2018) sobre a construção das “prácticateoriaprática” baseado em conceito de Nilda Alves que enriquecem as relações culturais entre sujeitos, construindo subjetividades, como essas reflexões do fazer e imbuídas de sentido como no caso a culinária, a roça, os projetos que adentram a escola, da comunidade para a escola.

Outras atividades com alunos também sobre o parque das Lauráceas, relacionados ao turismo e território, as festas ou da religiosidade, como relata:

Relacionar as pessoas que fazem parte com o território lá do parque e que faz divisa aqui. Então a gente tenta sempre trazer as coisas voltadas à nossa comunidade, porque muitas coisas perdemos aqui... como a recomendação das Almas, tem a recomendação das Almas, muitas rezas tá se perdendo aqui na comunidade, porque a nossa geração não aprendeu. (ELIZIANE MATOS, 2021)

Outra observação feita por Andrade (2018) é apontar a escola como celeiro de vastas histórias, “sabefazer” como intensa dinâmica de construção, lembranças e memórias que marcam as vidas, escola mais que escola nas contribuições contínuas, também os “espaçotempos” para identificação dos sujeitos como descreve a autora.

---

<sup>28</sup> Processo Seletivo Simplificado - SEED-PR

Figura 7 - Oficina de Foto e Bordado



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

As mãos de bacharéis  
 Que não condenam o mal  
 Que inocentam réus  
 Em troca do vil metal  
 As mãos de bacharéis  
 Que não condenam o mal  
 Que inocentam réus  
 Em troca do vil metal  
 Mãos de infieis  
 Revés que não contentam  
 Movendo a diretriz tão fraudulenta  
 Sem réu e sem juiz  
 Mãos não se acorrentam  
 Justiça põe as mãos na consciência.  
 (Composição: Almir Guineto / Carlos Senna / Simões PQD)

Mãos da fonte da oficina foto e bordado da professora Sanciaray da Rosa no dia 18 de novembro de 2021, com mãos que pensam atividades integrando professoras e professora, alunos e o Grupo Joana de Andrade, com a oficina e pensar integrar-se dentro da proximidade do 20 de novembro, o convite da comunidade do segundo campo.

Antes das mãos, as falas, a fala da professora que me leva a ver o que eu não via e nem sentia no ambiente, no modelar de suas aulas dando visibilidade as narrativas internas e das relações dialógicas do processo.

Para trazer essa relação das pessoas com o território, pergunto a professora como resguardar as histórias dos velhos, essas referências que iniciou contando.

Então, igual eu a esses dias atrás, a gente fez uma "Meet". Acho que foi em março, a gente mostrou até para os alunos umas fotos. Antigamente, as rezas que saía, falando da recomenda, não é? Perguntamos das pessoas que fazia hoje já não fazem mais. Pedi até para estudante, estava presente fazer uma pesquisa porque os avós dela que sabia fazer cantar. Daí até fez uma pesquisa para mim sobre isso. O ano passado eu trabalhei bastante também a questão da parteira que antigamente tinha, as parteiras aqui na comunidade. Hoje em dia já não tem nenhum dos remédios. As ervas medicinais que tinha também. Que é uma fonte também: são as nossas ancestrais, nossos velhos. Mas hoje em dia nossos idosos são mais fechados. (ELIZIANE MATOS, 2021)

São as rezas, os “antigamentes”, os velhos já não fazem mais, do parto, da mãe e da vida, e imaginei que aula, remeti-me ao que me ensinaram, parto de ideias, maiêutica, agora já imaginava ali uma nova leitura negra, “exunêutica<sup>29</sup>” das conotações que Miranda (2020) mostrou nas oficinas e no fechar de olhos e no deslumbrar dos giros decoloniais e das aulas que são vida.

Esses diários de trocas de peles começam pelos velhos e velhas e por mulheres, que como expressa Mariléia Almeida (2022) exemplificando um caso de Dona Zeferina, caso esse que permeia os novos olhares na década de 1990, o principal olhar sobre as mulheres com base no relatório antropológico demonstrava que a abordagem em São José da Serra<sup>30</sup> traz um conceito desse período (ALMEIDA, 2022, p. 144).

Portanto nesse período emerge configuração do encontro de pesquisadores com as comunidades, segundo a autora, favorecendo a construção de novos saberes e formas de sujeitos e práticas, nesse contexto o nome de Dona Zeferina com o jongo e as transformações, apontada por introduzir crianças no jongo e mudar as relações de gênero de São José da Serra (ALMEIDA, 2022, p. 144).

A concepção do campo de influência são os velhos e mulheres a partir dessas perspectivas, saberes e o campo espiritual e tradição oral, como na “contação de história”, “causos” da oralidade da mãe para o filho.

---

<sup>29</sup> Conceito de Eduardo Miranda: o autor denomina de “hermenêutica do desenho singular”, ao trilhar outras perspectivas teóricas e experienciais, o autor também enxerga uma vertente epistêmica referenciada nas encruzilhadas afrodescendentes que o levou a potencializar a “EXUNÊUTICA do desenho singular”. (MIRANDA, 2020, p.95).

<sup>30</sup> O quilombo São José existe a cerca de 150 anos e está localizado na cidade de Valença (RJ) é uma comunidade de descendentes, que vieram da Angola e do Congo

Então, agora hoje em dia é a gente. O tempo ainda teve um estudante ali, o Kauan porque a gente fez uma (Meet) com ele, eu perguntei pra ele se a mãe dele contava história para ele, não é? Eu pedi para ele que conversasse com a mãe e apresentar uma história a tarde. Nossa, ele contou uma história que foi até bonito, o jeito que ele falou, ele falou bem em uma história. Daí a mãe escutando, nossa, essa história aconteceu com meu vô, eu também sei. Porque sempre que eu estou numa (Meet) na escola, quando estou aqui na casa da mãe, ela escuta também. Daí ela fica comentando às vezes. Nossos alunos tentam. Também acho que nós temos que tentar. Um pouco a pouco que tem que estar na comunidade ainda. (ELIZIANE MATOS, 2021)

A referência aos antepassados denota tradição, aqui podemos colocar algumas questões a primeira é Mariléia Almeida (2022) referindo Hebe Mattos<sup>31</sup> Essa tradição e condição masculina das décadas de 1950 até 1980, mas segundos os relatos anteriores ao contexto jurídico pesquisado, o surgimento de “liderança feminina”, a feminização assentava as novas etnias em bases femininas (ALMEIDA, 2022, p. 146).

A outra é esse feminino tomado pela história e quando o aluno fala, proporciona a confluência entre a mãe, a professora e a mãe da professora, provoca uma pedagogia do ouvir. Outro aspecto é o que Almeida (2022) fala a respeito da tradição e chama atenção que a *contação de história* é pelo Meet, talvez pareça difícil a complexidade de uma ferramenta dessas para ideia de tradição de território, mas a forma com que a professora dimensiona essas oficinas ainda sim faz transpor a tela de um computador ou celular.

Das dimensões que pude observar da conversa de domingo 22 de agosto de 2021 depois das "comedoria<sup>32</sup>" e as formas diversas que fui recebido me faz lembrar que naquele doce de laranja, ou naquele café tem pedagogia, tem história viva.

A história corre para a memória e vem com ela aspectos dessa conversa de domingo, nela vem os velhos que a professora fala sobre:

Sempre contou história, o vô bastião. E tinha também o Antônio Pedro quando estava conosco, quando estava na escola. Sempre a gente o chamava lá para contar a história e o ano passado ele faleceu também. Ele era irmão da vó Joana. A vó morreu ficou ele e não tem mais agora. Ele também se foi, mas ficou a tia Santina - mais a tia Santina é evangélica. E não sei, os evangélicos são mais diferentes, não é? É, daí a gente nem vê, quase ficou presa na casa. Não é igual avó. (ELIZIANE MATOS, 2021)

---

<sup>31</sup> Hebe Mattos de Castro é uma historiadora e professora, especializada em estudos sobre as relações socioculturais da escravidão na sociedade fluminense do século XIX.

<sup>32</sup> Atribuído a autora Andreia Cambuy

Dos que deixam histórias e memórias, além do ensinamento e das festas e tradições, mas deixam saudade, dos que se isolam por diferença, mais só por diferença, por silêncio, ou por velhice.

Os velhos nos trazem essas experiências dos modos, das histórias e costumes, papel familiar baseado na memória dos velhos, com a arte da narração ainda que esteja comprometida o Meet em João Surá nos faz olhar em outra perspectiva do contar história, do ensinar e da oralidade. (Rech e Bortoletto, p.3, 2019).

### 3.9 OS VELHOS

Em um estudo sobre *Idosos Quilombolas, Identidade Étnica e Memória* (OLIVEIRA et al, 2018), as autoras(es) apresentam uma pesquisa qualitativa para pensar os índices de vulnerabilidade social que denota uma categoria metodológica “quanti-qualitativa”, sobre os dados dos velhos dos quilombos pelo Brasil, é importante pontuar os problemas como os citados na pesquisa.

Problemas que cercam quilombos em sua grande parte, educação e saúde, em formas diversas como inanição, doenças diversas e falta de acesso a saúde de modo geral, um levantamento no Maranhão de homens de 60 até 69 anos de analfabetismo no Maranhão, vínculos com meio ambiente e desequilíbrio com as condições sanitárias e dados do Rio Grande do Sul em relação a alimentação, por conta dos baixíssimos salários, insegurança alimentar e demais questões (OLIVEIRA et al, 2018, p.3).

Em certa medida pensar os dispositivos ou medidores para pensar a pobreza são nesse texto que citei, uma pesquisa, “denúncia”, “formulação para políticas públicas” e para pensar idosos, aqui prefiro a beleza do termo velho, para quebra de marcadores e ressignificar o termo velho. “Uns e outros sofrem um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais” (BOSI, 1994, p.419, apud OLIVEIRA, 2013, p.91).

A dimensão do texto *Idosos Quilombolas, Identidade Étnica e Memória* (OLIVEIRA et al, 2018) propõe discutir aspectos dessas vulnerabilidades e também trazer outro olhar que procure pensar nos nossos velhos, velhos quilombolas que a

parte quantitativa demonstra os processos do racismo ambiental em suas várias faces busca impor-se.

Em algum momento tentei mostrar que a dor das memórias ou lembranças históricas que falam de escravaturas era sempre cavar múmias como foi atribuído a Paulina Chiziane, obviamente por ser mulher e negra, mais por mexermos no campo da dor também atribuída pela visão colonialista.

Trazer para o debate *Idosos Quilombolas, Identidade Étnica e Memória (2018)*, não é como uma crítica, mas como os olhares a esses índices de pobreza, e aqui trazer também um olhar contra colonialista como ressalta Nego Bispo.

À medida que consegue romper com o senso comum que induz os padrões culturais de um modo de vida, o investigador produz condições para a interpretação crítica do seu objeto de estudo à luz de teorias e sistemas de análises produzidos pelas tradições de pensamento em que sua pesquisa está situada. Estranhar é ver de forma diferente aquilo que os indivíduos que participam da investigação vêem como o mesmo, é também criar instabilidade semântica e epistemológica para as significações compartilhadas sobre um determinado contexto cultural (PIMENTEL, 2009, p.134).

Buscar nos dados quantitativos um olhar realista, duro, seco e talvez das dores de séculos talvez nos aproxima mais dessa ideia de que alguns textos relatam a respeito à dor dos velhos, o banzo ou a lembrança de um passado.

Para Bispo e inúmeros quilombolas dirão que não tem passado escravizado, que nunca sentiram a dor vigente dos modelos de dor imposto pelo colonialismo, o ponto no qual pretendo pensar sobre os velhos quilombolas é o oriundo da educação, da comida, da roça, e talvez o enxergar de tantas mazelas e de nosso olhar colonizado.

Criar essas instabilidades epistemológicas nos leva ao romper do que vi, vi riqueza, vi o melhor tratamento, vi o alimento, pode ser que em algum momento a religiosidade ou o trabalho das crianças como o professor Benedito explicou, a fala dos velhos nos incomode, como repeti aos olhos que veem dados quantitativos.

“Pensar riqueza é ter o que comer e dar de comer”, uma das falas de Nego Bispo que nos mostra que não é um fato de romantizar pelo viés de que vejo apenas as bonitezas de meus olhos e princípio ao ouvir o lavrador gerador de vidas por praticar as essências da vida o caminho de mulheres e velhas e velhos detentores de territórios cosmológicos.

Pimentel (2009) ao trazer Laplantine (2004) mostra que ao fazer essa movimentação deslocamos para desnaturalização da cultura, tirando assim do padrão cultural, o que não nos leva a ver e nos situar em outros ambientes.

Destacar a relevância da etnografia como uma das abordagens da pesquisa qualitativa para a formação de educadores e pesquisadores ocupados com a tarefa de interpretar e compreender questões sociais subjacentes às microdinâmicas do cotidiano (PIMENTEL, 2009, p.134).

Em si a autorização do olhar e da escuta, das conversações como processos de identificação e a escrita como ética do cuidado, nos faz caminhar nas três abordagens que Pimentel (2009) trabalha.

A escrita como instância de reencontro com os indivíduos da investigação implica num compromisso ético do estabelecimento de coautorias na produção do conhecimento. As informações geradas pelos outros oferecem as bases para a produção de um conhecimento pautado na preocupação e ocupação com as situações cotidianas em que tais informações alimentam as dinâmicas da vida em comum (PIMENTEL, 2009, p.160).

Nesse momento da escrita como instância de reencontro, me encontro com o segundo campo em novembro de 2021, mais propriamente entre os dias 18 de novembro e 21 de novembro, que gerou-me a coautoria com o Quilombo João Surá, esse encontro do professor Benedito, da professora Eliziane e dos mais velhos, Dona Aparecida<sup>33</sup> e seu Paulico<sup>34</sup>.

Primeiro que a dimensão da escrita de oralidades traz a fala o “gestuário” de movimentação da lembrança, é velho o lembrar porque se desdobra em tempo, espaço e sentido, “quando um velho morre, é uma biblioteca que queima” Amadou Hampâté Bâ dizia, mas ele mesmo revive a cada texto assim como os nossos.

Em suas escritas de afrografias, *[escrevedor de histórias] - edição Quilombolas* Marcel Malê traz seu Paulico e Dona Aparecida ao centro da beleza vivida e do não lugar referido por nossas referências, o lavrador a lavradora, o trabalho que minha visão viu num sábado 20 de novembro, a mulher e o homem na roça, labuta porque os bichos tem que comer.

Se a história não tinha cheiro, passou a ter, o cheiro do melhor café, cheiro do melhor fumo e cheiro de ancestralidade.

---

<sup>33</sup> Maria Aparecida Pontes de Andrade, 71 anos

<sup>34</sup> Paulo Andrade Filho, 78 anos

Poderia seguir por caminhos quantitativos do real, a saúde, o trabalho na roça mas segui não pela via “romântica colonial” com olhos sobre a égide da morte, dos caminhos que se encurtam para o território, onde veem analfabetismos vejo o que Marcel Malê descreve sobre a descrição do professor Cassius “O homem mais inteligente do mundo”.

Figura 8 - Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade, Seu Paulico, Dona Aparecida e Dona Alice



Fonte: Carolina dos Anjos. 20 de novembro de 2021.

Portanto ainda fazendo ponte com o texto *Idosos Quilombolas, Identidade Étnica e Memória (2018)*, se faz necessário o debate trazido pelas autoras do serviço social para cuidarmos de políticas públicas que alcance os territórios em todos os aspectos, pois tudo no território composto por tudo e sem ataques, faz-se em gerador de vidas encomprida a educação e sabedoria dos velhos como território de saberes e memórias.

### 3.10 O ANTES E O 20 DE NOVEMBRO

Figura 9 - Glauber Coutinho Gomes, casa de Seu Paulico - Comunidade João Surá



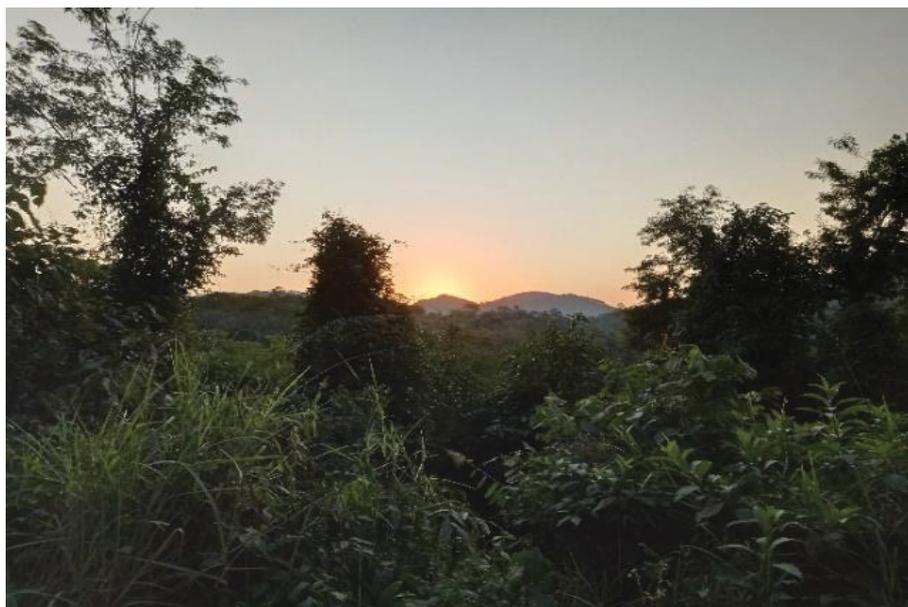
Fonte: Carolina dos Anjos. 20 de novembro de 2021.

Quando iniciei esse texto contando a história dos processos de educação, no caso a minha e minha relação com a escola, foi esse o primeiro momento e sentido de encontro com a do Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, com os professores e como a forma do que iria encontrar, o que já carregava em meus pensamentos, a ideia de estrutura do que imaginava encontrar, as perguntas, entrevistas foram de dimensão da primeira experiência.

Ao voltar no dia 18 de novembro de 2021 ainda durante a pandemia mais depois da ida a João Surá em agosto a vacinação estava mais avançada, voltamos a comunidade com o grupo Joana de Andrade dessa vez com sete pessoas, eram nossa professora e orientadora Carolina dos Anjos, Bruno Gomes Debora Olímpio, Fabiane Moreira, Helena Coutinho, Sanciaray Rosa e eu, (Glauber Coutinho).

Ainda me restava memória do primeiro campo, a memória da volta, entramos em um caminho errado e uma hora de viagem ficou pelo caminho. Caminhos como esse explicam um pouco a forma de algo que não estamos mais acostumados, qual entrada entrar? Qual caminho percorrer? Ao olhar no ambiente, no bioma, a figura de árvores em sua maioria pinus que cercam o território, aqueles que o veneno se espalha pelo vento e leva imagens.

Figura 10 - Caminho para a Comunidade João Surá



Fonte: o Autor, 18 de novembro 2021.

Figura 11 - Pínus, caminho para a Comunidade João Surá



Fonte: o Autor, 18 de novembro 2021.

Os caminhos são marcados pelo olhar e pela memória, a memória simples de seguir uma estrada, no caminho dessas estradas uma simulação da chamada floresta, pode-se perder de tudo. Strachulski et al (2017) pontua:

Neste sentido, acredita-se que os reflorestamentos têm sim um papel importante, porém, a capacidade de reprodução destas espécies vegetais e sua disseminação podem provocar sérios danos ao ecossistema local, pois promovem o surgimento de um ecossistema homogêneo e reducionista, com poucas espécies vegetais e animais presentes, além de acentuarem problemas inerentes ao meio físico (erosão e degradação do solo, desaparecimento de nascentes, dentre outros (STRACHULSKI et al 2017).

Pontuar esses caminhos faz sentido de como a memória do território gera uma geografia do local, os danos, às erosões e pedras transportam a ideia de isolamento.

Souza (2015) disserta que a repercussão ambiental do marcador social Raça faz articulação com justiça ambiental, através de um viés jurídico para o autor levanta a dimensão do problema em âmbito institucional que permeia o racismo ambiental, com tamanha violação do direito ao ambiente ecologicamente equilibrado para as comunidades negras nas Américas (SOUZA, 2015, p.101).

A primeira imagem que tenho ainda do agosto, mês de agosto, foi tal erosão dos cercados e privação das memórias outras que não essa que gera apagamentos pelo “des-envolvimento”.

Nesses contornos antropológicos entre ciência e saberes constituídos, ciência e não-ciência, exemplificando que um leigo que vê retirada de pinus, os venenos e o modo das pessoas olharem sente o que o autor chama de não ciência e a ciência dando completudes como o bairro Ouro Verde, pertencente ao Distrito de Ouro Verde e município de Sengé, que desde 1968 vem rodeados de pinus (BALANDIER , 1997, apud PIMENTEL, 2009, p.162).

A característica marcante do bairro antes era a floresta nativa, com vários sítios de pequenos agricultores, gado e roças. Hoje o bairro é rodeado de floresta exótica, havendo em torno de cinco sítios de famílias tradicionais que continuam com os mesmos hábitos (figura 3), mas com algumas restrições devido ao pequeno espaço que restou, visto que não dá para soltar o gado dentro do bairro nem fazer grandes áreas de lavoura (STRACHULSKI et al 2017).

Esse caminho de movimento entre os olhos e imagens além das memórias são movimento que implica em aproximações e distanciamentos na pesquisa, (PIMENTEL, 2009, p.163) recorre dar ênfase no pesquisador-educador, binômio na formação do professor-educador como pesquisador, a pesquisa de campo me deu em poucos dias uma leitura vivida que as teorias não me completaram.

Entretanto é necessário discutir os engessamentos históricos que chegam às escolas como um todo, ciências que se tem como recorte factual dos processos científicos e encontrar caminhos para uma educação decolonial.

**18 de novembro de 2021**

Figura 12 - Oficina de foto/bordado - Sanciaray Rosa, Professora Eliziane, Lili, Eva, Vera e professora Carolina



Fonte: o Autor, 18 de novembro 2021

Figura 13 - Oficina de foto/bordado - Sanciaray Rosa. Imagens Dona Joana de Andrade, Gislaïne e sua filha Joaninha



Fonte: o Autor, 18 de novembro 2021

A historiadora Lilia Schwarcz (2018) sinaliza que as representações visuais demonstram a capacidade de copiar a realidade e também produzi-la como espelho do cotidiano.

As imagens guardam imensas potências de síntese e informações e ao capturar “o momento” escolhe-se o que mostrar ou o que não mostrar, obviamente que cientistas sociais se debruçam nos estudos de imagens e símbolos de forma analítica principalmente sobre a ideia das áreas de estudos sobre o imaginário e os estereótipos que muitas imagens, símbolos, esculturas (SCHUWARCZ, 2018).

Este é sobretudo um apelo aos mais novos pesquisadores: não deixemos a imagem do nosso povo morrer, que possamos lembrar e multiplicar nossa força e nossa arte, as nossas representações de luta, nossa ancestralidade. Somos parte de um país que necessita democracia, somos parte de uma Academia que pode e deve ser utilizada em nosso favor (SCHWARCZ, 2018).

Ainda sobre as imagens Andrade et al (2020) refere-se ao trabalho de iconografia do negro na transição do começo do século XIX para o XX e as imagens produzidas no período coadunam para os estereótipos já mencionados e conforme

descrito pela autora e autores colocam o colonialismo cultural racial como *modus operandi* do período com a concepção de “racismo científico”.

A ideia de retratar o negro é como elabora (SCHWARCZ, 1993 apud ANDRADE, et al 2020), dos escravizados ainda no século XIX e (pós-abolicionismo, republica) a imagem demonstra o olhar europeu e por consequência uma eurocêntrica olhar colonialista das imagens.

Em trazer imagens para o texto, penso nas imagens como um “todo”, livros didáticos, o áudio visual e toda imagem sobre o negro no Brasil, imagens sérias que denotam denúncias muitas vezes como o caso de *Cabra Marcado para Morrer (1984)*, o documentário de Eduardo Coutinho, assim como *Expedito: Em Busca de Outros Nortes (2006)* ou *Queimada (1969)*, sempre me causou a impressão de uma visão do “exótico não compreendido da cena/imagem”.

Trazida a sensação do primeiro campo em agosto e já na semana que precedia o segundo campo na comemoração da consciência negra, são imagens do campo que geralmente são divulgadas com critério de estudos etnográficos e como caráter de registro histórico, mas que ainda me causam incômodo as estruturas percorridas ao longo do século XIX, XX e XXI.

Pontuado as imagens, o 18 de novembro experimentei a vivência do olhar, vi a escola quilombola, estavam reunidas professoras, merendeiras, alunas e alunos, consegui vislumbrar a inquietude das fotos/bordado e a quietude dos trabalhos, um fim de tarde que chovia mais que nos alegrava por participar.

Essa transição de agosto até novembro levei comigo esses pensamentos sobre a concepção das imagens pensando sobre os livros didáticos, iconografias e “mentalidade da imagem”, confesso que o segundo campo fiz mais de duzentas fotos, vídeos sobre a romaria de São Gonçalo e o teatro de Santo Antônio.

19 de novembro de 2021

Figura 14 - Teatro de Santo Antônio



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

Figura 15 - Imagem de Santo Antônio



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

Experimentei em no sentido de escola um dos melhores momentos em dez anos, já havia vivido alguns bons momentos, mas esse do teatro de Santo Antônio causou-me alguns impactos.

Um deles é que depois de um ano e meio eu retornava a uma escola, obviamente havia saído do PSS por conta do mestrado e com a pandemia e o isolamento não ouvia mais os barulhos das escolas que tanto estava acostumado.

O professor que vivencia um sexto ano jamais esquece, isso causou-me saudades e outro motivo era a própria dimensão da pesquisa, ver o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos em um momento de comemoração.

Antes do teatro sobre Santo Antônio, houve dois momentos uma conversa com as mulheres em uma das salas da escola sobre feminismo negro e Debora Olímpio e eu participamos em outra sala com o filme “*Meu nome é Maalun*” que consistia em roteirizar a ideia de cinema com os alunos e a liberdade para montarem e produzirem.

Figura 16 - Alunos, professor Benedito e Débora Olímpio - Oficina de facilitação gráfica



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

O filme trata questões importantes sobre o racismo e a baixa autoestima de uma menina negra que deixa de gostar de seu nome por conta do racismo dos

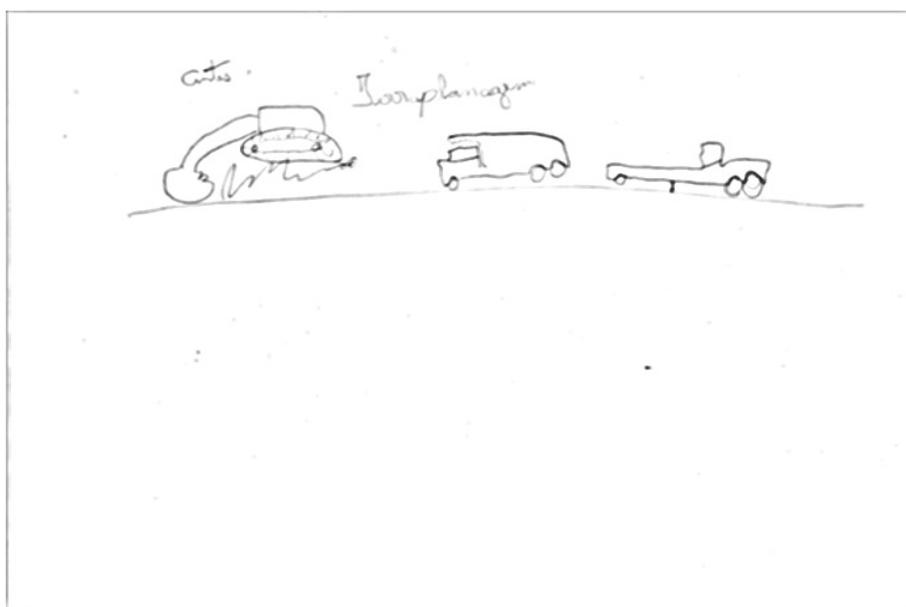
colegas. Em si, a ideia era falar de um processo da escola e da lei 10.639/03 e o que os alunos e no caso o professor Benedito que nos acompanhava, achavam.

Figura 17 - Alunos, Glauber Coutinho Gomes e Débora Olímpio - Oficina de facilitação gráfica



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

Figura 18 - Oficina de facilitação gráfica



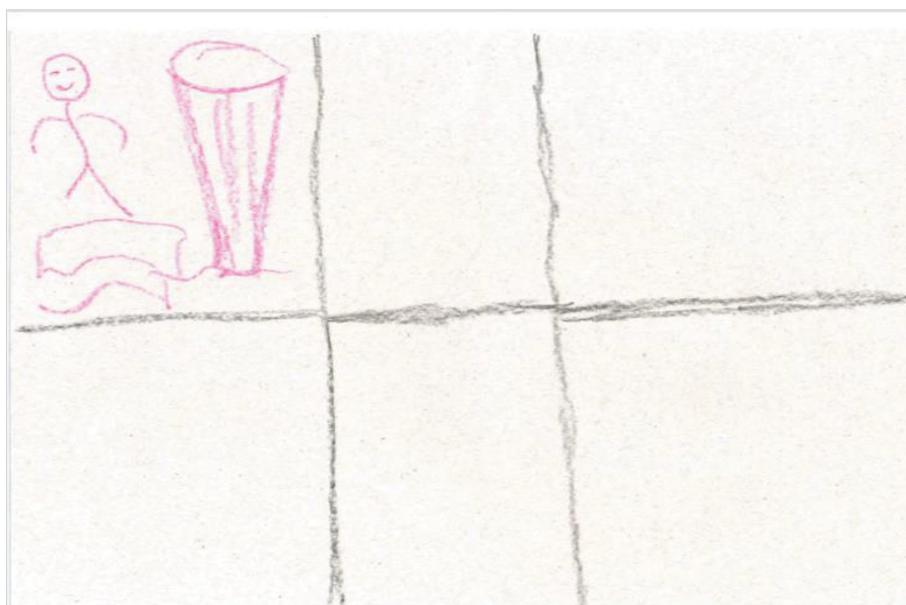
Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

Figura 19 - Oficina de facilitação gráfica



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

Figura 20 - Oficina de facilitação gráfica



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

### 3.11 DOCUMENTÁRIO E A FESTA DE SÃO GONÇALO

A sexta-feira 19 de novembro me deu uma equipe multidisciplinar em forma do grupo Joana de Andrade e também a oportunidade de uma aula em sala de aula, aprendi aspectos outros diferentes das quais havia entendido nos anos de sala de aula.

À noite foi programado o documentário produzido pelas mulheres da comunidade e pela professora Sanciaray Rosa, algo que emocionou demais a todas e todos.

Figura 21 - Carolina dos Anjos, Fabiane Moreira, Sanciaray Rosa e a Diretora Cassiane Matos.



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

Antes da romaria e das apresentações da dissertação da professora Fabiane moreira e do documentário da professora Sanciaray Rosa, algumas conversas posteriores ao documentário como o da professora Carolina dos Anjos de Borba, que deu de presente a Diretora Cassiane Matos o livro Terras negras nos dois lados do atlântico.

A comidoria estava presente na noite, biju, pastel de farinha e tudo que se pode deixar essa relação e confluência dos que lá estavam, a festa após a romaria de São Gonçalo foi até a madrugada.

A Romaria de São Gonçalo era algo sublime que completava a transição da noite do dia 19 de novembro de 2021 para o 20 de novembro de 2021, em alusão a “música da Vila Isabel” imaginava o (20) a forma de Luiz Carlos da Vila:

Valeu Zumbi!  
O grito forte dos Palmares  
Que correu terras, céus e mares  
Influenciando a abolição  
Zumbi valeu!  
Hoje a Vila é Kizomba  
É batuque, canto e dança  
Jongo e maracatu.  
(Kizomba, a festa da raça, 1988)

Ouvia os burburinhos de como era a romaria, como começou o que diziam e esses aprendizados que nos levam à educação confluyente com a escola, ela segue como água e flui no processo.

Não importa como essas histórias chegam até nós, nem importa achar uma verdade histórica, importa que sejam contadas e recontadas, vividas nos moldes de quem ouviu e viveu, contar essas histórias são geradoras de educação, vertentes são caminhos que levam a renovar a cada momento.

Figura 22 - Festa de São Gonçalo



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

Figura 23 - Festa de São Gonçalo



Fonte: o Autor, 19 de novembro 2021.

Cruz (2008) descreve:

Momento importante da exposição foi quando uma das pessoas da comunidade pegou a imagem de Santo Antônio e começou a expor o sentido que ela tinha para o quilombo, dizendo que a comunidade começou mesmo com sua devoção e com a criação da primeira igreja para aquele santo padroeiro de João Surá. Nesse momento outro morador retirou-se e, após alguns minutos, retornou dizendo: já que falaram em Santo Antônio tem que trazer o outro, o compadre dele. Dito isso, colocou a imagem de São Gonçalo, que havia pego na Igreja, ao lado do outro santo. Ao término da reunião combinamos que à noite executaríamos uma volta da romaria de São Gonçalo. (CRUZ, 2008, p.87).

Passamos por um dia inteiro com os dois santos e com a dimensão de tratados “como os da casa”, sabia que santo Antônio é casamenteiro, mas no teatro que vi a história de uma mãe que pede a santo Antônio que interceda por seu filho que fez pacto com o diabo e o diabo retirou-lhe parte da roça.

A romaria aconteceu e uma das pessoas que me trazem lembrança foi o professor Aparecido que como já disse antes da romaria me falou muito sobre os cestos e os processos para a farinha, o tipiti dentre tantas coisas que a memória deste leigo ficou abismada.

Outra que jamais esquecerei e estava na romaria foi a professora Glasiele Andrade que na visita em agosto enquanto conversava com a professora nos serviu um doce de laranja que os sabores de minha memória jamais esquecerão.

Cruz (2008) relata a circularidade da dança e comunhão da execução da romaria, outra descrição que o autor traz é de uma conversa com dona Joana de Andrade sobre São Gonçalo e brancos e pretos brigavam, inventavam cantorias e dava em briga, uns maltratando os outros e fizeram essa cantoria para apaziguar os ânimos.

Cruz (2008) também em conversa com Dona Dita as voltas da promessa, no que ouvi que caso não fosse cumprida a promessa aumentavam as voltas quando fossem cumpridas e que geralmente era para promessas de casamento. Já na conversa de Dona Dita com o professor Cassius Cruz ela conta de um parente que está definhando e posteriormente das nove voltas.

Essas histórias que cruzam o imaginário e nos enchem de capilaridades de não termos nos deixam possibilidades inúmeras de imaginar, sonhar e pensar por onde ir é que faz sentido, a oralidade e o corpo se encontram em dimensão do contar o caso naquele momento, ver e ouvir os belos burburinhos.

Meu primeiro contato com os santos foi nesse momento e realmente ficou a alegre visão da festa e da romaria, ficou um dia de aprendizado e cumplicidade com o ouvir, falar e olhar, mas olhar.

Como eu não sei rezar  
Só queria mostrar  
Meu olhar, meu olhar  
Meu olhar.  
(Romaria, 1977).

Sodré (1988) em *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira* traz um momento da espacialidade da dança e traz também que o ocidente não aceita a ideia de espaço por ser uma categoria nazista, para o autor o espaço é deixado de ser pensado após a segunda guerra.

Com o pensamento nagô ao invés de pensar o sentido e o tempo é pensado o espaço, também prioriza a potência, a força da potência que em conluio com o espaço, gera o poder de realização, própria de cultura de diáspora, própria do territorializar, tudo o que é desterritorializado gerou o espaço territorializado trouxe novamente (SODRÉ, 1988).

Essa circularidade da dança, da música e da romaria me trouxe essa memória do espaço, como força que não territorializa mais pela guerra, mas busca espaço, é como se a África se reterritorializasse, assim como o terreiro é o modo de vida e de

pensar, busco esse encaixar na ressemantização dos modos anteriores e também os atuais da educação quilombola (SODRÉ, 1988, p.79-80).

A referência em Muniz Sodré, serviu para situar os processos de educação que o autor descreve e explica ao falar de territórios, terreiros, corpos como princípios educativos das dimensões cosmológicas afropindorâmicas, embasando a dimensão quilombola sem justificar um pensamento uno ou monoteísta.

### 3.12 EQUIPE MULTIDISCIPLINAR - PROFESSORES

Figura 24 - Casa da Memória - Comunidade João Surá



Fonte: o Autor, 18 de novembro 2021.

Um dos passos que a lei 10.639/03 dera, foi a concepção de estudar a memória e a história das áfricas e posteriormente a 11.645/08, com a inclusão de estudos indígenas, durante os anos enquanto aluno de graduação poucas pautas sobre a lei que estabelece a obrigatoriedade do ensino.

Um desses poucos momentos foi o da igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que foi a pesquisa de um professor e contou rapidamente em uma aula, no caso do clube treze de maio sabia fora dos espaços acadêmicos.

Quando comecei a dar aula na cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná, meu primeiro contato com a possibilidade de ver as intervenções da equipe foi em 2012, visualizei pela primeira vez as exposições que eram colocadas em salas de aula, apresentações dos alunos e professores para comemorar a semana da consciência negra.

Os anos subsequentes deram-me algumas consequências da minha experiência dessas exposições, com o passar dos anos alguns grupos de professores não estavam mais dispostos a participar, ou participava por conta da pontuação do quadro, diferença mínima na carreira.

No meu universo de duas ou três escolas também fugia a pautas de reunião quaisquer que fossem, queria dar minha aula e ir embora, assim, o ano de 2016 a coordenação de um grupo de professores da equipe multidisciplinar.

A resolução nº3399/2010 sobre a equipe multidisciplinar, estabelece que a comunidade escolar participe das atividades ao decorrer do ano, no caso comecei a experimentar as datas prolongadas, os relatórios que entreguei atrasado e a condição de somente ver a equipe no dia 20 de novembro.

Como resultado caímos nos estereótipos da coisa factual e com sentido de já deu certo em outra escola, porque não na nossa? Abayomis e mascaradas africanas brotam todos os anos, como diz um samba, *“músicos, atores e escultores, pintores poetas e compositores, expoentes do país”*, negros de todas as áreas aparecem em um dia.

Obviamente não é a realidade de todas as escolas, porém, esse caso não foi único, uma das últimas experiências que tive antes do mestrado foi com uma espécie de “totem” que a pessoa entrava nele e colocava o rosto no meio do objeto, simulava

o cabelo de uma mulher negra ou homem negro, segunda a professora era um Black Power em homenagem aos negros e negras.

Tive a oportunidade de conversar com a professora e falar que não era algo legal e recebi aquela resposta: “Mas, meu marido é negro!”,

Um apanhado de anos na escola pública e tenho uma ótima experiência em 2018 no colégio João Turin com uma equipe que procurou mobilizar o ano letivo todos debates sobre as questões raciais na escola e na sociedade.

A composição principal eram os cines África e cine indígenas que visavam debater através do cinema as questões cotidianas de nossa sociedade e pensar mais que as leis ou a obrigatoriedade, mas o exercício de olhar pra dentro de nossa história.

Neste caminho de aprendizagem encaixo a concepção de aprendizagem Freireana, ao me deslocar do caminho que já estava estabelecido em meu pensar, este “círculo de cultura” que venho me inserindo levou-me a poder conhecer pessoas como a professora Carolina, professora Carina e tantos outros como citei ao longo do texto e também o professor Cassius cujo a primeira lembrança ao conhecê-lo pessoalmente foi a questão que pontuei sobre verdade histórica.

Na conversa cuidados sobre o ir além e possíveis romantizações das pesquisas em geral, uma das questões que guardava da primeira vez que vi o professor através do mundo virtual, na reunião virtual ele pontuou um estudo mais denso sobre a África no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos principalmente e dos estudos de África em geral, assim relatou:

O catolicismo lá ele é um catolicismo afro-brasileiro, ele tem mais uma pegada, dependendo da forma como trabalha, tu vais lá e trabalha as religiões de matriz Africana em contraste, em contraposição ao que está ali, que está muito presente, que é historicamente, é um elemento de resistência, de permanência que é religiosidade africana. E daí assim, há uma leitura sobre a história da África ia permitir entender melhor esse processo. Porque assim, os africanos centrais que vieram para região, eram populações que foram trazidos, eram populações que já tinham relações com catolicismo, por conta das próprias rainhas e reis. (CASSIUS CRUZ, janeiro de 2022).

O professor me explica a relação do entendimento de África e as questões dos orixás e do catolicismo no território, no caso busquei a materialização das espacialidades que Sodré (1988) relata e os elemento do catolicismo, outro autor que podemos mensurar é Kwame Anthony Appiah (2016) descreve a função da língua colonial constituída pelos intelectuais eurófonos.

Como rompe essa separação que ainda os estudos nos alcançaram a tão pouco tempo e tamanhas ideias de várias Áfricas e vários Brasis. Trazer Appia é achar dentre as questões da “invenção da África” o sentido dentro do sentido de nas línguas coloniais o futuro da nova África, entre a herança conceitual e ideias de outro mundo.

Essa coisa assim, como as africanas, esses africanos como eles se apropriaram disso, como eles fizeram releituras e escreveram. E tem vários estudos, algumas pesquisas no vale buscam elementos para fazer essa leitura, é isso que eu que eu digo. É uma leitura, digamos que potencializa apenas as religiões de matriz africanas consolidadas, elas podem, ter um investimento nesse sentido, não é? É necessário fazer esse investimento, mas é necessário também o olhar para história que, a princípio, são hegemônicas, mas mostrar que mesmo essas vezes hegemônicas, elas reapropriadas ou apropriadas. (CASSIUS CRUZ, janeiro de 2022).

O professor Cassius relata que essa hegemonia se refaz nova, de outro sentido, um olhar para a história sem essas verdades absolutas que muitas vezes pontuamos em fontes e origens formuladas. Que mesmo nas ideias, processos hegemônicos, tem sua construção histórica e precisa de uma leitura menos idealizada de como é essa África.

Algo que ficou desde a primeira vez e que também foi um aprendizado foi a casa da memória, em uma dessas questões do campo me foi orientado a perguntar ao professor Cassius sobre a casa, seu significado e sentido. Assim relatou:

A casa da memória, eu vou te falar da minha leitura, que isso pode ter outras narrativas. A história da Casa da Memória, primeiro assim, a casa da memória surge em um evento, na preparação de um evento. O pessoal vai dizer que é os 200 anos da comunidade, mas não foi, foi antes. Em 2006 teve uma ação pública, que foi o irmão do Maurício Requião foi lá e tal. E daí, nesse momento, o pessoal criou um espaço, pra exibir os objetos. E como começa isso? Isso começa em quem preparou essa audiência, ação pública no Vale do Ribeira, em 2006. Então, assim foi um processo que o GT Clóvis Moura num ano eleitoral e tal, e se tinha a ideia de fazer duas seções no Vale do Ribeira, uma em Doutor Ulysses e outro no João Surá. (CASSIUS CRUZ, janeiro de 2022).

No dia 19 de novembro tive a oportunidade de acompanhar a professora Eliziane quando terminou o teatro de Santo Antônio, tive a oportunidade de entrar na casa da memória e rapidamente vi a memória aos meus olhos, pude carregar a capelinha de Santo Antônio e ver a professora guardando o santo na igreja e depois levamos a capela até a casa da memória.

Com o professor Cassius pude aprender e ter como nova referência as questões dos museus comunitários como relato:

Uma das coisas que surgia na época, eu tinha vindo do Rio Grande do Sul e eu trabalhava com memória dos bairros, e teve um momento que a gente começou a discutir os museus comunitários, baseado na experiência dos indígenas mexicanos. Na época lá em Porto Alegre a gente até levou, acho que é Mário Camarena Ocampo, que é um cara do México, um indígena, que era sumidade sobre museus comunitários e daí nessa trajetória do Vale, eu e a Socorro, a gente começa a conversar sobre isso. (CASSIUS CRUZ, janeiro de 2022).

Outro detalhe que o professor descreve é que em conversa com Socorro Araújo, detalha o processo para trabalhar a ideia em Doutor Ulysses e também em João Surá:

Naquele momento, a ideia de fazer dois eventos foi por água abaixo, então canalizaram o que ia acontecer em dois eventos, em Doutor Ulysses e João Surá, daí a Socorro vai para lá. E a Socorro já estava iniciando os trabalhos, ela vai lá e conversa com o pessoal em João Surá, daí, pega Cassiane, pega... e daí o pessoal sai atrás das casas e começa a juntar o material. Os objetos que estão atirados no barranco e vai levando para a Casinha, que era a casinha da dona Delfina. E daí tem esse processo, eles juntam, fazem uma exposição de uma casa que seria como viviam antigamente: esteiras... Vão colocando os objetos, vários objetos, levam uma canoa para a frente e tal. Isso foi no dia 12 de maio de 2006, daí teve um evento no fim. Depois, em agosto do mesmo ano, a gente foi começar as discussões. Nesse evento... a gente podia ter um espaço pra juntar os materiais, daí que surge a ideia da Casa da Memória, inclusive o nome, naquele momento, eles colocam Casa da Memória, eles escolhem por conta desse evento. (CASSIUS CRUZ, janeiro de 2022).

O valor e significado não do material mais da memória, uma memória guardada e uma simbologia que ao abrir a casa abriu a minha reconstrução de importantes processos da minha história, o quilombo é a fonte primária de nossas vidas.

Ao formular sobre a equipe multidisciplinar e a casa da Memória e esse encontro com a comunidade de João Surá, o professor Cassius e o grupo Joana de Andrade procuro prestar uma homenagem a todas as professoras e professores.

Com isso temos as memórias de nossa escola, nosso esquecimento e nossa vida, esses caminhos de uma escola se fazem no aprender, das imaginações proféticas como desenhou bell hooks, tal pratica de liberdade vem do Quilombo, a pratica de esperança vem do negro.

“O que não podemos imaginar não podemos tornar realidade” bell hooks

#### 4. A GUISA DO COMEÇO MEIO COMEÇO.

A Educação Escolar diferenciada se efetivará com a titulação das terras das comunidades negras e com a implementação de projetos de desenvolvimento que assegurem a sobrevivência do grupo no território. A morosidade do Estado no processo de titulação das terras está levando algumas comunidades ao desaparecimento, pois as pessoas mais jovens estão saindo para outros centros em busca de trabalho. De nada adiantará as ações do MEC quando a comunidade já não mais existir (FIABANI E SANTOS, 2019, p. 13).

No decorrer desse estudo observei como as narrativas são ancoradas em buscar, buscar a educação. Quando se busca os seus, se busca as memórias ancoradas na própria memória.

Quando se fala de Educação Escolar Quilombola também se fala da própria ideia de tatear com o corpo, com a presença oriunda do completo ou de todos que estão em torno da memória de todos.

Como forma, expus-me ao processo de encontro das experiências da escola e da equipe multidisciplinar com algo mais que a dimensão de modalidade da Educação Escolar Quilombola, algo que não há lei para mensurar.

No sentido de busca da corporeidade e da escola como território, de uma educação que vem do espaço e do corpo, do pertencimento e comida, se faz em modalidade, mas se faz nos velhos e nos novos (crianças e jovens).

Caminhei nos campos do eu, do autoconhecimento e auto saber, caminhei pela etnografia das conversas que vão além da pergunta e que busca integrar-se. Com Pimentel, caminhei o caminho de Elias e Scotson de observação, como (educador/pesquisador) caminhei pelo campo etnográfico que gera aprofundamentos dos contextos de experiências diferentes vividas.

Portanto, é preciso lembrar que a pandemia e os processos de um Estado diante dos momentos de dor vividos por inúmeras famílias e que se estendeu a dimensão do corpo, da escola junta como vida presente que em silêncio passou por dois anos, assim limitou ver a escola funcionando presencialmente, ela continuou a sua dimensão a distância, mas moldando-se da forma virtual para seguir na existência de escola.

Olhar para a formação contínua e continuada no campo do viver a escola, seja ela com ou sem muros, olhar para políticas públicas, mais olhar também para os velhos e para os novos.

Dos sentidos, Maria Antonieta Antonacci mostrou-me as âncoras da memória, fixadas em território e corpo, de reviravolta decolonial ciente dos limites da cognição eurocêntrica, a autora me traz a memória de Césaire, que nos lembra a herança grega e latina como opção ou necessidade, nunca como memória impressa no corpo.

Mariléa de Almeida me deu “Quilomba” cujas mulheres são a paz de Beatriz Nascimento. Allan da Rosa me deu sua tese em poesia em meio ambiente ou ambiente e meio, deu-me *água para homens pretos*, deu-me a forma de água e da água.

Não se discute ambiente em Quilombo pois o quilombo é o próprio território em ambiente. Essa água tem seus percalços, forma de esgoto comparado ao colonialismo ou a falta dos esgotos para o povo negro em forma de racismo ambiental.

Em certa medida, quando escolhi os caminhos do tema me senti perdido, confesso também que o tema Educação Escolar Quilombola é vasto e denso. Não é vergonha não entender, muito do pouco que sei foi uma maratona de dois anos de mestrado para tentar traduzir o que minha mente absorvia das disciplinas e conversas.

Como fonte que vislumbrou o conhecimento tive base nas pesquisas com Rosilene Komarcheski e Cassius Cruz, as histórias e fundamentos lá estavam com a completude de Benedito Freitas e Eliziane Matos.

Aprender é todo dia com Carolina, Roberto e Carina, com Patrícia e com o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos. Que bom aprender com os velhos, são eles a educação descrita, a vida e o próprio corpo-território, são a escola viva ou a escola lembrada, são as Aparecidas, Paulos ou Clarinda e portos do "sabimento", do "fazimento" e da "boniteza".

O Quilombo, o Quilombismo ou a Aquilombagem já não são mais efeitos dos livros didáticos que passou em minha infância ou a história que se apresentou como concepção parnasiana do silêncio do Brasil para com os negros. Romper com a lógica e desmercantilizar o saber, não assaltando o saber, oferecendo o que tem de melhor, transformar pelo saber e para o saber.

Como diz Nego Bispo, nas comunidades o saber não é mercadoria, quando se tem o saber se sabe fazer, assim, construir uma outra lógica, a lógica do lugar,

especializado nas proximidades e contatos, que na circularidade faz aprender e faz saber, faz educação e faz território.

Na música do poeta Rui Mingas chamada meu amor vem os sentidos do amor à terra:

[...]Teu corpo, um movimento, teu sabido esperar, esperar!  
 Meu amor, sem o medo, dos aromas da fruta  
 Da paz que não desfaz, às vitórias da luta  
 Do amor sobre a guerra  
 Meu amor, meu amor, meu amor  
 Minha terra, meu amor minha terra  
 (MEU AMOR - RUI MINGAS – 1976)

Foram os diários de trocas de peles de Eduardo Miranda que mostraram a Exunêutica das linhas epistemológicas do corpo para trilhar perspectivas teóricas e experiências novas.

A corporeidade é a fundamentação da ancestralidade africana, como destaca Muniz Sodré, faz pensar educação no corpo, no sentido de adivinhar por ele e para ele.

Ainda em referência a Muniz Sodré, o corpo é o trapo do mundo ocidental, feito da cabeça, da razão, das colonialidades e histórias do como ser pela imposição da fonte da verdade, da produção que hierarquiza e define mundo, desenvolvimento e humanidade.

E o toque de atabaque que atravessa o corpo pelo pensamento desse corpo, música de nosso corpo, espaço de nós em coletividade e agregação “das gentes todas”. Assim como os terreiros, os quilombos são categorias civilizatórias do pensar educação, pensar esse corpo coletivo de função de Educação Quilombola.

O Quilombo é como a casa da memória, metáfora para que se caminhe até ela, educação é esse movimento, espaço como território, corpo como educação iniciática. Assim como o respaldo da visão de Muniz Sodré, em Conceição Evaristo que emprestei os becos da memória, também emprestam Miriam Alves:

[...] Ah!  
 Esta América Ladina  
 As três caravelas pintaram destinos  
 Santa Maria, nada teve a ver comigo  
 Pinta, roubou-me o colorido natural  
 de ser eu mesma  
 Nina, enfiou-me pela goela  
 mamadeira de sangue, sal e urina

Até hoje me Nina em seus podres berços de miséria.  
Miriam Alves  
(Poema: Salve América, vol.25, cadernos negros, 2019)

Assim é a educação que nos faz ir além de responder, de lutar ou resistir. A educação como Conceição Evaristo diz ao falar que aprendeu com Miriam Alves que: “Gueto é o lugar para onde eles nos empurram e Quilombo é o lugar parar onde a gente quer ir!”.

Começo meio começo!

## 5. REFERÊNCIAS

- ADES, César. **A memória partilhada. Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial. Psicologia USP, 2004, 15(3), 233-244.
- ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola**. Editora Appris Ltda., 2018.
- Almeida, F. L., & Rodrigues, J. J. S. (2022). **SER NEGRA(O) E ASPIRANTE A ETNÓLOGA(O): : NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO COM OS KIRIRI**. Revista Prelúdios, 10(10), 72–90. <https://doi.org/10.9771/revpre.v10i10.37681>
- ALMEIDA, Mariléia. **Devir Quilomba: Antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas**. São Paulo Elefante 2022.
- ANJOS, J.C.; SILVA, S.B. (Org.). **São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. **No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, 2006.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. **No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, 2006.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos, DA SILVA, Sergio Batista. **São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais**. UFRGS, Fundação Palmares. 2004
- APPIAH, Kwame Anthony; RIBEIRO, Vera. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Contraponto Editora, 2020.
- ARRUTI, José Maurício. **Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola**. Revista Contemporânea de Educação, v. 12, n. 23, p. 107-142, 2017.
- ARRUTI, José Maurício. 2008. **“Quilombos”**. In: **Raça: Perspectivas Antropológicas**. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA. Acessado em 30/10/2014: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8749/1/\\_RAC%CC%A7A\\_2ed\\_RI.pdf\\_.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8749/1/_RAC%CC%A7A_2ed_RI.pdf_.pdf)
- ARRUTI, José Maurício. 2009. **“Políticas Públicas para quilombos: Terra, Saúde e Educação”** In: Marilene de Paula e Rosana Heringer. (Org.). Caminhos Convergentes - Estado e Sociedade na Superação das Desigualdades Raciais no Brasil, Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, ActionAid, v. 1, p. 75-110. Acessado em 30/10/2014: [http://br.boell.org/sites/default/files/caminhos\\_convergentes.pdf](http://br.boell.org/sites/default/files/caminhos_convergentes.pdf)

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Arte e Ciências; Superintendência de Educação à Distância, 2019. Disponível em:  
<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/554207/2/eBook%20-%20Interseccionalidades.pdf>.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: Educ. 2013

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013.

BÂ, Amadou Hampaté, **A Tradição Viva**. In. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed.rev.– Brasília:UNESCO,2010.Capítulo 8,p.167.

Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249por.pdf>>  
acessado em: 03 de novembro de 2017.

BARROS, Ilena Felipe. **TRABALHO ASSALARIADO NO CAMPO E NOVAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO CAMPONESA**. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, v. 16, n. 1, 2018.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e família**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.29-42, 1998.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Autêntica, 2018.

BOSI, Alfredo (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BORBA, Carolina Oyamade dos Anjos. **Terras negras nos dois lados do atlântico: Quem são os proprietários? Estudo comparado- Cabo Verde/Brasil**. NEAB/SIPAD. UFPR. Curitiba, 2020.

BONZATTO, Eduardo Antônio. **Aspectos da História da África, da Diáspora Africana e da Escravidão Sob a Perspectiva do Poder Eurocêntrico**. Ícone; 1ª edição (2 janeiro 2017).

BRASIL. MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília. 2012.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Ateliê editorial, 2003.

CARNEIRO, Édison. 1988 [1958]. **O quilombo dos Palmares**. Rio de Janeiro: Companhia Nacional (Brasiliana, 302).

CAMBUY, Andréia Oliveira Sancho. **Comidoria em João Surá: o sistema alimentar como um fato social total**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

CCN / SMDDH, 1998. Projeto vida de negro: 10 de luta pela regularização e titulação das terras de preto do Maranhão.: São Luís

CRUZ, Cassius Marcelus et al. **Participação comunitária na educação escolar quilombola: a Carta de Anuência no quilombo João Surá (PR)**. Revista Brasileira de Educação do Campo, v. 7, p. e12409-e12409, 2022.

CRUZ, Cassius Marcelus. **Trajetórias, lugares e encruzilhadas na construção da política de Educação Escolar Quilombola no Paraná no início do III milênio**. 2012.

DA SILVA, Alexandra Lima. **Jardim secreto: Educação como desejo de liberdade na diáspora africana**. Mauad Editora Ltda, 2021.

DA SILVA ANDRADE, Cibele Barbosa; TINÉ, Gustavo Henrique Ribeiro. **A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO VISUAL SOBRE O NEGRO (1850-1914)**. anpuh. 2020

DA SILVA, Simone Rezende. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. **CONFLITO, TERRITORIALIDADE E DESENVOLVIMENTO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CAMPO AMAPAENSE**, p. 13, 1998.

DE ALMEIDA, Mariléa. **Territórios dos afetos: O cuidado nas práticas femininas quilombolas contemporâneas do Rio de Janeiro**. Revista Transversos, n. 8, p. 218-234, 2016.

DE OLIVEIRA, SIMONE BARROS et al. **IDOSOS QUILOMBOLAS, IDENTIDADE ÉTNICA E MEMÓRIA**. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, v. 16, n. 1, 2018.

DE SOUZA PINTO, Sueli; MEZZOMO, Frank Antônio. **A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO ESTADO DO PARANÁ: EXPERIÊNCIAS DO QUILOMBO SUTIL**.

DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. **O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3ed. Rio de Janeiro. Pallas Editora, 2017.

ESTADO DO PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E GEOCIÊNCIAS. **Terra e cidadania: terras e territórios quilombolas**. Grupo de Trabalho Clóvis Moura - relatório 2005-2008. Curitiba, PR: ITCG, 2008, p. 55.

ESTADO DO PARANÁ. SECRETARIA DE EDUCACAO. **Resolução nº 3399/2010 – GS/SEED**. Resolve compor Equipes Multidisciplinares nos Núcleos Regionais de Educação – NREs e Estabelecimentos de Ensino da Rede Estadual de Educação Básica. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>> Acesso em: 25out.2021.

FARAH, Paulo Daniel. **Hampâté Bâ leva oralidade africana ao papel**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1609200312.htm>> Acesso em: 11nov.2017.

FLORES, Maria Assunção. **Algumas reflexões em torno da formação inicial de professores**. Educação, v. 33, n. 3, p. 182-188, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS JUNIOR, Benedito Florindo. **Escola quilombola e escola do campo: a luta por uma educação decolonial no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos e na Escola Municipal do Campo Augusto Pires de Paula**. 2021

FERREIRA, Antônio et al. **O currículo em escolas quilombolas do Paraná: a possibilidade de um modo de ser, ver e dialogar com o mundo**. 2014.

FERNANDES, L. E. O. . **Como a Inglaterra elisabetana pensou um império na América: piratas, cimarrones e o sufocamento espanhol (décadas de 1570-1590)**. 2020. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

FIABANI, A. **As diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola São Leopoldo** | v.18 n. 3, ed. esp. p. 345-356 | dez. 2013

FIABANI, Adelmir Fiabani, DOS SANTOS, Eliziane Sasso– **Educação em comunidades negras rurais: Do sonho à realidade**. UNIPAMPA/Jaguarão. 2019. <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2006/Adelmir%20Fiabani.pdf>

FIABANI, Adelmir; FIABANI, Tainá. **A DOR DO INOCENTE: IMPLICAÇÕES DO RACISMO PARA A CRIANÇA NEGRA**. Diversidade e Educação, v. 8, n. 2, p. 628-647, 2020.

FIABANI, Adelmir. **Quilombos e comunidades remanescentes: resistência contra a escravidão e afirmação na luta pela terra**. Revista de Estudios Brasileños, v. 5, n. 10, p. 39-52, 2018.

FIABANI, Adelmir. **O quilombo antigo e o quilombo contemporâneo: verdades e construções**. Simpósio Nacional de História, v. 24, p. 1-10, 2007.

GALLINARI, Tainara Sussai. **A Educação Escolar Quilombola: o caso do Colégio Estadual Quilombola Maria Joana no município de Palmas-PR**. 2018. 54 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

GALLO, Sílvio et al. **Em torno de uma educação menor: variáveis e variações**. Reunião Nacional da ANPEd, v. 36, 2013.

GALLO, Sílvio; FIGUEIREDO, Gláucia Maria. **Entre maioria e minoridade: as regiões de fronteira no cotidiano escolar**. Aprender-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, v. 1, n. 14, 2015.

GUAZZELLI, Cesar A. Barcellos, PINTO, Céli Regina Jardim, **Ciências Humanas: pesquisa e método** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

GENTILE, P. BENCINI, R. **Remanescentes de quilombos: descobrir a própria história**. Nova Escola on-line, ed. 165, set. 2003. Disponível em: [http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/indice\\_anteriores\\_2007.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/indice_anteriores_2007.shtml). Acesso em: 30 maio 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. 2002. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo, FUSP/ Editora 34

GLISSANT, Édouard; JORGE, Eduardo; VIEIRA, Marcela. **Poética da relação**. Bazar do Tempo, 2021.

GOMES, F. S. **Histórias de Quilombolas. Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro -- séc. XIX --** Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2006b.

HALBWACHS, Maurice. 2006. **A memória coletiva**. Trad: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Revista Periódicus, v. 1, n. 14, p. 242-262, 2020.

HASENBALG, Carlos. 1992. **“Discurso sobre a raça: pequena crônica de 1988”**. Em Hasenbalg, C. e Silva, Nelson do V. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, ed./ IUPERJ.

HOOKS, bell, **ensinando comunidades: uma pedagogia da esperança**. São Paulo. Elefante. 2021.

FREITAS JÚNIOR, Benedito Florindo de. **Educação e Movimentos Sociais: Escola do Campo e Escola Quilombola**. Dissertação. UFPR. 2021.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações sociais**, v. 17, n. 44, p. 1-21, 2001.

Kozinets, Robert V. and Eric J. Arnould (forthcoming), "Ruminations on the Current State of Consumer Ethnography" in Bente Halkier and Margit Keller, eds., Routledge Handbook on Consumption, London: Routledge.

KOMARCHESKI, Rosilene. **Redes de re-existências desde o Quilombo João Surá**. - Curitiba, 2019.

LE GOFF, Jacques. **Memória - História**. Lisboa: Imprensa Oficial/ Casa da Moeda, 1984. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, I.B. **Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 123-150, maio 1999.

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. **O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história**. In: **Conferencia Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas, Kansas City, Missouri**. 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEF, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. EDUFBA, 2009.

MACIEL<sup>1</sup>, Carlos Alberto; GRIGOLATO, José Francisco; STRACHULSKI, Juliano. **IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS CAUSADOS PELO MONOCULTIVO DE PINUS NO BAIRRO OURO VERDE, SENGÉS-PR, BRASIL**.

MALATIAN, Teresa Maria. **DA ANTROPOLOGIA CULTURAL AO MATERIALISMO HISTÓRICO: PRIMEIROS ESTUDOS DE CLÓVIS MOURA SOBRE O NEGRO**. *rth*, v. 22, n. 2, p. 123-136, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. Editora Perspectiva S/A, 2021.

MATHIAS, Mércia Santana, SILVA, Petula Ramanauskas Santorum e. **A etnografia e observação participante na pesquisa qualitativa**. *Ensaio Pedagógico* (Sorocaba), vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.54-61

MAZZA, Débora et al. **Memoriais. Memoriais: registro de uma experiência de formação continuada**. Rede Municipal de Educação de Campinas e Universidade Pública (UNICAMP) Campinas, SP: FE/UNICAMP, 72p (E-BOOK). 2016.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Quilombos e Educação: identidades em disputa**. *Educar em Revista*, v. 34, p. 193-207, 2018.

- MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência** / Eduardo Oliveira Miranda. - Salvador: EDUFBA, 2020.
- MOURA, Clóvis. **O Negro: de bom escravo a mau cidadão**. São Paulo: Ed. Dandara. 2021
- MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Conquista. 1972.
- MOREIRA, Fabiane, ROSA, Sanciaray Yarha Silva da. **Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos: olhares sobre educação na Comunidade de João Surá**. Guaju, Matinhos, v.5, n.1, p. 218-234, jan./jun. 2019.
- MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Educadores e alunos negros na primeira república**. Brasília- Ludens 2008.
- NASCIMENTO, Abdias. 1980. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 281p.
- NASCIMENTO, Luis Eduardo Gomes do, **Os Quilombos como novos nomos da terra: da forma-valor à forma-comunidade** - 1. ed. - Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, **Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.
- NORA, Pierre - **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. traduzido por KHOURY, Yara Aun, Departamento de História PUC-SP. Projeto História São Paulo, novembro de 1993.
- OLIVEIRA, P. S. Vidas Compartilhadas. **Cultura e Relações Intergeracionais na Vida Cotidiana**. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 2011
- OLIVEIRA, Klebson et al. **Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico**. 2006.
- OLIVEIRA, Klebson; LOBO, Tânia Conceição Freire. **O nome dela era Rosa: epistolografia de uma ex-escrava no Brasil do século XVIII**. ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. 1ed. Salvador: EDUFBA, v. 1, p. 788-813, 2012.
- OLIVEIRA, Rafael Domingos. Vozes Afro-atlânticas: **Autobiografia e memórias da escravidão e da liberdade**. São Paulo. Elefante. 2022.
- PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PARÉ, Marilene Leal; OLIVEIRA, Luana Paré de; VELLOSO, Alessandra D.'Aqui. **A educação para quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da Comunidade Kalunga de Engenho II (GO)**. Cadernos Cedes, v. 27, p. 215-232, 2007.

PASSOS, Pâmella; SOUZA, Pedro; DA SILVA, Sandrine Barros. **Fazendo ouvir cantos de alegria e soluçar de dor: a visita à Pequena África como uma prática educacional antirracista**. PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, v. 11, n. 20, p. 69-89, 2021.

PEDROSO, Tânia Mara. **A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO: ESTADO DO CONHECIMENTO (2003-2013)**.

PEREIRA, Olga Maria Lima. **A dor da cor: reflexões sobre o papel do negro no Brasil**. Cadernos Imbondeiro, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2012.

PIMENTEL, Álamo. **Considerações sobre a autoridade e o rigor nas etnografias da educação. Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: EDUFBA, p. 127-173, 2009.

PIMENTEL, Álamo. **Atitude etnográfica na sala de aula**. Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscolonias, Recife, v. 4, n. 2, p. 49-72, 2014.

QUADROS, Eduardo Gusmão de MALERBA, Jurandir e ROJAS. **HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA EM PERSPECTIVA CRÍTICA**. Carlos Aguirre. Historiografia contemporânea em perspectiva crítica. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

REIS, João José e Gomes, Flávio (Orgs). 1996. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 509p.

REIS, João Carlos; UHLE, Ana Rita. **Historiografia e Quilombo na obra de Beatriz Nascimento**. 2019.

RECH, Aryana Lucia. **MEMÓRIA DE VELHOS ATRAVÉS DA NARRAÇÃO ILUSTRATIVA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**. Revista Educação, Artes e Inclusão, v. 12, n. 2, p. 27-48, 2016.

REZENDE-SILVA, Simone. **Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra**. XII Colóquio de Geografia, Bogotá, v. 7, 2012.

ROCHA, Gabriel dos Santos. **Rebeliões da Senzala de Clóvis Moura: uma abordagem histórica da luta de classes no Brasil**. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, v. 25, 2020.

ROCHA, Vanessa Gonçalves da. **A constituição da docência para a educação escolar quilombola no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos na comunidade de João Surá-PR.** 2020.

RODRIGUES, Camila Machado; REZENDE, Gisele; DE SOUZA, Josiane Custódio. **HERANÇAS E SABERES DE: HAMPATÊ BÂ, ENTRE O MENINO FULA E A TRADIÇÃO VIVA.** Anais Seminário de Filosofia e Sociedade, v. 2, n. 1, 2017.

RODRIGUES, Donizete; HEINEN, Ingrid. **Católicos, evangélicos e umbandistas: Diversidade religiosa numa comunidade quilombola da Amazônia paraense.** Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, v. 17, n. 2, p. 505-536, 2020.

ROSA, Allan da. **Águas para homens pretos: imaginário, cisma e cotidiano ancestral (São Paulo século 19 ao 21).** Veneta, 2021.

RUFINO, Joel. **Saber do negro.** 1ed. Pallas rio de janeiro. 2015.

SANTOS Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações.** 2015. Brasília. INCTI/UnB. 5pp.

SANTOS, Maria Taires dos; LACERDA, Roberto dos Santos. **A paz quilombola e a produção de saberes tradicionais de cuidados em saúde.** Anais do III Seminário Nacional de Sociologia: Distopias dos extremos: sociologias necessárias, 2020.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios.** Plural, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SERAFIM, Olindina Cirilo Nascimento. **O caminho do quilombo: histórias não contadas na educação escolar quilombola.** Território do Sapê do norte- ES. 1ed. Curitiba- Appris 2020.

SILVA, Renata. **Linguagem em (Dis)curso. LINGUAGEM E IDEOLOGIA: EMBATES TEÓRICOS.** – LemD, v. 9, n. 1, p. 157-180, jan./abr. 2009.

SILVA, Wilson Matos da. **Nós os índios, não somos Bugres!** ISA. [www.douradosagora.com.br](http://www.douradosagora.com.br). 2009.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes.** Editora Vozes Limitada, 2012.

SODRÉ, Muniz, 1942- **0 terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira-** Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002. 184 pp. - (Bahia: Prosa e poesia).

SILVEIRA, Oliveira 1997. **“Como surgiu o 20 de novembro?”.** Em Thoth, n.3.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. 1998. **Zungu: rumor de muitas vozes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 130 p.

SOUZA, Arivaldo Santos de. **Direito e racismo ambiental na diáspora africana: promoção da justiça ambiental através do direito**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro**. 2008.

TRINDADE, Marcos Aurélio. **O conceito de “ser mais” em Paulo Freire e a relação professor-aluno**. PAULUS: COMFILOTEC, v. 7, n. 4, 2018.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.